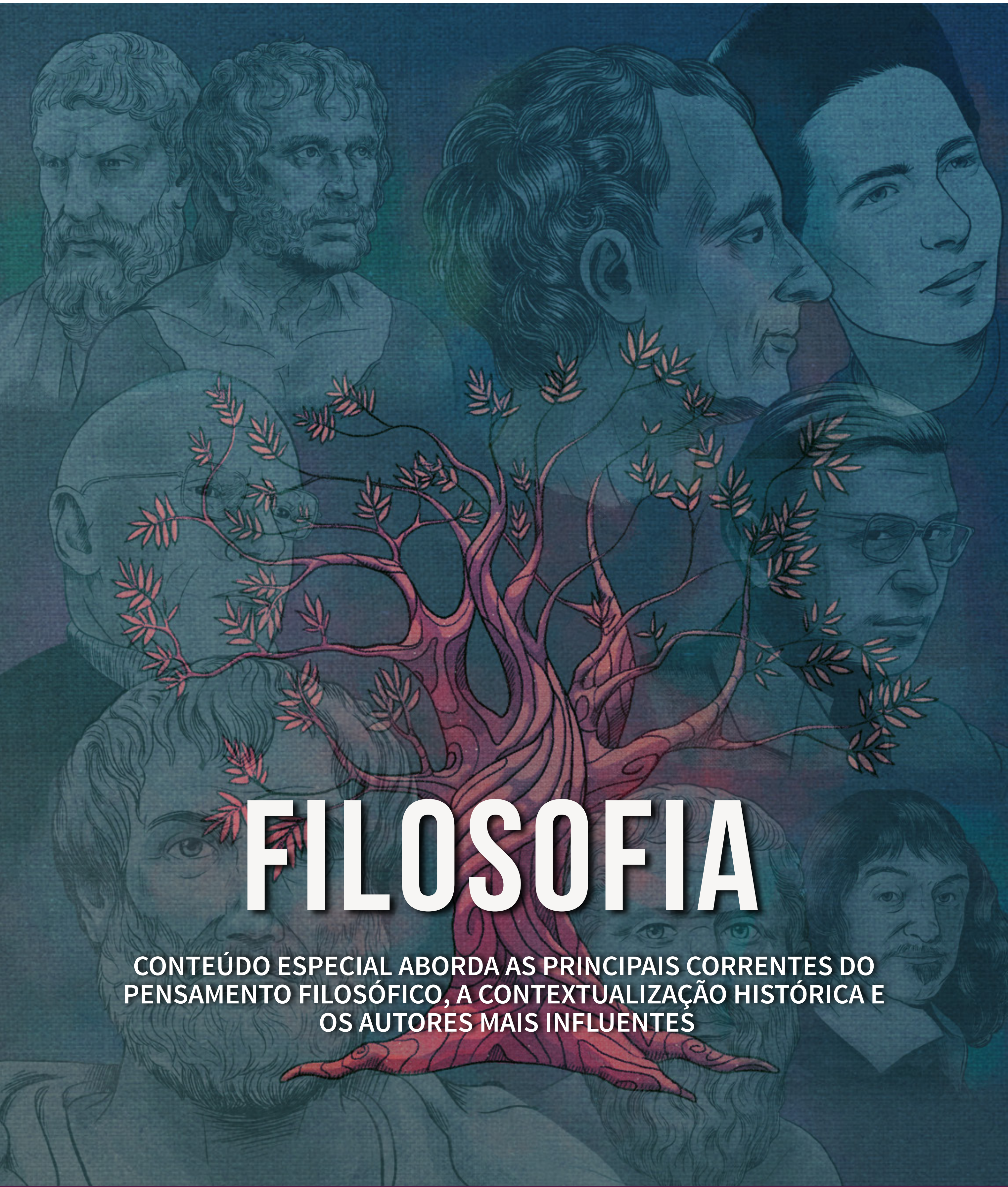
DE TALES DE MILETO A HABERMAS
A vida e a obra dos 30 filósofos mais importantes

FILOSOFIA E ATUALIDADES
O pensamento clássico e sua relação com os acontecimentos contemporâneos

Guia do Estudante ebook
WWW.GUIADOESTUDANTE.ABRIL.COM.BR
Abril
EDIÇÃO 4
2017



FILOSOFIA

CONTEÚDO ESPECIAL ABORDA AS PRINCIPAIS CORRENTES DO PENSAMENTO FILOSÓFICO, A CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E OS AUTORES MAIS INFLUENTES

2017
GUIA DO ESTUDANTE

ESPECIAL FILOSOFIA

CLIQUE NOS QUADRADOS E VÁ DIRETO PARA A PÁGINA

4 Correntes Filosóficas

14 Períodos Históricos e Principais Filósofos

116 Filosofia e Atualidades

135 Glossário

145 Simulado

CORRENTES FILOSÓFICAS

Veja as diferentes linhas de pensamento que tentam compreender o mundo

5 **Metafísica**

8 **Ética e Moral**

11 **Filosofia Política**

☒ **VOLTE AO INÍCIO**

(ISTOCK)

METAFÍSICA

A palavra metafísica (do grego, *meta ta physikd*, “o que está além da natureza”) tem sua gênese em Andrônico de Rodes, organizador da obra de Aristóteles, por volta do ano 50 a.C.

Mas o que seria a metafísica?

Segundo o filósofo norte-americano Will Durant, a “metafísica se caracteriza pela busca da realidade máxima de todas as coisas: da natureza real e final da matéria (ontologia), da mente (psicologia filosófica) e da inter-relação de ‘mente’ e matéria nos processos de percepção e conhecimento (epistemologia)”. A metafísica, dessa maneira, implica uma tentativa de ultrapassar a natureza das coisas para além do que nos aparece numa primeira impressão. Usualmente, o metafísico é aquele que vislumbra captar a essência da realidade ou da natureza, busca entender a gênese de nossos conhecimentos ou a formação de nossas ideias.

No mundo clássico, a metafísica é o ponto de partida do sistema filosófico, uma vez que analisar o ser em geral é o pressuposto para analisar as particularidades da realidade. A discussão sobre a natureza real e final da matéria tem sua gênese na filosofia pré-socrática, quando Heráclito, por um lado, afirmava que o movimento é a essência do cosmo ("tudo flui"), ao passo que Parmênides dizia que o movimento não passava de uma ilusão dos sentidos.

Ainda na Grécia antiga, Platão afirmava que o mundo sensível, isto é, o mundo que conhecemos a partir de nossos sentidos, não era mais do que "sombras" ou "aparências". Para ele, a verdadeira realidade, a essência de tudo que vemos, estaria no mundo das ideias, o mundo inteligível. Por exemplo, se, na realidade sensível, haveria manifestações imperfeitas da justiça, isso significa que, no mundo das ideias, reside a justiça perfeita, ideal.

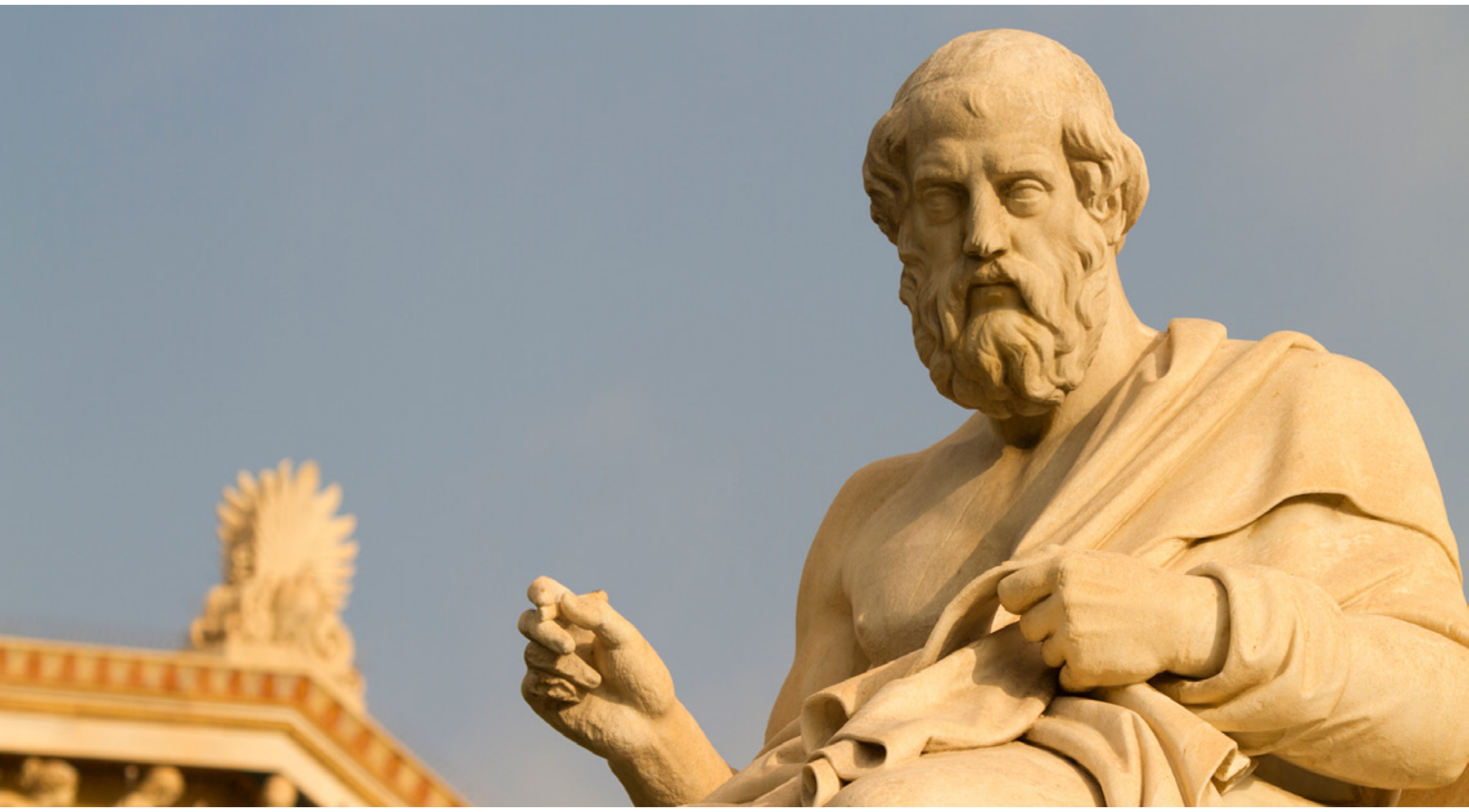
Aristóteles, entretanto, negou o dualismo platônico. Para ele, se nós, seres humanos, possuímos características em comum que nos definem como membros de uma mesma espécie, isso não significa que exista um "homem ideal", do qual derivam todos os outros. Para Aristóteles, o que ocorre é que nós temos vários elementos em comum (nossa forma) e várias particularidades (a matéria). Nossa própria mente, por um processo de abstração, efetua essa separação. Ao argumentar dessa maneira, o filósofo rejeitou a ideia platônica inatista, segundo a qual haveria ideias em nossa alma anteriores a experiências, as quais seriam despertas no contato com o mundo real.

Muitos medievais pensavam a metafísica como subdividida em ontologia (o exame da realidade em seu sentido transcendente), cosmologia ou filosofia natural (isto é, a essência da matéria), psicologia racional (pensar a alma, sua natureza e propriedades) e teologia natural (o conhecimento de Deus e as provas de sua existência). Em sua Teoria da Iluminação, Santo Agostinho, ícone da filosofia patrística, afirma que a "fé precede o intelecto", de maneira que as verdades do mundo sensível só se tornam plenas se iluminadas por Deus, o qual reside em nossa alma – ou, como disse o filósofo, é "mais íntimo a nós do que nós em nós mesmos". Santo Tomás de Aquino, ícone da filosofia escolástica, sem diminuir a importância da fé, afirmou que determinadas verdades podem ser atingidas unicamente pela razão; para ele, por exemplo, a existência de Deus poderia ser provada racionalmente, sem necessidade de fé, ainda que essa permanecesse superior ao intelecto.

Na modernidade, o debate ganha novos contornos: a problemática da consciência e da subjetividade torna-se mais fundamental. René Descartes, Blaise Pascal e Baruch Spinoza, por um lado, são tidos como racionalistas: herdeiros de Platão, para eles os sentidos são, em si, fonte de engano, e a verdade reside em última instância na razão, na qual moram as ideias inatas, isto é, anteriores à experiência. Locke, Bacon, Newton, Hobbes e Hume, por outro lado, são tidos como empiristas: herdeiros de Aristóteles, para eles não há nada no intelecto que não estivesse antes no sentido, sendo a experiência a fonte da verdade. Segundo Locke, nós nasceríamos como "tábulas rasas", e todas as ideias têm origem em alguma sensação.

Immanuel Kant supera o debate entre racionalismo e empirismo ao discutir como as ideias que provêm da experiência são encaixadas, por assim dizer, em intuições e categorias, como o tempo e o espaço. Para ele, nossa mente teria uma espécie de "óculos", sem o qual nada poderia ser interpretado. Viveríamos, assim, num mundo dos fenômenos (aquilo que nossa mente é capaz de conhecer), sendo a realidade em si, o mundo dos "númenos", inacessível. Essa virada na filosofia, quando a discussão metafísica deixa de centrar-se nos objetos para questionar o próprio sujeito e sua possibilidade de conhecimento (mostrando, enfim, que o homem é incapaz de conhecer tudo que estiver além de nossas intuições e categorias), é chamada de Revolução Copernicana da filosofia.

Depois de Kant, a metafísica nunca mais foi a mesma. No advento da contemporaneidade, as discussões sobre a teoria do conhecimento, inclusive, deixaram de ser monopólio da filosofia. Ela passou a dialogar com a neurologia e, a partir do fim do século XIX, com a psicologia de Sigmud Freud, Carl Gustav Jung e Jacques Lacan. Pensadores como Karl Marx deram ênfase às ligações entre o nosso conhecimento e o mundo material. Schopenhauer e Friedrich Nietzsche lembraram as forças irracionais que fundamentam nossa percepção. Outros pensadores contemporâneos, como Foucault, sublinharam as relações entre conhecimento e poder, ao passo que Sartre, Simone de Beauvoir e os existencialistas mostraram existir um inacabamento próprio ao ser humano e, por isso, há um protagonismo do homem na construção de si mesmo.



Estátua de Platão em Atenas (iStock)

(ISTOCK)

ÉTICA E MORAL

A palavra ética vem de *ethike*, de *ethikós*, que diz respeito aos “bons costumes” ou “costumes superiores”. De acordo com o teólogo Leonardo Boff, a palavra pode ser associada a “ethos”, que significa “morada humana”. A ética elabora uma reflexão sobre os problemas fundamentais da vida coletiva humana, como o sentido da vida, o dever, o bem e o mal, a consciência moral, entre outros.

A moral, do latim *mos*, *mores*, designa os costumes e as tradições. De acordo com Leonardo Boff, “a moral está ligada a costumes e a tradições específicas de cada povo, vinculada a um sistema de valores, próprio de cada cultura e de cada caminho espiritual. Por sua natureza, a moral é sempre plural. A moral dos ianomâmis é diferente da moral dos garimpeiros. Existem morais de grupos dentro de uma mesma cultura: são diferentes a moral do empresário, que visa ao lucro, e a moral do operário, que procura o aumento de salário. Aqui se trata da moral de classe. Existem as morais das várias profissões: dos médicos, dos advogados, dos comerciantes, dos psicanalistas, dos padres, dos catadores de lixo, entre outras”.

De que forma se articulam a ética e a moral? Segundo o professor Danilo Marcondes, a moral “diz respeito a costumes, valores e normas de conduta específicos de uma sociedade ou cultura, enquanto a ética considera a ação humana do seu ponto de vista valorativo e normativo, em um sentido mais genérico e abstrato”.

Em alguns momentos, a palavra moral é usada em sentido amplo, como sinônimo de ética. Ética e moral podem coincidir, quando, por exemplo, a reflexão filosófica sobre os direitos humanos (reflexão ética) enraíza-se numa Constituição (tornando-se a moral de uma sociedade). Entretanto, a ética acolhe transformações e mudanças: é ela, por exemplo, que nos faz refletir sobre os limites das concepções iluministas de direitos humanos, reflexão que nos cria a necessidade de ampliar essa noção. De acordo com Boff, a “ética, portanto, desinstala a moral. Impede que ela se feche sobre si mesma. Obriga-a à constante renovação no sentido de garantir a habilidade e a sustentabilidade da moradia humana (...). Não basta sermos apenas morais, apegados a valores da tradição. Isso nos faria moralistas e tradicionalistas, fechados sobre o nosso sistema de valores. Cumpre também sermos éticos, quer dizer, abertos a valores que ultrapassam aqueles do sistema tradicional ou de alguma cultura determinada”.

Na Antiguidade, a busca pela ética associava-se à busca pela felicidade. Sócrates dizia que a ética é o conhecimento do bem e do mal, da sabedoria de vida. Também para Platão a função última da filosofia é o conhecimento do bem, que reside no mundo inteligível. Em sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles defende a tese de que a virtude reside na “justa medida”, o meio-termo. É preciso, em todos os casos, ser prudente. Uma ação ética, pensa Aristóteles, conduz à felicidade, a qual é, em última instância, aquilo que a filosofia busca.

A discussão ética ganha força no período helenístico. Para os estoicos, a atitude ética consiste em bastar-se a si mesmo e viver em harmonia com a natureza, tornando-se um ser inabalável diante das intempéries do mundo e aceitando com resignação o seu destino.

Para os epicuristas, ser ético consiste em buscar os prazeres naturais e necessários: é preciso evitar os excessos na comida e na bebida, não temer a morte ou os deuses, deixar de lado a vaidade e a busca de prazeres desnecessários. A amizade, para eles, é fundamental.

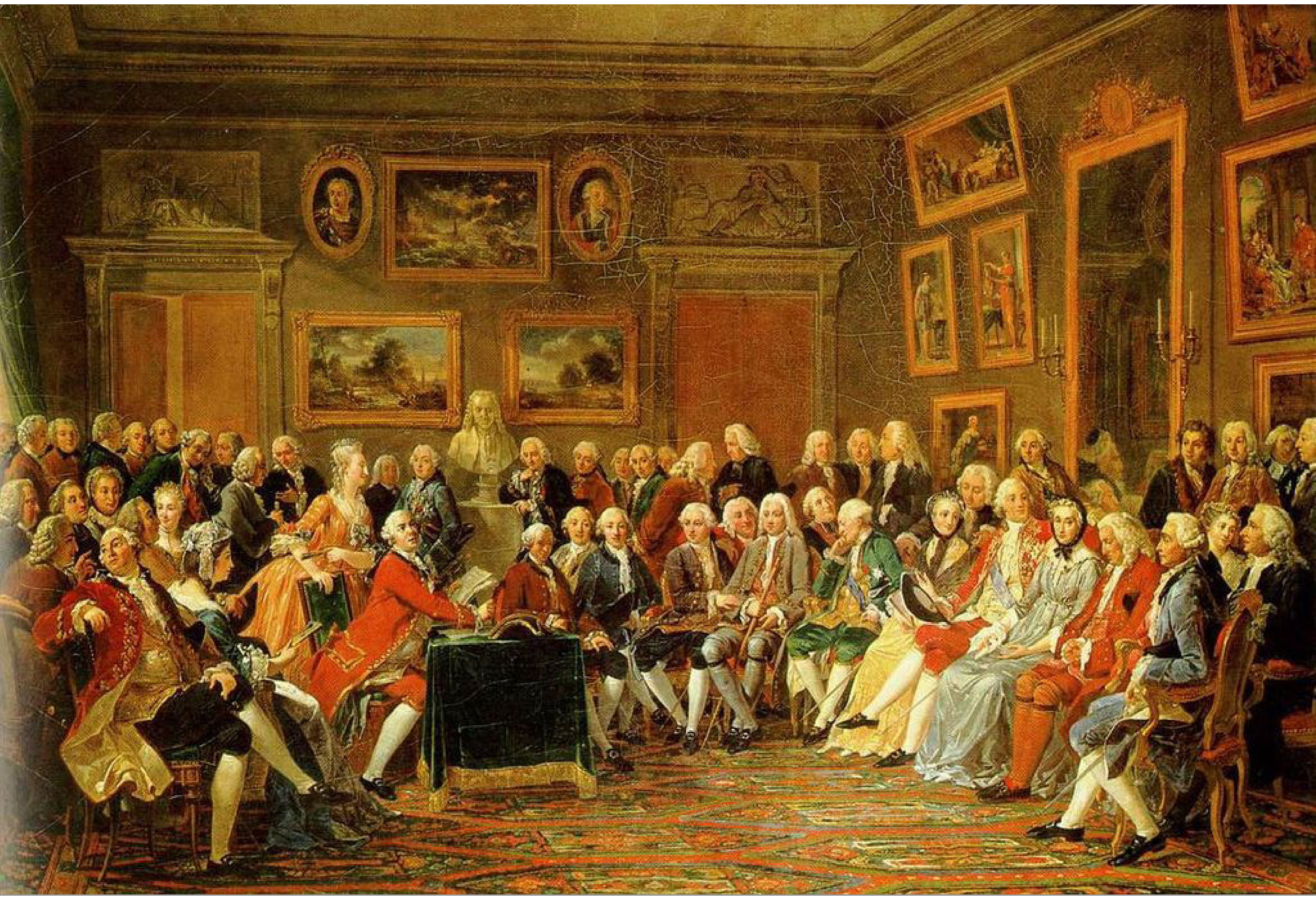
Já na Idade Média, Santo Agostinho, bebendo da tradição antiga, mostrou que toda a busca pela felicidade era, no fundo, uma busca por Deus: buscaríamos a plenitude no vinho, nas amizades e outros prazeres, mas, no fim das contas, sempre nos frustraríamos. Essa frustração decorre de um desejo íntimo por uma satisfação eterna, a qual só se realizaria em Deus. É um erro, nesse sentido, buscar a felicidade em bens mundanos; há, inscrito em nós, uma sede pelo infinito.

Enquanto, nos tempos medievais, a questão ética estava absolutamente revestida pelo cristianismo, Nicolau Maquiavel foi um nome fundamental para mudar a discussão, ao mostrar que a política, caso vise a atingir seus fins (manutenção do bom governo), deve seguir princípios distintos da ética cristã. O filósofo holandês Baruch Espinoza, em sua obra *Ética*, também rompeu com os padrões medievais. Ele buscou mostrar, de modo “geométrico”, isto é, ordenado e rigoroso, a falácia incutida nos argumentos que mostravam o homem como sujeito que dominava a natureza. Pelo contrário, ele enuncia sua máxima “Deus, isto é, a natureza”, de acordo com a qual todas as coisas, entre elas o homem e a divindade, constituem uma única substância. Essa visão é conhecida como panteísmo.

Com a emergência da tradição liberal de nomes como Thomas Hobbes, John Locke e Thomas Paine, ganha destaque a noção de liberdade como “não interferência” – a chamada “liberdade negativa” significa ter uma esfera de autonomia para a realização dos interesses e a busca da felicidade. Nesse sentido, a busca da felicidade é vista como uma ação individual. Tal concepção está ligada ao advento da noção moderna de direitos humanos, a saber, direito a vida, liberdade, igualdade e propriedade privada. O princípio ético máximo, numa sociedade liberal, é preservar os direitos do outro, para que cada um busque, individualmente, a felicidade e a satisfação, princípios que inspiraram a Constituição dos Estados Unidos: “Todos os homens têm direito à vida, liberdade e busca da felicidade”.

Na contemporaneidade, não há como discutir moral e ética sem recorrer a Friedrich Nietzsche. Crítico da modernidade e da racionalidade ocidental, ele apela para um resgate de nosso espírito “dionisíaco”, isto é, a pulsão pela vida. Além disso, ele é um crítico ferrenho da moral cristã, a qual, para ele, seria uma moral do “rebanho”, criada pelos fracos para deter o espírito criador dos fortes. Somente despindo-se da moral cristã e das ficções da racionalidade ocidental (como a Verdade e o Progresso), o homem pode superar-se a si mesmo, tornando-se o super-homem.

Depois de Nietzsche, são incontáveis os pensadores da ética, da moral e da busca da felicidade. Na atualidade, o interesse crescente por essa discussão tem levado muitos livros sobre ética às livrarias. A ética, assim, continua um signo aberto em nossa sociedade. Novamente de acordo com Leonardo Boff, “há pessoas que insistem em morar em suas casas antigas, sem delas cuidar e sem adaptá-las às novas necessidades. Elas deixam de ser o que deveriam ser: aconchegantes, protetoras e funcionais. É a moral desgarrada da ética. A ética convida a reformar a casa para torná-la novamente calorosa e útil como habitação humana”. Como o filósofo grego Heráclito dizia: “A ética é o anjo protetor do ser humano”.



Pintura de Lemonnier mostra leitura de uma obra de Voltaire no Salão Madame Geoffrin, na França (Reprodução//Wikimedia Commons)

FILOSOFIA POLÍTICA

O que hoje nós entendemos por "política" é fruto de muitos séculos de história. A palavra política (*politikos*), advinda do grego, diz respeito a tudo que concerne à administração da cidade (na Grécia antiga, a administração da *pólis*), como a lei, a soberania, o discurso ou a cidadania. A emergência do debate sobre os rumos da cidade entre os cidadãos na cidade-estado grega, em contraposição à tirania do mundo egípcio, persa e mesopotâmico, foi condição para a criação da consciência da existência de um setor específico da atividade humana.

Na obra de Platão, o político é aquele que, iluminado pela filosofia, conheceria melhor os rumos da *pólis*. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles diz que "a política utiliza-se de todas as outras ciências", tendo como finalidade "o bem supremo dos homens". Nota-se, assim, que na Grécia antiga emerge a noção de que existe um "bem comum".

O mundo romano, diferentemente do grego, nunca foi democrático. O filósofo romano Cícero disse que “o bom governante é como o tutor que zela melhor pelos interesses dos seus pupilos do que pelos seus próprios”. O Estado romano, seja em sua forma republicana, seja em sua forma imperial, atuava como um administrador que, mediante o direito romano, garantiria o bem comum.

Na Idade Média, a discussão política centra-se no debate entre o poder temporal (o poder dos reis) e o poder espiritual (o poder da Igreja Católica). Santo Tomás de Aquino, por exemplo, admitia a superioridade das leis espirituais sobre as ações mundanas.

Com o advento da modernidade e a ascensão dos estados absolutistas, o debate político ganha novos contornos. Nicolau Maquiavel admite a existência de duas éticas: por um lado, uma ética política, que admite ser às vezes inevitável o uso de mentiras e máscaras para manter o Estado; por outro, uma ética cristã, que não defende o uso do pecado em circunstância alguma.

Maquiavel nos mostrou que um bom governo não se faz com água-benta, de maneira que o governante precisa ser bom sempre que possível, mas ser mau quando necessário. Só restam aos governantes duas opções inconciliáveis, qual seja, salvar a cidade ou salvar a própria alma. Maquiavel, em vez de pensar a política em termos ideais, como Platão, é o primeiro a notar que a política é uma atividade para pecadores, por definição.

Ao redefinir a política, Maquiavel fundou o pensamento político moderno. Mas foi Thomas Hobbes, um defensor do absolutismo, quem rompeu com a maneira greco-romana de pensar a política. O filósofo inglês, apesar de defender o autoritarismo, deu enorme contribuição ao pensamento liberal, pois pensou a política a partir de conceitos como liberdades individuais, estado de natureza, contrato social e representatividade. Para Hobbes, só o Estado absolutista poderia salvaguardar as liberdades individuais. John Locke, criticando Hobbes, mas utilizando o vocabulário que o absolutista inglês havia introduzido em sua época, defende um Estado liberal, que seja guardião dos direitos naturais (liberdade, igualdade jurídica e propriedade privada) e que não interfira em nada além de suas prerrogativas definidas por lei. Eis que Locke insere na política a noção do direito de rebelião, fundamental para que Jean Jacques Rousseau, depois, fizesse sua defesa do Estado democrático e da soberania popular.

Nos séculos XIX e XX, sob o impacto da herança da Revolução Francesa, e, depois, da Revolução Russa, a filosofia política centra suas preocupações nos grandes “ismos”. Primeiramente, o liberalismo, que, na política, centra-se na defesa do indivíduo e de um Estado limitado. Em segundo lugar, o socialismo, que, na política, centra suas preocupações na igualdade social e na luta de classes. Em sua forma marxista, o objetivo final da ação política socialista é o comunismo, isto é, o fim do Estado, das classes sociais e da alienação do trabalho – ou seja, o trabalhador volta a ser dono de seu trabalho, em vez de vendê-lo. Finalmente, há também o anarquismo, corrente que defende uma vida coletiva sem Estado.

PERÍODOS HISTÓRICOS E PRINCIPAIS FILÓSOFOS

A evolução da filosofia: da Grécia Antiga à Contemporaneidade

15

A Grécia Antiga e o Advento da Filosofia

Filósofos Pré-Socráticos 19
Sócrates 23
Platão...........................26
Aristóteles.....................30
Filósofos Helenísticos ..34

38

A Idade Média

Santo Agostinho...........41
São Tomás de Aquino ..44

47

O Renascimento e o Advento da Filosofia Moderna

Nicolau Maquiavel........50
René Descartes.............53
Francis Bacon 57
Thomas Hobbes 60

63

O Iluminismo

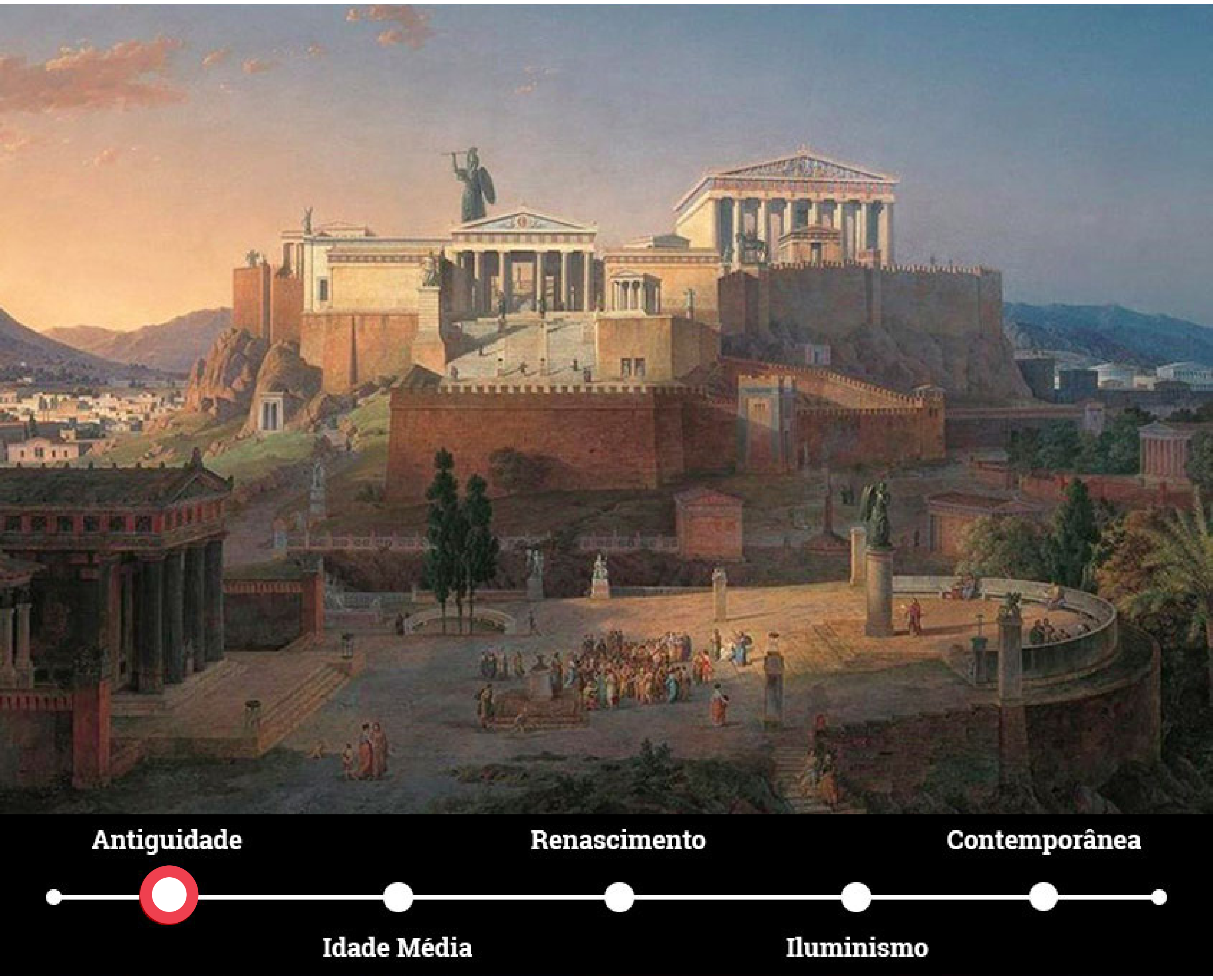
Voltaire..........................66
Montesquieu.................69
David Hume 72
Jean-Jacques Rousseau 75
John Locke 79
Immanuel Kant.............82

85

A Filosofia na Contemporaneidade

Karl Marx.......................88
Friedrich Nietzsche.......92
Arthur Schopenhauer ..96
Jean-Paul Sartre...........99
Simone de Beauvoir...102
Michel Foucault 105
Zygmunt Bauman 109
Jürgen Habermas.......112

VOLTE AO INÍCIO


Antiguidade
Renascimento
Contemporânea
Idade Média
Iluminismo

Reconstrução da Acrópole e do Areópago em Atenas, por Leo von Klenze (1846) (Reprodução)

A GRÉCIA ANTIGA E O ADVENTO DA FILOSOFIA

A palavra filosofia origina-se de *philo* (amor) e *sophia* (sabedoria ou conhecimento). Filosofar, assim, é amar a sabedoria. A filosofia busca elaborar um discurso racional (*logos*) sobre nós e o universo. Mas o que seria "nós e o universo"? De que maneira podemos pensar corretamente sobre todas as coisas? Até que ponto é possível a realidade?

A filosofia é um conhecimento que tem como fundamentos a dúvida, a crítica, o questionamento e o debate. Will Durand, em sua clássica *História da Filosofia*, lembra a passagem de Emerson sobre o grande segredo do verdadeiro sábio: “Em todo homem há algo que eu posso aprender com ele”. Contra todo orgulho, a filosofia exige olhos, mentes e ouvidos abertos.

O berço da filosofia é a Grécia antiga. Os pensadores que surgiram a partir do século VI a.C. nas cidades-estado gregas moldaram decisivamente a nossa forma de compreender o mundo como conhecemos hoje e podem ser considerados responsáveis pelo que se entende por “civilização ocidental”.

Mas por que a filosofia surgiu na Grécia antiga? São muitas as razões que explicam por que na Grécia antiga houve as condições necessárias para o desenvolvimento de um pensamento “filosófico-teorizante”, centrado no *logos*.

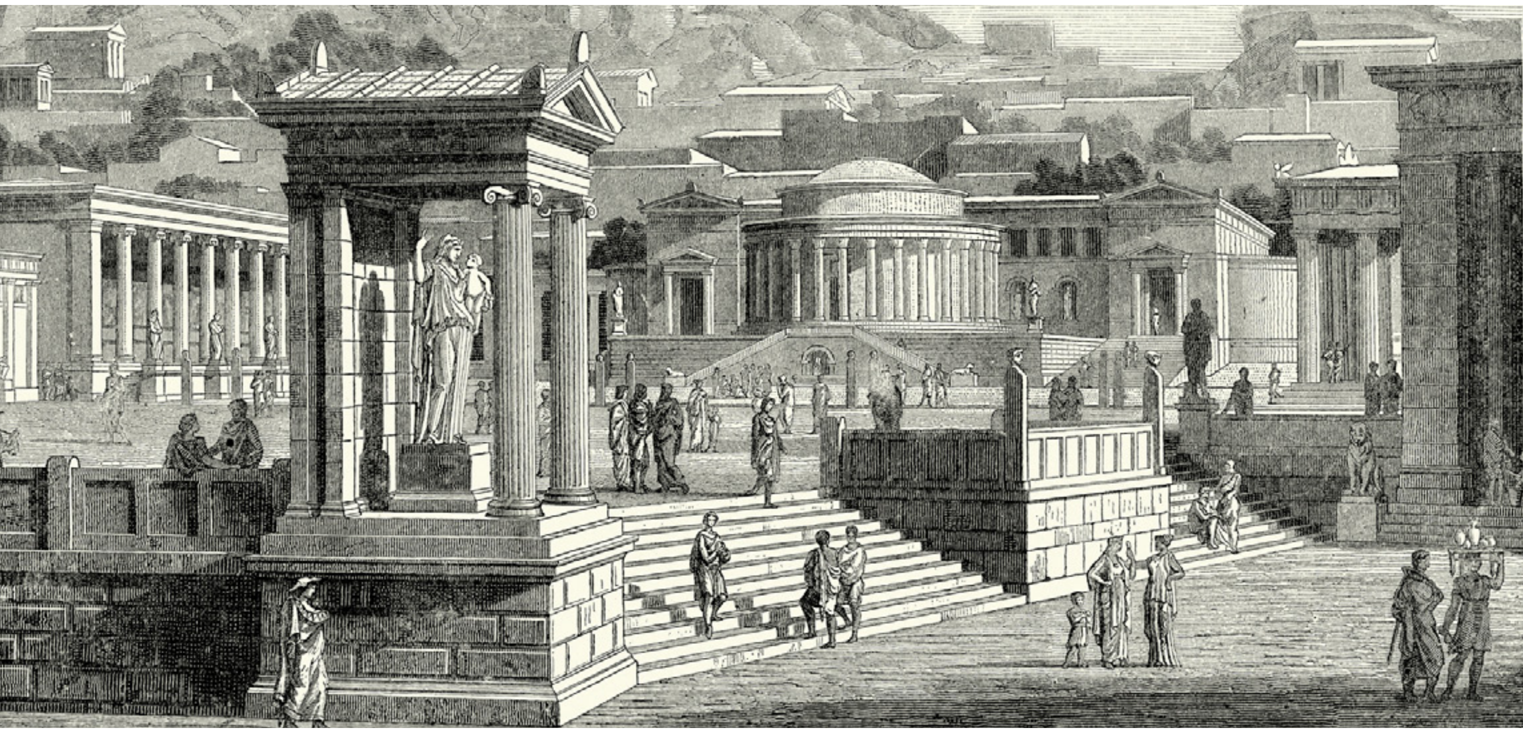
Talvez o mais importante seja o surgimento da *pólis* a partir do Período Aracaico (entre os séculos VIII e VI a.C.). Ela pode ser definida como um pequeno Estado soberano, isto é, autônomo politicamente, que compreende uma cidade, um campo de cultivo ao redor e alguns povoados urbanos secundários. Sua economia era baseada na agricultura e no trabalho escravo.

Em 508 a.C, na *pólis* Atenas, coube ao tirano Clístenes tirar de vez o poder da aristocracia e, com isso, instaurar a democracia. Democracia, para os gregos, quer dizer, “poder do povo”, em contraposição ao “poder de um”, a monarquia, e ao “poder de poucos”, a oligarquia.

A democracia ateniense era direta, isto é, todos os cidadãos podiam participar da Assembleia, a Eclésia. Ela ficava localizada em um lugar central, uma grande praça pública, onde se realizavam as reuniões dos cidadãos para discutir assuntos relativos à política, isto é, à administração da *pólis*: a *Ágora*.

Todos os cidadãos, independentemente de sua riqueza, podiam participar da política. No entanto, é preciso deixar claro: eram cidadãos em Atenas apenas os homens, adultos (com mais de 18 anos), filhos de pai e mãe atenienses. Escravos, mulheres, crianças e estrangeiros não eram cidadãos, portanto, não podiam participar da política.

Dessa forma, sem a autoridade de um rei, criou-se uma disputa oratória entre cidadãos, um combate de argumentos na Ágora. A escrita, por sua vez, não era mais privilégio de um pequeno grupo. Um mundo permeado pelo debate tornou-se um ambiente fértil para o surgimento da filosofia. Segundo o historiador francês Jean-Pierre Vernant, “o que implica o sistema da *pólis* é uma extraordinária proeminência da palavra sobre todos os outros instrumentos do poder. A palavra constitui o debate contraditório, a discussão, a argumentação e a polêmica. Torna-se a regra do jogo intelectual, assim como do jogo político”.



Ágora de Atenas, onde os cidadãos se reuniam para discutir temas relevantes da cidade (iStock)

Além disso, é preciso notar que a filosofia foi, de maneira geral, exclusiva de uma elite grega. E, como se sabe, a elite grega tinha repulsa por toda forma de trabalho manual, visto como tarefa de escravos. Sem dúvida, boa parte da riqueza cultural da Grécia antiga se deve à escravidão, uma vez que ela liberou os gregos do trabalho manual e permitiu a eles dedicarem enorme tempo à política, aos esportes ou à filosofia. Sendo assim, a escravidão pode seguramente ser considerada uma das causas do avento da filosofia no mundo antigo por permitir o "ócio produtivo", que gerava o conhecimento.

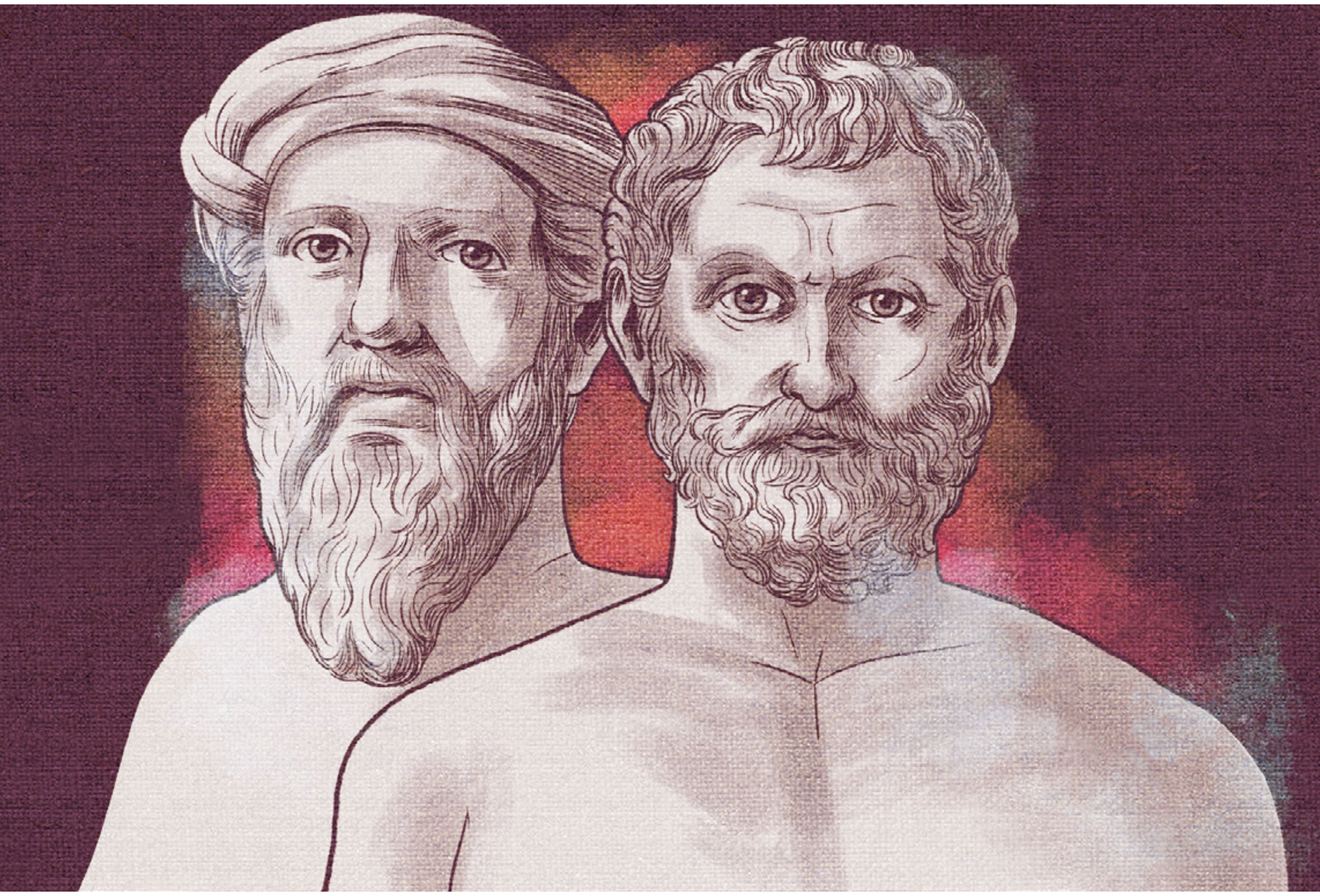
Outro fator importante para o surgimento da filosofia na Grécia antiga diz respeito aos aspectos geográficos da região, uma vez que as cidades-estado se localizavam em uma área voltada para o mar, sendo via de comunicação e de comércio com outros povos. Certamente, a troca de culturas efervescentes na Grécia incentivou a abertura para a troca de conhecimentos e o florescimento do pensamento filosófico.

Por fim, cabe notar que a cultura grega já era caracterizada por uma valorização do ser humano, de sua beleza, de suas capacidades, como se nota nas artes. Enquanto as estátuas egípcias e orientais centravam-se nos deuses, a escultura grega também tinha o homem no centro de suas preocupações, e caracterizou-se justamente por representar o movimento, os indivíduos, os músculos de um atleta, buscando a harmonia e a proporção. A Grécia antiga, portanto, já possuía uma cultura antropocêntrica, ou seja, que valorava o homem e suas capacidades.

VIDEOAULA: AS ORIGENS DO PENSAMENTO GREGO

Clique aqui e assita

PRINCIPAIS AUTORES DA ANTIGUIDADE



OS FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS

Conheça os primeiros sábios gregos a formular uma explicação racional para o mundo sem recorrer ao sobrenatural

A **mitologia** sempre foi um elemento cultural importante na *pólis* grega, pois dava unidade às cidades-estado com instituições e costumes tão diversos. Os deuses da mitologia grega relacionavam-se com a natureza e eram bastante próximos do homem: zangavam-se, alegravam-se, apaixonavam-se, sentiam ciúme e fome. As histórias dos gregos eram transmitidas em forma de mito. Por tratarem de sentimentos humanos, como o amor, o ódio, a admiração, a inveja, os mitos servem para entendermos melhor a nós mesmos, na tentativa de responder a indagações morais que rondam a mente humana.

Os filósofos pré-socráticos foram os primeiros sábios gregos a formular uma explicação racional para o mundo sem recorrer ao sobrenatural. Alguns aspectos comuns entre eles podem ser apontados: em primeiro lugar, eram estudiosos da natureza (*physis*). Por buscarem entender a organização racional do universo, a partir de princípios e leis que o regem, dizemos que eram voltados para a **cosmologia**, ou seja, a busca por entender a razão que rege o universo. Em segundo lugar, tentavam encontrar uma relação de causalidade entre os fenômenos da natureza. Por fim, todos buscavam um princípio ou elemento primordial a partir do qual explicariam os fenômenos naturais.

TALES DE MILETO (CERCA DE 624-545 A.C.)

Segundo uma tradição, que remonta aos próprios gregos antigos, o primeiro filósofo da história teria sido Tales de Mileto. Ele ficava indignado por "todas as coisas estarem cheias de deuses". Dessa maneira, tentou explicar que a água era a origem única (*physis*) de todas as coisas. A água, Tales afirmava, era a substância fundamental de que todas as outras se compunham; se pulverizássemos bem as coisas, as dissecássemos ou as examinássemos de muito perto, encontraríamos não ferro, pedra ou carne, mas água. Tales, então, pensa que, no fundo, "tudo é um", ou seja, há uma unidade geral do universo. A matéria era água condensada e o ar, água evaporada. Toda a Terra, ele sustentava, era um disco que flutuava num lago gigantesco, cujas ondas e encrespações eram a causa dos terremotos.

VIDEOAULA: TALES DE MILETO – TUDO É ÁGUA

Clique aqui e assita

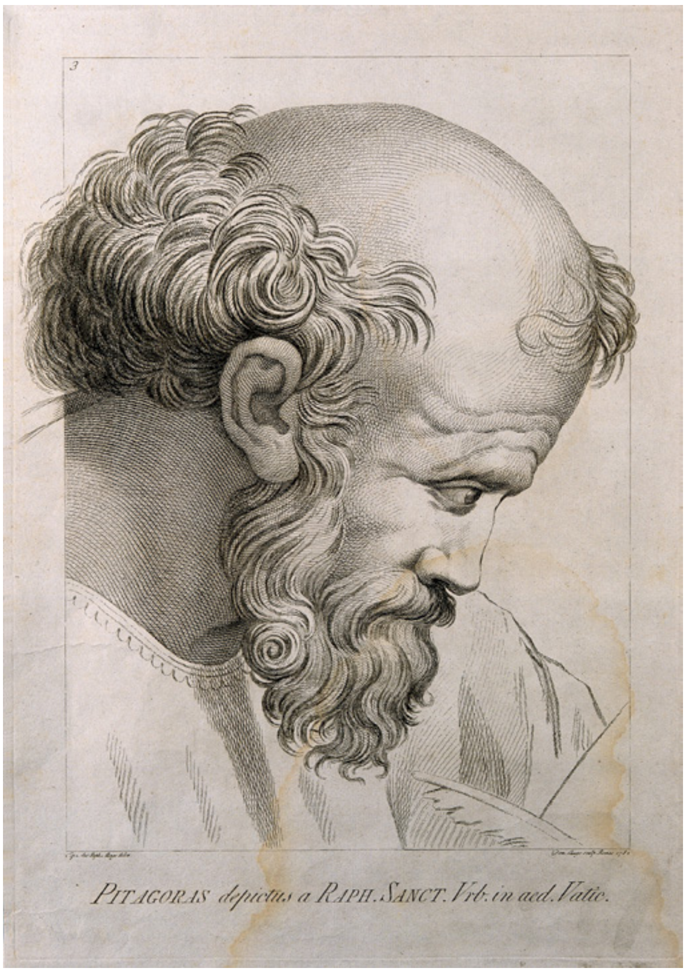
ANAXIMANDRO DE MILETO (CERCA DE 610-546 A.C.)

VI·VII·VIII·IX·X·XI·XII·I·II·III·IV·V·VI

Relógio de Sol, uma das contribuições de Anaximandro de Mileto à ciência (iStock)

Em meados do século VI a.C, Anaximandro de Mileto, que já havia introduzido e aperfeiçoado o relógio de sol (*gnomon*) na Grécia, foi também o primeiro a traçar um mapa do mundo habitado e, influenciado pelos orientais, a tentar calcular a distância entre as estrelas. Para Anaximandro, o universo teria resultado de modificações ocorridas num princípio originário (*arché*). Esse princípio seria o *ápeiron*, que se pode traduzir por infinito e/ou ilimitado. Sendo princípio, deve também não ter princípio e ser indestrutível, porque o que foi gerado necessariamente tem fim e há um término para toda destruição. Por isso, assim dizemos: não tem princípio mas parece ser princípio das demais coisas e a todas envolver e a todas governar.

PITÁGORAS DE SAMOS (CERCA DE 570-495 A.C.)


3
PITAGORAS depictus a RAPH. SANCT. Vrb. in aed. Vatic.

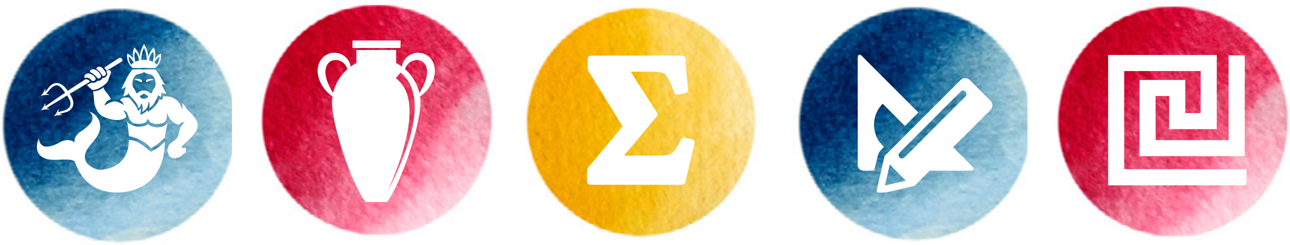
(REPRODUÇÃO)

Pitágoras de Samos pressupunha uma unidade fundamental entre todos os seres: mas, para ele, o que une todos os seres do universo é a matemática (*arithmós*). O trabalho intelectual descobre a estrutura numérica de todas as coisas e, assim, vê sua relação com o cosmo, a harmonia, a proporção e a beleza. Os números não seriam, portanto, meros símbolos, mas a própria “alma das coisas”.

Como disse Nietzsche, explicando Pitágoras: “A música, como tal, só existe em nossos nervos e em nosso cérebro; fora de nós compõe-se somente de relações numéricas quanto ao ritmo, se se trata de sua quantidade, e quanto à tonalidade, se se trata de sua qualidade, conforme se considere o elemento harmônico ou o elemento rítmico. No mesmo sentido, poder-se-ia exprimir o ser do universo, do qual a música é, pelo menos em certo sentido, a imagem, exclusivamente com o auxílio de números”.

PARMÊNIDES DE ELEIA (CERCA DE 515-445 A.C.)

Parmênides de Eleia viveu no fim do século VI e começo do século V a.C. e deixou um poema, apresentando suas ideias filosóficas. A primeira parte do poema mostra o que seria a “via da verdade”, ou seja, o pensamento verdadeiro; a segunda parte apresenta a “via da opinião”, ou seja, o pensamento errôneo. Na “via da opinião”, os mortais, por confiarem



em seus sentidos (audição, tato, olfato visão, paladar), não chegariam à verdade (*aletheia*) nem à certeza, permanecendo nas opiniões e nas convenções de linguagem. Os sentidos enganam, levam-nos ao erro e tentam nos manter numa ilusão. Como então saber a verdade? É aí que entra a parte de seu poema chamada "via da verdade": não confiando nos sentidos, mas apenas no que é razoável à razão, ao pensamento. É como se nosso pensamento revelasse um mundo distinto da razão. Note, portanto, que Parmênides é o primeiro filósofo a identificar a distinção entre realidade e aparência e combater, com isso, o senso comum.

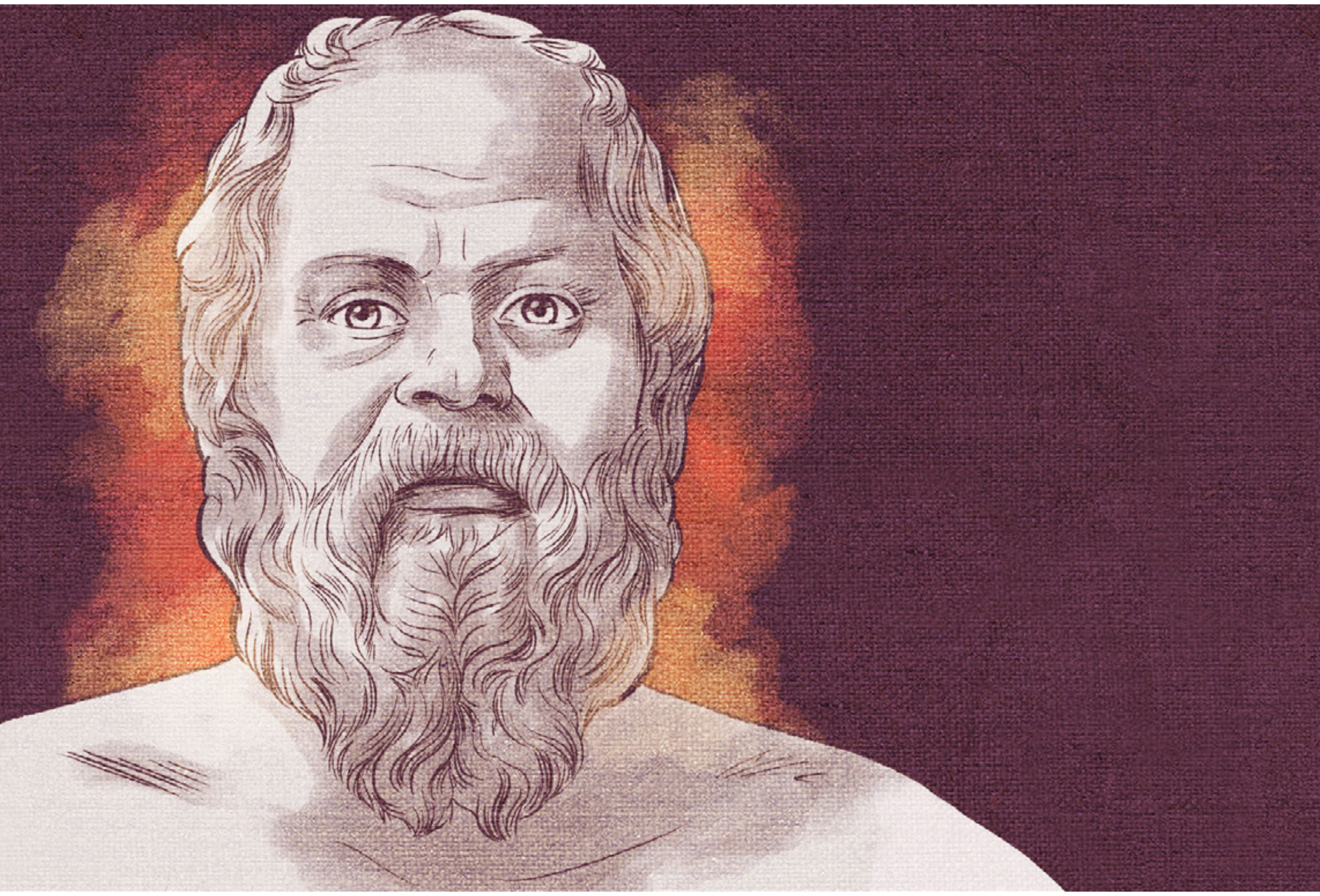
HERÁCLITO DE EFESO (CERCA DE 535-475 A.C.)

Nascido em Efeso, colônia grega da Ásia Menor, Heráclito escreveu o livro *Sobre a Natureza*, em prosa, no dialeto jônico, mas de forma tão concisa que recebeu o cognome de Skoteinós, o Obscuro. Defendia a ideia de que o movimento e o conflito não apenas existiam como eram a própria essência das coisas. Heráclito diz: "Tudo flui (*panta rei*), nada persiste, nem permanece o mesmo", "a essência é a mudança" e "o verdadeiro é apenas como a unidade dos opostos".

Heráclito nunca poderia dizer que o ar ou a água são a essência do mundo, uma vez que os dois não representam o processo nem a mudança: eles próprios estão submetidos a essa mudança, ao tempo, que é a verdadeira essência de tudo. Heráclito, assim, enfatiza o caráter mutável da realidade, sempre em fluxo: "Tu não podes entrar duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti", ou "o sol não apenas é novo cada dia, mas sempre novo, continuamente". Heráclito também acreditava que a realidade era marcada pelo conflito (*pólemos*) entre os opostos, e que esse conflito, longe de ser negativo, era a garantia do equilíbrio do universo, era a garantia de sua harmonia. Dia e noite, sol e chuva, criança e adulto, calor e frio, morte e vida, amor e ódio, dormir e acordar são opostos que se complementam, de forma que um só pode ser entendido em razão do outro.

VIDEOAULA: OS FILÓSOFOS SOFISTAS

Clique aqui e assita



SÓCRATES

Para o filósofo grego, o reconhecimento da própria ignorância é o primeiro passo para a busca da verdade

---

ORIGEM

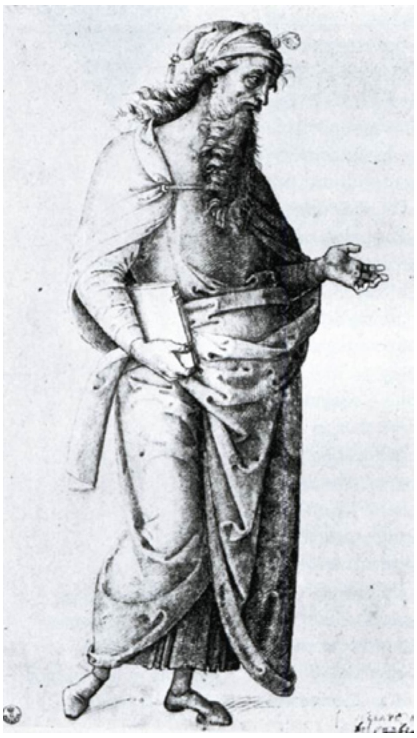
Atenas (469-399 a.C.)

FRASE-SÍNTESE

“Só sei uma coisa. E é que nada sei.”

BIOGRAFIA

Filho de um escultor e de uma parteira, Sócrates era uma figura desconcertante, sempre visto com a mesma túnica velha, andando vagarosamente pelas praças, mercados e ruas de Atenas. Ele nunca trabalhou e comia apenas quando convidado à mesa por seus discípulos. Por não ter emprego, não militar na política, não exercer cargos administrativos, foi visto como um filósofo verdadeiramente livre: ninguém o financiava, ninguém o patrocinava: não precisava agradar a ninguém.



(REPRODUÇÃO)

Acusado de corromper a juventude de Atenas e não reconhecer a existência dos deuses, ele foi condenado à morte. Por mais que seus amigos quisessem libertá-lo, o sábio se recusava, pois fugir de sua condenação seria renegar as próprias ideias: “Conservando a vida, eu me tornaria indigno. Não me peças que eu mate a minha palavra”. Ele suicidou-se antes de sua execução com um cálice de cicuta.

A FILOSOFIA DE SÓCRATES

Certa vez, o oráculo de Delfos declarou Sócrates o maior sábio da Grécia, dizendo: “Sábio é Sófocles, mais sábio é Eurípedes, mas entre todos os homens, Sócrates é sapientíssimo”. Categoricamente, Sócrates afirmou: “Só sei uma coisa. E é que nada sei”. Não se julgava um sábio erudito, mas simplesmente se autodenominava um “amante da sabedoria”. “E o que é senão ignorância, a mais reprovável, acreditar saber aquilo que não se sabe?”.

Em outras palavras, o reconhecimento da própria ignorância é o primeiro passo para a busca da verdade. A verdade não é, entretanto, propriedade de nenhum homem, e ser filósofo é estar numa incessante busca por ela: “A vida não refletida não vale a pena ser vivida”.

Sócrates acreditava que a reflexão pessoal e a meditação eram as maiores fontes de sabedoria: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo”. Tal frase resume a postura do filósofo de comprometer-se na busca da verdade.

O filósofo costumava andar pelas ruas de Atenas e abordar algum jovem ou erudito, dialogando com eles no meio de toda a gente. O diálogo, suscitando a busca pela verdade, era a forma de livrar a alma da doença do erro. Diferentemente da tradicional figura do professor, Sócrates apresentava-se ao seu interlocutor, convidando-o à jornada para a sabedoria; em seguida, comportando-se como um ignorante ávido pelo conhecimento de seu interlocutor que se julgava sábio (ironia socrática), começava a questioná-lo (indagação).

Estátua de Sócrates em Atenas (iStock)

A partir daí, Sócrates continuava a fazer diversas perguntas, mostrando as contradições e os pontos fracos de seu interlocutor, levando-o a questionar as próprias verdades pre-estabelecidas e, assim, parir uma nova concepção, uma opinião própria, livrando-o de preconceitos. Por isso, Sócrates dizia ter uma função semelhante à de sua mãe: enquanto ela era parteira de crianças, ele era parteiro das ideias, ou seja, dava luz à razão. Tal ação era chamada de **Maiêutica**.

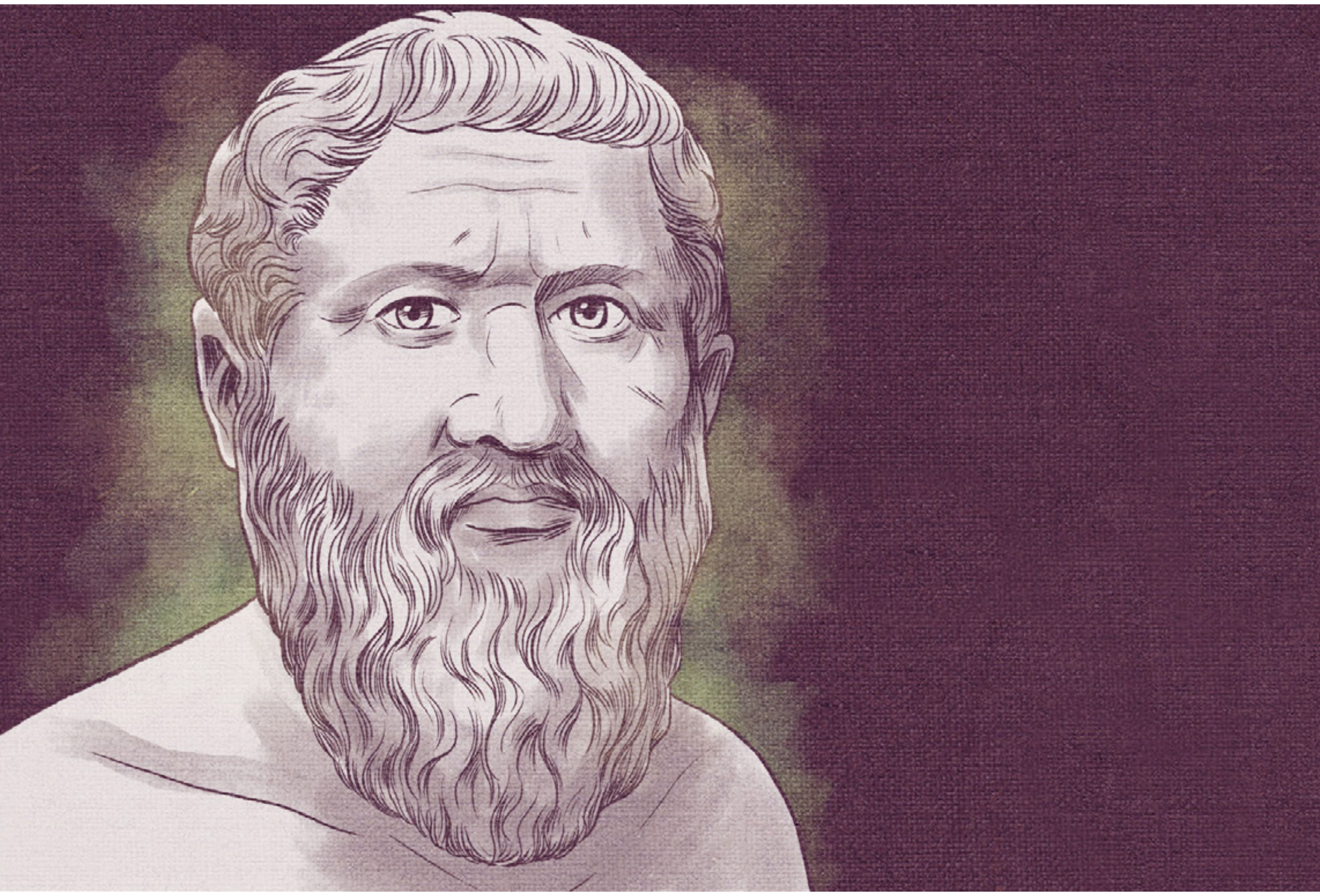
A filosofia não é algo que se pode obter com um certificado, mas é uma postura que exige dedicação e compromisso pela busca da verdade. Sócrates era, na verdade, um questionador, figura que incomoda as sociedades em todas as épocas.

VIDEOAULA: A MAIÊUTICA DE SÓCRATES

Clique aqui e assita

SÓCRATES HOJE

Na atualidade, muitos evocam o pensamento socrático para opor-se aos dogmatismos ou imposições. Por exemplo, há muitos defensores de uma escola que, em vez de basear-se na memorização ou na reprodução de pensamentos prontos, seja ancorada no diálogo. Por outro lado, há aqueles que usam o pensamento de Sócrates para resistir ao nosso contexto de hiperinformação. Por exemplo, a desconfiança, a humildade e o diálogo são fundamentais numa época em que as verdades parecem ser "prontas e rápidas".



PLATÃO

Entenda o dualismo platônico e o Mito da Caverna

ORIGEM

Atenas (cerca de 428-347 a.C.)

PRINCIPAIS OBRAS

Apologia de Sócrates; A República; O Banquete; Mênon; Fédon

FRASE-SÍNTESE

"Enquanto os filósofos não forem reis, ou os reis não tiverem o poder da filosofia, as cidades jamais deixarão de sofrer."

BIOGRAFIA

Discípulo de Sócrates, Platão era proveniente de uma família ateniense rica e famosa. Consta que seu verdadeiro nome era Aristocnes – "Platão" ou "Platon" seria um apelido derivado da largura de seus ombros ou de sua testa. Serviu no exército entre 409 e 404 a.C., final da Guerra do Peloponeso. Após a guerra, estabeleceu-se uma oligarquia em Atenas, em 404 a.C., o chamado governo dos Trinta Tiranos (um deles Carmides, tio de Platão), antes de, em seguida, a democracia ser restabelecida.

Sua filosofia pode ser vista como uma resposta ao fracasso e à decadência da democracia ateniense. Após esse acontecimento, Platão viajou para o Egito, a Itália e a Sicília. Difundiu os conhecimentos filosóficos pela Grécia e fundou a *Academia* (que ganhava esse nome por se reunir no Jardim de Academo), escola onde se estudava filosofia e se praticava ginástica.

A FILOSOFIA DE PLATÃO

Como o ser humano obtém, pela primeira vez, o conhecimento e como pode identificá-lo se não sabemos o que é?

Platão aborda essa questão por meio do **dualismo**. Segundo ele, existem dois mundos:

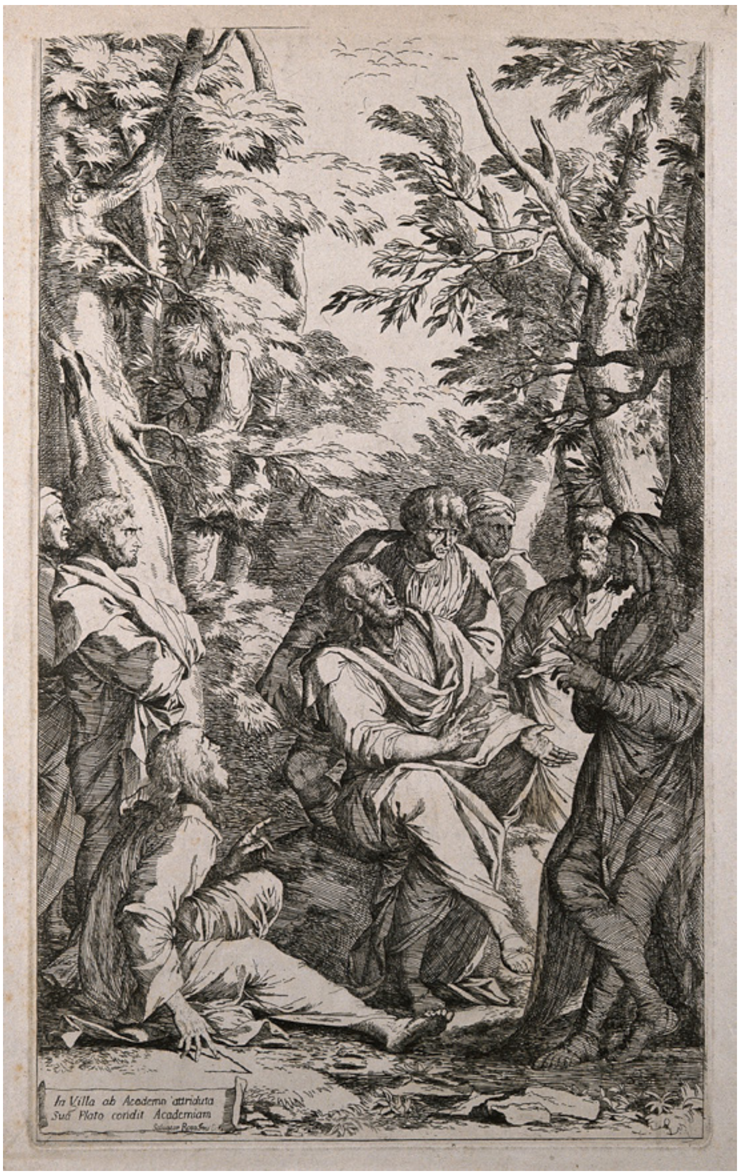
➔ **O mundo das formas ou ideias (inteligível)**: Platão diz que a alma traz consigo desde o seu nascimento um conhecimento prévio, a *priori*, que lhe permite a identificação do objeto – o chamado conhecimento inato. Tais conhecimentos são as ideias ou formas, que residem no mundo inteligível, fora do tempo e do espaço. Os objetos do mundo comum organizam suas estruturas conforme essas ideias ou formas primordiais, mas não são capazes de revelá-las em sua plenitude, sendo apenas imitações imperfeitas.

➔ **O mundo concreto e sensível:** trata-se de um mundo acessível pelos sentidos ou material. É o mundo que conhecemos pelo olfato, paladar, audição, visão e tato. A opinião (*doxa*), fundamentada nas sensações, tem uma “falsa consciência” de si mesma, julgando-se correta. Esse mundo, em Platão, é um engano, um falseamento.

Segundo Platão, atingir o conhecimento implica converter o sensível ao inteligível – ou seja, despertar, reviver e relembrar esse conhecimento esquecido. Dessa forma, a alma se liberta das aparências para se abrir ao conhecimento das ideias verdadeiras.

Para isso, Platão recorre à dialética, essencialmente dialógica. É por isso que escreveu em forma de diálogo, gênero que consagrou – em seus livros não há a exposição sistemática de uma filosofia, mas conversas entre Sócrates e seus amigos sobre justiça, amor, virtude etc. Para Platão, o diálogo é a melhor maneira de buscar a verdade e o único meio de chegarmos ao consenso, estabelecendo o que se diz e por que se diz.

“Como procurar por algo, Sócrates, quando não se sabe pelo que se procura? Como propor investigações acerca de coisas às quais nem mesmo conhecemos? Ora, mesmo que viéssemos a depararmo-nos com elas, como saberíamos que são o que não conhecíamos?”



A ACADEMIA DE PLATÃO (WELLCOME LIBRARY/REPRODUÇÃO)

O MITO DA CAVERNA

Para clarificar esse pensamento, Platão expõe em *A República* o mito da caverna. A alegoria começa com algumas pessoas no interior de uma caverna, acorrentadas no pescoço e nos pés desde a infância. Elas não conseguem ver a saída da caverna, apenas sombras de figuras humanas que estão do lado de fora, projetadas por uma fogueira de maneira que ficam gigantes e estranhas. Como essas pessoas vivem na caverna desde que nasceram, acham que as sombras são a única coisa que existe. Nada sabem sobre a luz, sobre a fogueira ou sobre o que há fora da caverna.

Porém, em determinado momento, um habitante da caverna se livra das correntes. Nesse instante, começa a indagar de onde vêm as sombras e, assim, sai da caverna. A luz do sol, de início, ofusca seus olhos e o assusta. Em seguida, seus olhos se adequam à luz do sol, e ele vê o mundo, colorido e bonito, e percebe que as sombras da caverna são apenas imitação barata do verdadeiro mundo. Feliz, o homem, lamentando a sorte de seus companheiros presos, volta à caverna e conta o que viu. Os habitantes da caverna não acreditam nele, dizem que tudo o que existe são as sombras, e, por fim, o matam.

A caverna é uma alegoria ao modo que os homens permanecem antes da filosofia, tal como sua subida ao mundo superior. O homem comum, prisioneiro de hábitos, preconceitos, costumes e práticas que adquiriu desde a infância, é um homem que está na caverna, e só consegue enxergar as coisas de maneira parcial, limitada, incompleta e distorcida, como “sombras”. Na caverna, só veriam as sombras, ou seja, estariam presos nas correntes da ignorância, não entendendo o mundo em que vivem.

A caverna representa, portanto, o domínio da opinião (*doxos*). A partir da filosofia, o homem buscaria compreender o mundo, se libertaria das correntes e sairia da escuridão da caverna, tomando contato com a luz do sol, que é a representação da verdade do mundo das Ideias.

Por que o homem iria querer sair das sombras, sendo que tal processo é doloroso? No diálogo *Fedro*, Platão nos lembra que há, na alma humana, um conflito entre a força do hábito, que faz com que o prisioneiro se sinta confortável em sua situação familiar, e a força do eros, quer dizer, a curiosidade, o impulso, que o estimula para fora, para buscar algo além de si mesmo.

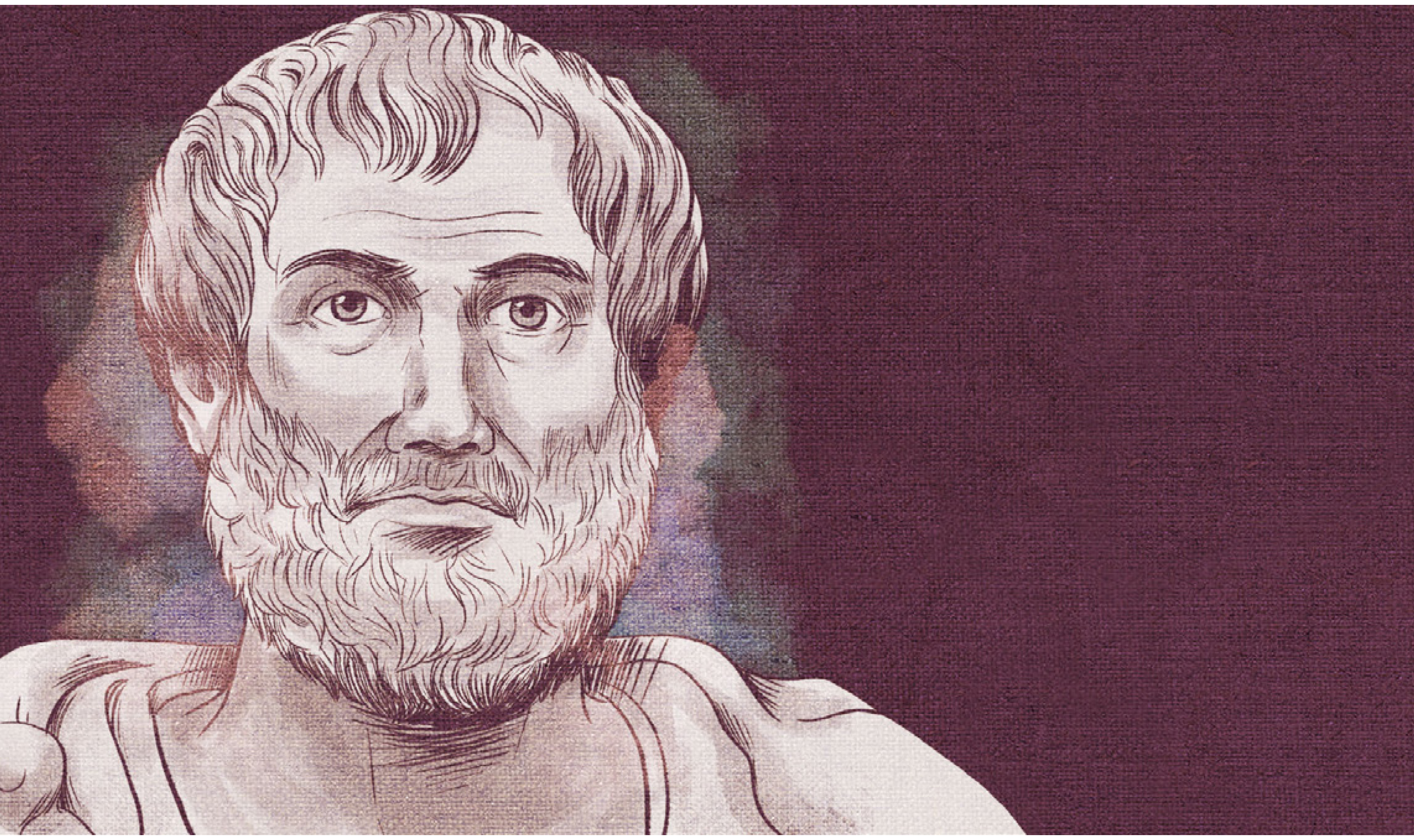
Platão também formulou ideias no campo político, apontando como forma ideal um governo conduzido e dominado por filósofos – os mais sábios deveriam governar. No Estado ideal, todas as pessoas, ricas ou pobres, filhos de militares, trabalhadores ou governantes, homens ou mulheres, deveriam estudar desde crianças e fazer diversos testes. Aquelas que fossem deixadas para trás no teste, iam sendo agricultores, comerciantes, militares, e assim por diante. Os homens que passassem em todos os testes, aos 50 anos, estariam prontos para governar, automaticamente, sem nenhuma eleição.

VIDEOAULA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE PLATÃO E ARISTÓTELES

Clique aqui e assita

PLATÃO HOJE

As referências a Platão continuam intensas nos dias de hoje. Filmes como Matrix se utilizam do mito da caverna para pensar sobre a possibilidade de vivermos numa ilusão. Seriados como Blackmirror abordam a possibilidade de, no mundo digital, criarmos novas “cavernas” (nas redes sociais ou celulares, por exemplo), e, assim, nos enclausurarmos em falseamentos da realidade.



ARISTÓTELES

Frequentador da Academia ateniense, Aristóteles foi o mais prestigiado e crítico discípulo de Platão

---

ORIGEM

Estagira (atual Stavros) (384-322 a.C.)

PRINCIPAIS OBRAS

Metafísica; Física; Ética a Nicômaco; Política; Órganon; Retórica

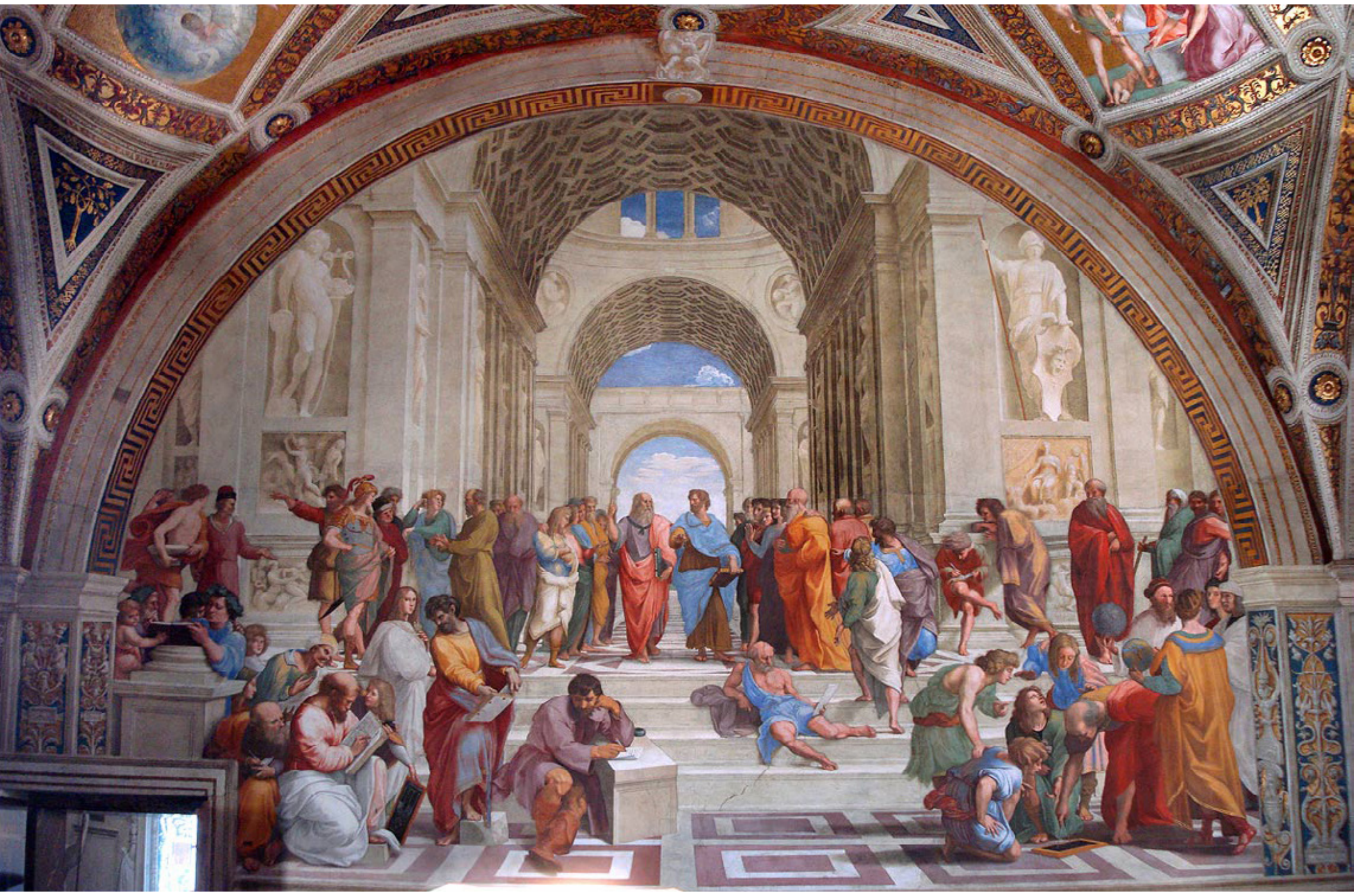
FRASE-SÍNTESE

"Aquele que chega a conhecer as coisas mais árduas e que apresenta grande dificuldade para o conhecimento humano, este é um filósofo. Além disso, aquele que conhece com maior exatidão as causas e é mais capaz de ensiná-las é, em todas as espécies de ciências, um filósofo."

BIOGRAFIA

Filho de um médico da família real da Macedônia, Aristóteles foi frequentador da Academia ateniense, sendo o mais prestigiado discípulo de Platão. No entanto, Aristóteles não pôde assumir a liderança da Academia porque era meteco, isto é, não era ateniense. Devido à sua fama, Aristóteles, em 333 a.C., foi convidado por Felipe da Macedônia a encarregar-se da educação de seu filho Alexandre, futuro senhor do mundo.

Aos 49 anos, Aristóteles fundou, perto do templo de Apolo Lício, sua escola, o Liceu, rival da Academia de Platão. Como Aristóteles dava aulas passeando, sua escola também ficou conhecida como *peripatética* (*peripatos* é caminho em grego). Morreu em Cálcis, na ilha de Eubeia, na Grécia.



Na pintura de Rafael Sanzio, Platão e Aristóteles aparecem no centro da imagem. Platão, com o dedo apontado para o alto, refere-se ao mundo das ideias, e Aristóteles, à sua direita, refere-se à matéria e à forma. (Reprodução)

A FILOSOFIA DE ARISTÓTELES

Aristóteles foi um severo crítico de Platão. O ponto central de sua contestação consiste na rejeição do dualismo – mundo sensível e mundo inteligível – representado pela teoria das ideias.

A questão que Aristóteles levanta, em resumo, é: se Platão propõe a existência de dois mundos e, após isso, explicita que, por meio da dialética, é possível passar do mundo sensível para o mundo inteligível, ele admite que os dois mundos possuem relações internas, isto é, possuem características em comum. Se isso for verdadeiro, os dois mundos têm intersecções, e, nesse caso, não se trata de dois mundos – e a teoria platônica cai por terra. De outra forma, se não existirem relações entre os dois mundos, torna-se impossível passar de um para o outro, e a teoria platônica também não se sustentaria.

Para resolver esse problema, Aristóteles cria um novo ponto de partida. Os indivíduos possuem duas substâncias indissociáveis:

- A ***matéria (hyle)*** é a marca da particularidade.

- A ***forma (eidos)*** é o princípio que determina a matéria e lhe proporciona uma essência, uma universalidade.

Assim, todos os indivíduos de uma mesma espécie teriam a mesma forma, mas diferiam do ponto de vista da matéria, já que se trata de indivíduos diferentes. As formas são imutáveis e perfeitas, como as ideias platônicas, mas não residem em outro mundo. Não existem formas ou ideias puras, como queria Platão – o intelecto humano, por meio da abstração, separa a matéria da forma.

Aristóteles também ignora o conhecimento inato para reconhecer formas, como admitia Platão. Para Aristóteles, todo conhecimento principia com os sentidos ou as sensações (*aisthesis*), de maneira que não há “nada no intelecto que não estivesse antes nos sentidos”: a sensação, portanto, não é o engano ou a mentira, como dizia Platão. É a partir da memória que retemos dados do mundo sensorial e, assim, criamos experiências a partir das quais estabelecemos relações entre os dados sensoriais e aquilo que está na memória. A partir das experiências passamos a elaborar os conceitos e, com a repetição de dados sensoriais, o homem cria conclusões e expectativas.

A partir disso, a etapa seguinte é a *techné*, isto é, a arte ou técnica. A *techné* significa saber “o porquê das coisas”, as regras que nos permitem produzir determinados resultados, o que nos dá a possibilidade de ensinar. Para Aristóteles, de modo geral, quem conhece as regras, isto é, possui a *techné*, é superior a quem apenas possui a técnica.

A última etapa do conhecimento, a mais elevada para Aristóteles, é a *episteme*, quer dizer, a ciência ou o conhecimento: trata-se do conhecimento do real em seu sentido mais abstrato e genérico, quer dizer, as leis da natureza ou do cosmo. É um saber gratuito, uma finalidade em si mesma, que satisfaz uma curiosidade natural no homem, o desejo de conhecer, sem objetivos práticos imediatos.

VIDEOAULA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE PLATÃO E ARISTÓTELES

Clique aqui e assita

“É preciso dizer que, com a superioridade excessiva que proporcionam a força, a riqueza, os muito ricos não sabem e nem mesmo querem obedecer aos magistrados. Ao contrário, aqueles que vivem em extrema penúria desses benefícios tornam-se demasiados humildes e rasteiros. Disso resulta que uns, incapazes de mandar, só sabem mostrar uma obediência servil e que outros, incapazes de se submeter a qualquer poder legítimo, só sabem exercer uma autoridade despótica.”

ÉTICA E POLÍTICA

Em Aristóteles, a ética presume-se como o estudo da virtude (*areté*), de maneira que “nosso objetivo é nos tornarmos homens bons, ou alcançar o grau mais elevado do bem-humano. Esse bem é a felicidade; e a felicidade consiste na atividade da alma de acordo com a virtude”. Todavia, as virtudes éticas não são mera atividade racional, como as virtudes intelectuais, mas implicam, por natureza, um elemento sentimental, afetivo, passional, que deve ser governado pela razão, e não pode, todavia, ser completamente resolvido na razão.

Uma de suas mais famosas teses prevê que o homem feliz e justo está sempre à procura do meio-termo justo, tendo em vista a prudência e a moderação. O homem não será feliz se viver apenas cultivando os prazeres carnais ou o intelecto, mas, sim, se desenvolver e encontrar todas as suas capacidades e possibilidades. O homem feliz evita os extremos e busca o autocontrole. Aristóteles pensa o “meio-termo justo” não apenas como princípio a ser seguido na vida pessoal, mas na própria constituição das cidades gregas: “Em todas as cidades há três partes: os muito ricos, os muito pobres e os terceiros no meio destes. Se, portanto, concordarmos que o mediano e o meio são o melhor, é óbvio que a melhor prosperidade de todas é a média”. Tem-se, portanto, um *elogio da mediocridade* como o ideal de cidade para Aristóteles.

Em sua obra *Política*, encontra-se sua famosa definição segundo a qual “o homem é um animal político”, isto é, um ser que, por ter o discurso racional (*logos*), se realiza na comunidade e não pode ser compreendido fora de suas relações com seus semelhantes. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles escreve que “uma andorinha não faz verão”. Como as andorinhas, na época do calor, andam juntas, o filósofo diz isso para lembrar que o indivíduo não deve ser entendido (e julgado) isoladamente.

ARISTÓTELES HOJE

Para que serve o conhecimento? Vivemos hoje uma época bastante tecnicista, a qual crê que todo conhecimento deve servir a algo. Aristóteles, entretanto, não apenas lembra a importância do conhecimento gratuito, mas também enfatiza sua superioridade: quem serve a alguém é servo, de maneira que o conhecimento que possui um fim mesmo seria, para ele, soberano, superior. Evidentemente, ninguém irá negar a importância do conhecimento técnico, sem o qual este próprio texto não poderia existir. Entretanto, Aristóteles nos lembra da importância de outros saberes.

OS FILÓSOFOS HELENÍSTICOS

A filosofia helenística surgiu da fusão de culturas ricas e distintas e é fortemente marcada pela preocupação com a ética

O termo “helenístico” é usado para se referir à civilização que utilizava o grego como língua oficial a partir das conquistas de Alexandre, o Grande, em 336 a.C., até o domínio romano sobre a Grécia antiga, em 146 a.C, ou até o domínio romano sobre o Egito, em 30 a.C.

Com a expansão de Felipe II e Alexandre, o Grande, as cidades gregas perderam grande parte da autonomia e passaram a ser parte de um império. Depois da morte de Alexandre, sem herdeiros, o império entrou em decadência e se dividiu em três reinos. Os reinos helenísticos (macedônicos, selêucidas e ptolomaico) concentravam o poder no soberano absoluto, com uma corte vasta e uma poderosa burocracia – algo que, aliás, inexistia na Grécia clássica. As assembleias democráticas desapareceram, e a terra e a manufatura (cerveja, têxteis, papiro ou óleo) tornaram-se monopólio estatal. Uma série de golpes e contragolpes se sucedeu, e esses Estados logo se fragmentaram e foram paulatinamente anexados, nos séculos II e I a.C., pelos romanos.

No mundo helenístico há, no entanto, um fenômeno mais impressionante do que qualquer batalha de Alexandre: gregos, egípcios, persas, hebreus, mesopotâmicos e hindus, culturas tão ricas e distintas, passaram a ter contato. Surgia uma cultura nova, nem grega, nem oriental, mas híbrida, sincrética, sendo, por isso, chamada de cultura helenística. A língua grega tornou-se a “língua comum” em toda a região conquistada por Alexandre. O modelo das cidades gregas era exportado para o Oriente: nos territórios conquistados, Alexandre construiu cerca de 70 cidades, sendo Alexandria, no Egito, a maior cidade da época, eixo econômico e intelectual do Mediterrâneo Oriental.

A filosofia helenística surge nesse contexto histórico. Ela é fortemente marcada por uma preocupação central com a ética, aqui entendida como o estabelecimento de regras do bem viver, da “arte de viver”. É ilustrativo disso o famoso *Manual*, do romano Epicteto (50-125). Em outras palavras, com o fim da *pólis* grega e o advento das hegemonias (macedônica, romana ou bizantina), o homem deixou de ser analisado em sua condição de “animal político”, que deveria viver pela sua cidadania. Alijado da política ou desiludido com ela, passou a preocupar-se mais com sua felicidade pessoal. Num mundo pluralista e multicultural, ou seja, cosmopolita, o homem sentia-se desenraizado, e a *pólis* deixou de ser sua referência básica. A *ataraxia* (“paz de espírito” ou “tranquilidade”), e não a política, leva os homens à *eudaimonia* (“felicidade”).

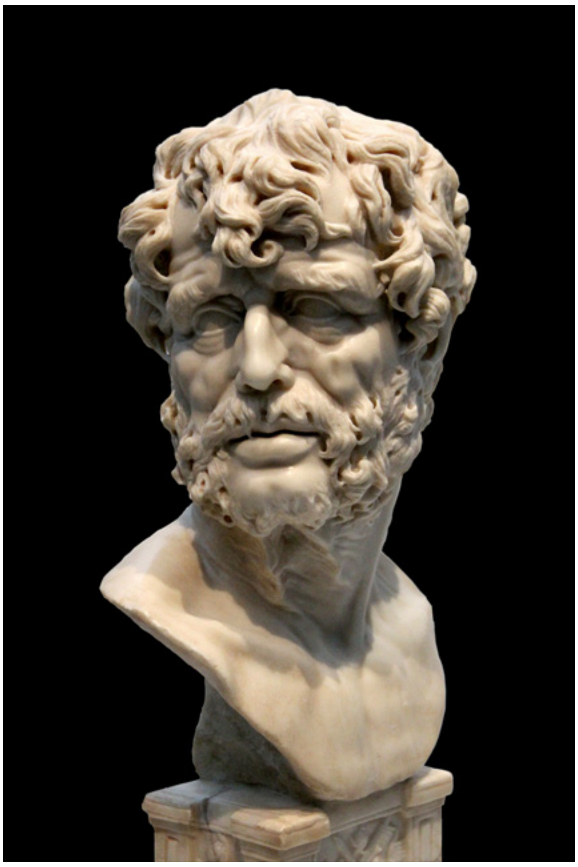
Em vez de valorizar o autor (com exceções notáveis, tal qual Plotino, Zenão de Cítio, Epicuro ou Cícero), o pensamento no mundo helenístico é usualmente associado a uma escola ou tradição. A originalidade, assim, tem menos valor que a vinculação a um grupo. Muitas escolas helenísticas, por isso, foram acusadas de dogmáticas e doutrinárias, por deixar de lado o aspecto polêmico e dialético da filosofia grega. Além do mais, elas são profundamente ecléticas, por sintetizar diferentes doutrinas. As principais escolas helenísticas são a Estoica e a Epicurista.

ESCOLA ESTOICA

A Escola Estoica foi fundada em Atenas, em 300 a.C., por **Zenão de Cítio** (344-262 a.C.), e desenvolvida por **Cleantes** (330-232 a.C.) e **Crisipo** (280-206 a.C.). Em Roma, os principais representantes do estoicismo foram **Sêneca** (4 a.C.-65d.C.), **Epicteto** (60-138) e o imperador **Marco Aurélio** (121-180).

O termo “estoicismo” deriva de *stoa poikilé* (“pórtico pintado”), local em Atenas onde os membros da escola se reuniam. O estoicismo é a primeira ética universal fundada numa igualdade de princípios de todos os homens: cada um deve se pensar como “cidadão do mundo”, isto é, um cosmopolita.

A noção de necessidade, ou destino (*heimarmené*), é muito forte no estoicismo: o homem deve resignar-se e aceitar os acontecimentos predeterminados. Isso não se traduz pela inação ou pelo fatalismo passivo. Devemos agir de acordo com os preceitos éticos e fazer o que julgarmos devido, mas devemos também aceitar as consequências de nossa ação e o curso inevitável dos acontecimentos. Segundo um exemplo famoso, se vejo alguém se afogando, devo salvá-lo, mas, se não o conseguir, não devo desesperar-me, pois era inevitável. É legítimo, portanto, um amor ao destino (*amor fati*).



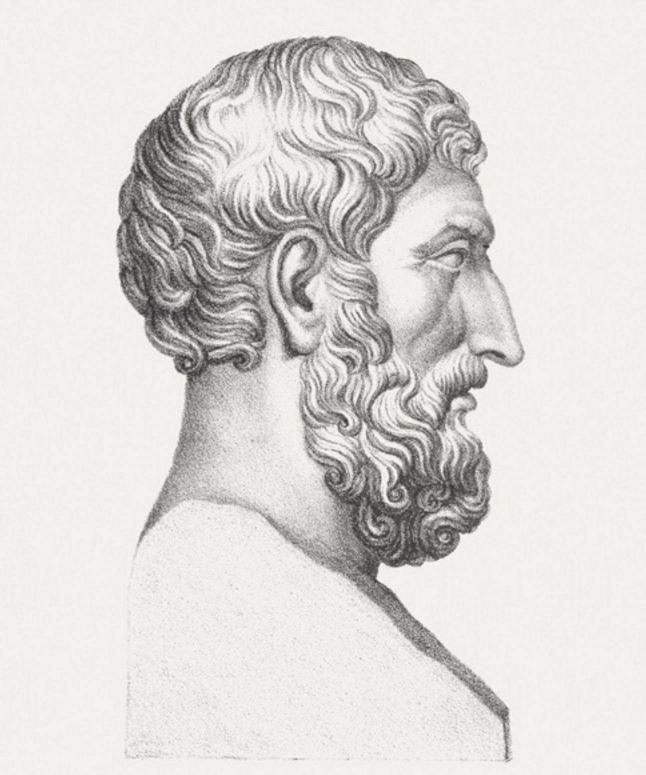
Busto de Sêneca (Reprodução)

Assim, os estoicos acreditam que, para manter nossa *ataraxia*, devemos nos preocupar apenas com o que podemos modificar (nossos pensamentos, ações, sentimentos). O que não está ao nosso alcance, ou seja, o que não conseguimos modificar (morte, velhice, catástrofes naturais, a opinião dos outros) não deve ser alvo de nossas preocupações. O sábio, em vez de buscar mudar a ordem do mundo, deve saber mudar seus desejos. A liberdade é compreendida como adesão à necessidade do ser que sabe reconhecer na lei universal o que é mais apropriado à sua natureza primeira. Como disse Sêneca: "Deve-se aprender a viver por toda a vida e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer".

ESCOLA EPICURISTA

Epicuro (341-271 a.C.), notabilizado por seu tratado *Da Natureza*, fundou sua escola em Atenas, em 306 a.C., reunindo-se com seus discípulos no *Jardim* (*Kepos*), que ficou conhecido na Antiguidade. O Jardim tornou-se uma comunidade filosófica que põe em prática a ideia de frugalidade, serenidade e amizade, a rejeição das superstições religiosas e as vaidades sociais. Os sábios constroem um pequeno mundo amistoso em que reinam livremente a sabedoria e a amizade, no qual são recebidos abertamente mulheres, crianças, escravos e estrangeiros.

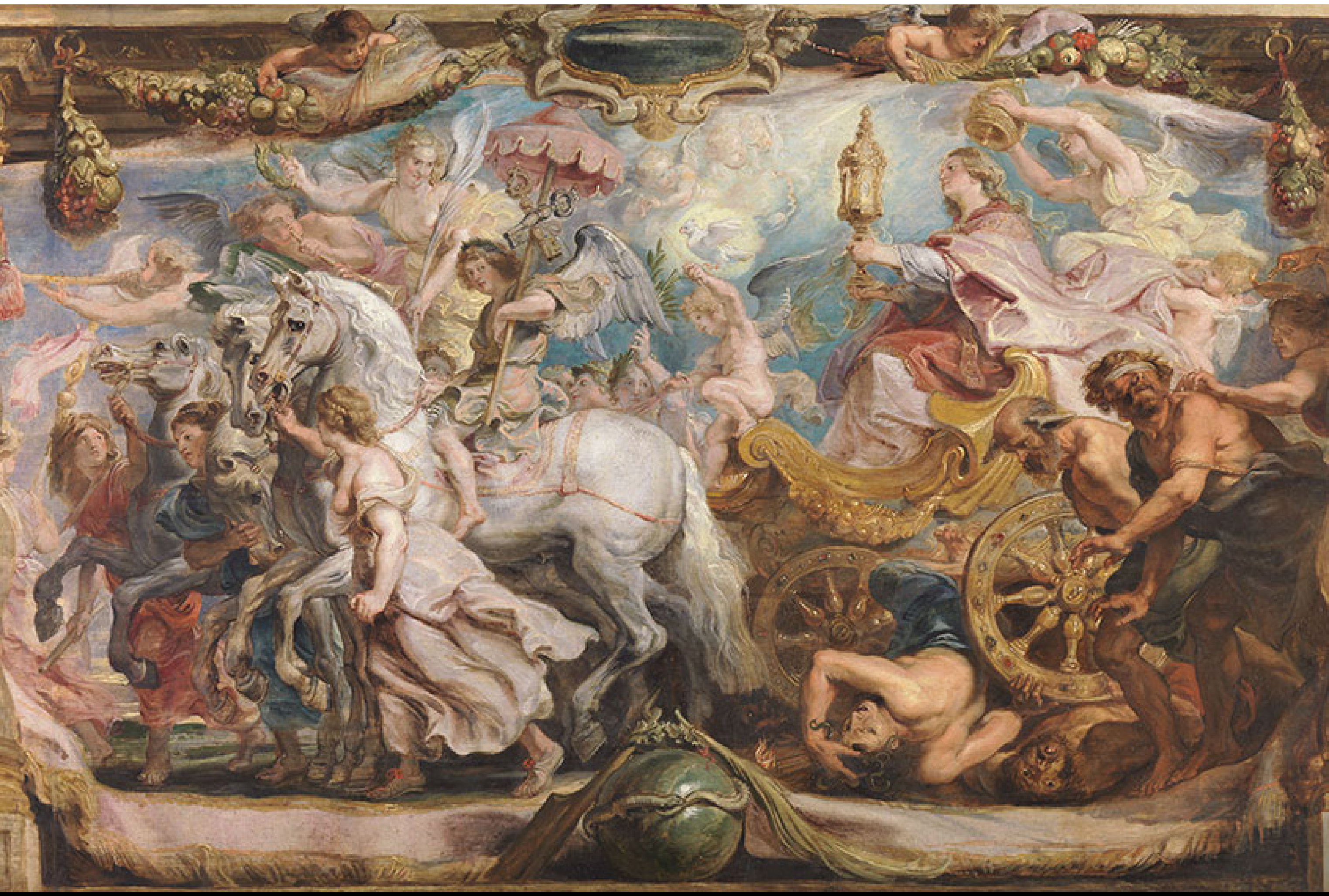
Para Epicuro, o que nos afasta do soberano bem são os quatro grandes medos humanos: medo dos deuses, medo da morte, medo do sofrimento e medo da dor. Os quatro medos não têm razão de ser, pois são alimentados por crenças vãs. De fato, não são as coisas que nos atormentam, mas, sim, as elaborações e os pensamentos que temos delas. A morte,

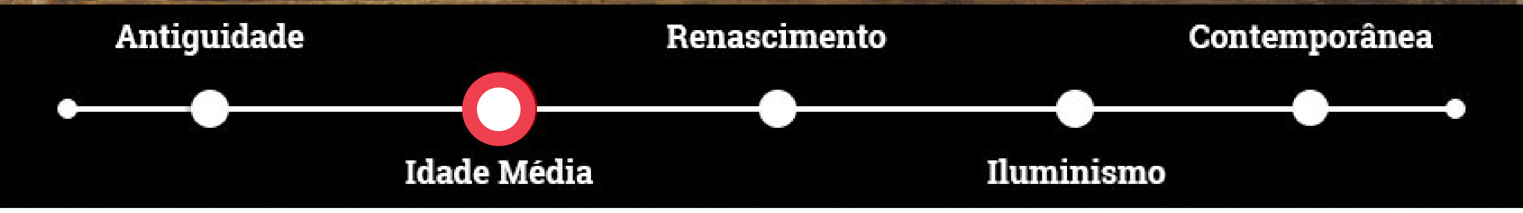


Busto de Epicuro (iStock)

por exemplo, não deve ser temida, pois, se pensarmos, veremos que não há por que ansiar a imortalidade. Além disso, a morte “não é nada em relação ao homem: ou ela existe e ele não existe ou ele existe e ela não existe”. A morte de um amigo não nos deve fazer infelizes, pois não é um mal para ele.

Para os epicuristas, o homem age eticamente na medida em que dá vazão a seus desejos e necessidades naturais de forma equilibrada ou moderada, e é isso que garante a *ataraxia*, porque “aprender e gozar andam juntos”. A valorização do prazer (*hedoné*) como algo natural e a concepção de que a realização de nossos desejos naturais e espontâneos é positiva deram origem à imagem, certamente distorcida, de que o epicurista é alguém devotado a uma vida cirenaica de prazeres. Ao contrário, o prazer excessivo joga-nos novamente na dor, que por sua vez nos leva à ação viciosa. Existem três tipos de prazeres: os naturais e necessários, que devemos buscar, pois a não satisfação causaria em nós uma dor real; os nem naturais nem necessários, cuja não satisfação não causaria uma dor verdadeira, e, portanto, artifícios da vaidade devem ser evitados; e os naturais, mas não necessários (como um bom vinho ou o amor), que devem ser evitados.





“O Triunfo da Igreja”, tela de Peter Paul Rubens (Reprodução)

A IDADE MÉDIA

O período entre 476, queda do Império Romano do Ocidente, e 1453, queda do Império Bizantino, é usualmente chamado de Idade Média. Na Europa Ocidental, o mundo medieval tinha o latim como língua oficial e era fruto da fusão das culturas bárbara e romana. A Igreja Católica Romana, ao longo do período medieval, construiu sua hegemonia na região.

A Idade Média é geralmente vista como um período de grande intolerância religiosa, associada especialmente à Inquisição e às Cruzadas. Mas nessa época também surgiram diversos elementos da cultura atual, como as religiões islâmica e ortodoxa, as línguas modernas, as primeiras universidades, os hospitais, as notas musicais, os bancos, entre outros elementos. Muitos avanços ocorreram na física, na ótica, na astronomia, na alquimia, na medicina, na anatomia, na agricultura e na filosofia. Os pensadores cristãos utilizaram muitos elementos da filosofia greco-romana, especialmente Platão, Aristóteles e os estoicos.

A filosofia medieval insere-se nesse contexto histórico, podendo ser dividida em dois períodos. No fim do Império Romano e na Alta Idade Média (séculos V-X), temos o período conhecido como **Patrística**, ou seja, a doutrina dos pais da Igreja. A Patrística pretende defender o cristianismo diante do pensamento pagão e hebraico, sendo responsável pela elaboração da teologia dogmática católica. São chamados, por isso, de *apologetas*, pois faziam a apologia, isto é, a defesa do cristianismo. O problema central dessa corrente filosófica é: como conciliar fé e razão? Se em *Isaías* 7,9 está escrito “se não credes não entendereis”, como pensar corretamente? Fazem parte desse pensamento, por exemplo, São Justino (primeiro filósofo cristão, mártir em Roma em 167), São Clemente de Alexandria (150-215) e Santo Agostinho (354-430). A lógica e a retórica gregas, assim como nos conceitos formulados por Platão (principalmente sua dualidade entre mundo material e espiritual), Aristóteles (substância, essência, potência etc.) e pelos estoicos (sua ética baseada na resignação, na austeridade e no autocontrole), são fundamentais para a formulação da teologia do período. Nesse sentido, a filosofia cristã pode ser enxergada como uma síntese entre o judaísmo, o cristianismo e a cultura greco-romana.

Já o pensamento cristão da Baixa Idade Média (séculos X-XV) é conhecido como **Escolástica**. A partir das reformas do papa Gregório VII, em 1070, ficou estabelecido que todas as abadias e catedrais tivessem uma escola (de onde vem o nome “escolástica”). Assim como na Patrística, a Escolástica também se ateve ao ideal de conciliar fé e razão. No entanto, se Santo Agostinho cristianizou as ideias platônicas, na Escolástica, Aristóteles foi o novo autor utilizado como paradigma. O método escolástico de construção do conhecimento constituía-se na apresentação de uma questão (*Quaestio*), em seguida debatida (*Disputatio*) com argumentos baseados principalmente na *Bíblia* e em Aristóteles, estando presentes autoridades da Igreja Católica e conhecedores dos clássicos. Por fim, uma conclusão única e inequívoca era apresentada (*Determinatio*). Tais métodos serão, posteriormente, rejeitados pelo Renascimento (séculos XIV-XVI), que valorizará a observação e a experimentação em vez da autoridade.

PRINCIPAIS AUTORES DA IDADE MÉDIA

SANTO AGOSTINHO

Considerado o maior teólogo do cristianismo, Santo Agostinho realizou estudos sobre como conciliar fé e razão

---

ORIGEM

Tagaste (354-430)

CORRENTE FILOSÓFICA

Patrística

PRINCIPAIS OBRAS

Confissões; Cidade de Deus; Sobre a Doutrina Cristã; Sobre a Trindade

FRASE-SÍNTESE

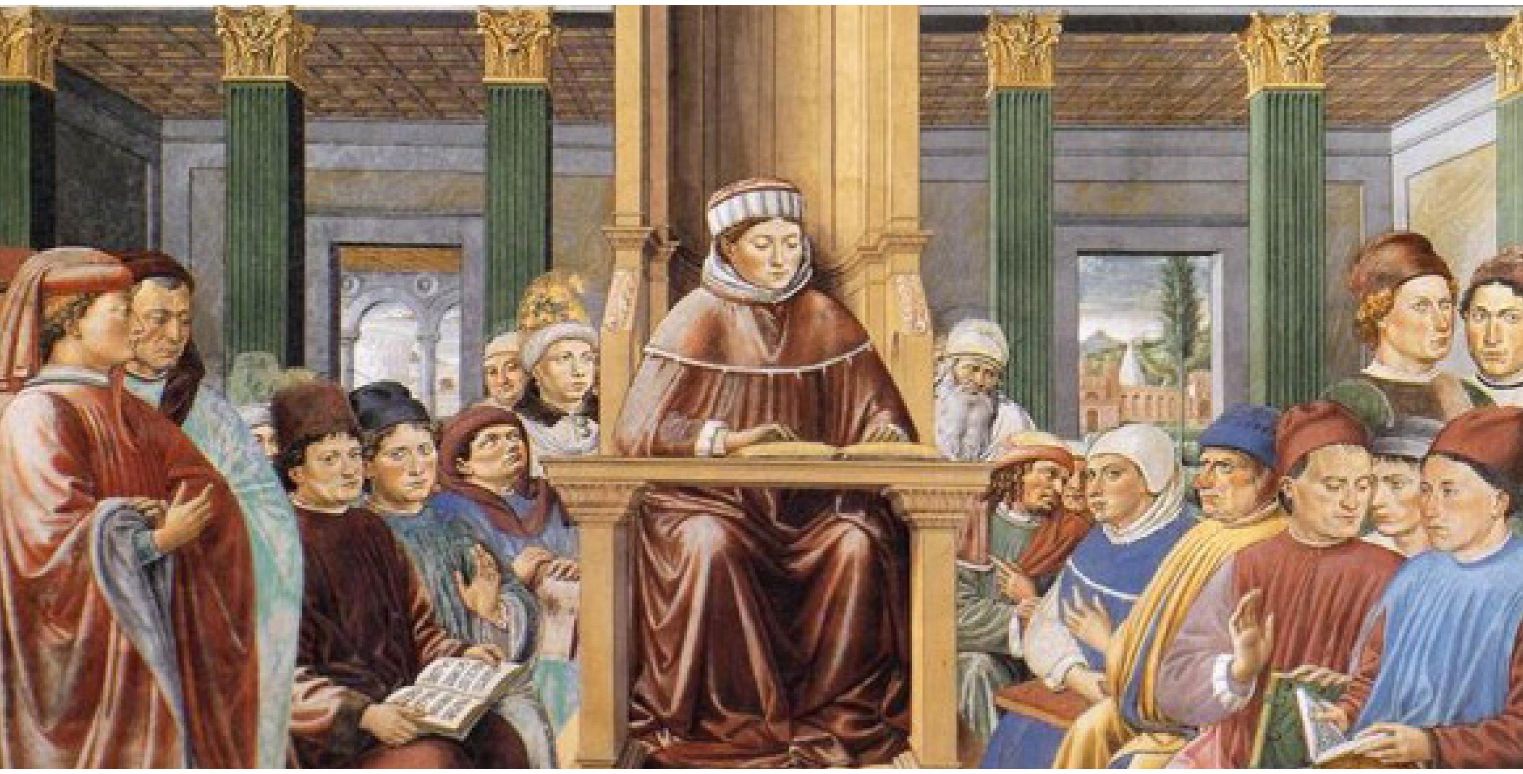
"É preciso compreender para crer, e crer para compreender."

BIOGRAFIA

Aurélio Agostinho nasceu em Tagasta (hoje Suk Ahras), na Argélia. Estudou retórica em Cartago e seguiu várias linhas filosóficas, como o maniqueísmo, corrente baseada no conflito entre o bem e o mal, e o ceticismo. Sob a influência do bispo de Milão, Santo Ambrósio, converteu-se ao cristianismo e foi batizado em 387. Foi nomeado bispo de Hippo (atual Annaba), na Argélia, onde morreu aos 75 anos.

É considerado o maior teólogo do cristianismo e o maior filósofo desde Aristóteles. Agostinho realizou a primeira grande sistematização do pensamento cristão, incorporando as ideias de Platão ao cristianismo. Seu sofisticado pensamento serviu como base para toda a teologia cristã ocidental.

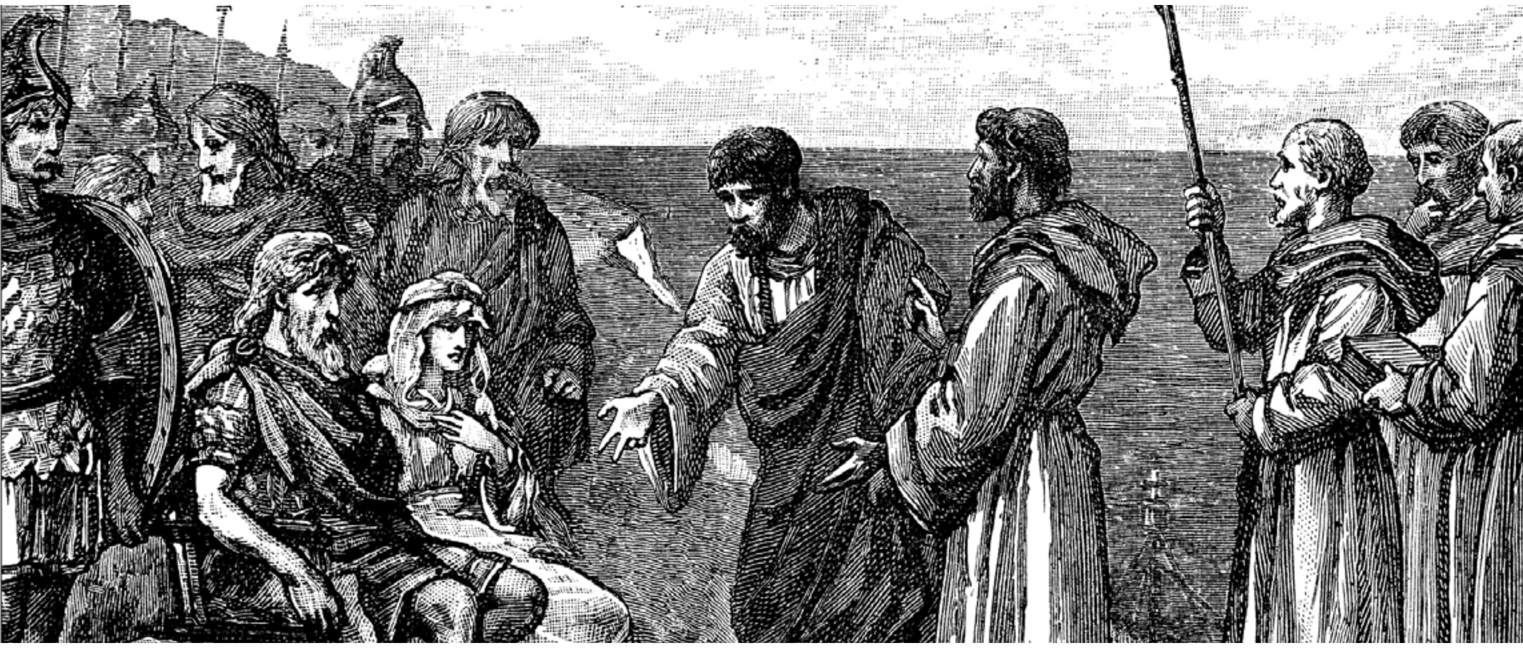
“No que diz respeito a todas as coisas que compreendemos, não consultamos a voz de quem fala, a qual soa por fora, mas a verdade que dentro de nós preside a própria mente, incitados talvez pelas palavras a consultá-la. Quem é consultado ensina verdadeiramente e este é Cristo, que habita, como foi dito, no homem interior.”



Santo Agostinho ensinando em Roma, de Benozzo Gozzoli (Reprodução)

A FILOSOFIA DE SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho tinha particular interesse nos estudos sobre como conciliar fé e razão. Sendo a mente humana mutável e falível, como atingir, a partir dela, a Verdade eterna? Para Santo Agostinho, a filosofia antiga, apesar de pagã, seria uma preparação da alma, muito útil para a compreensão da verdade revelada. Afinal, sem o intelecto o homem é incapaz de compreender as Sagradas Escrituras. Entretanto, tal como o olho necessita da luz do sol para enxergar, o ser humano necessita da luz divina para chegar ao conhecimento completo, não sendo suficiente (apesar de importante) o uso da razão.



Gravura mostra Santo Agostinho em Kent, na Inglaterra (iStock)

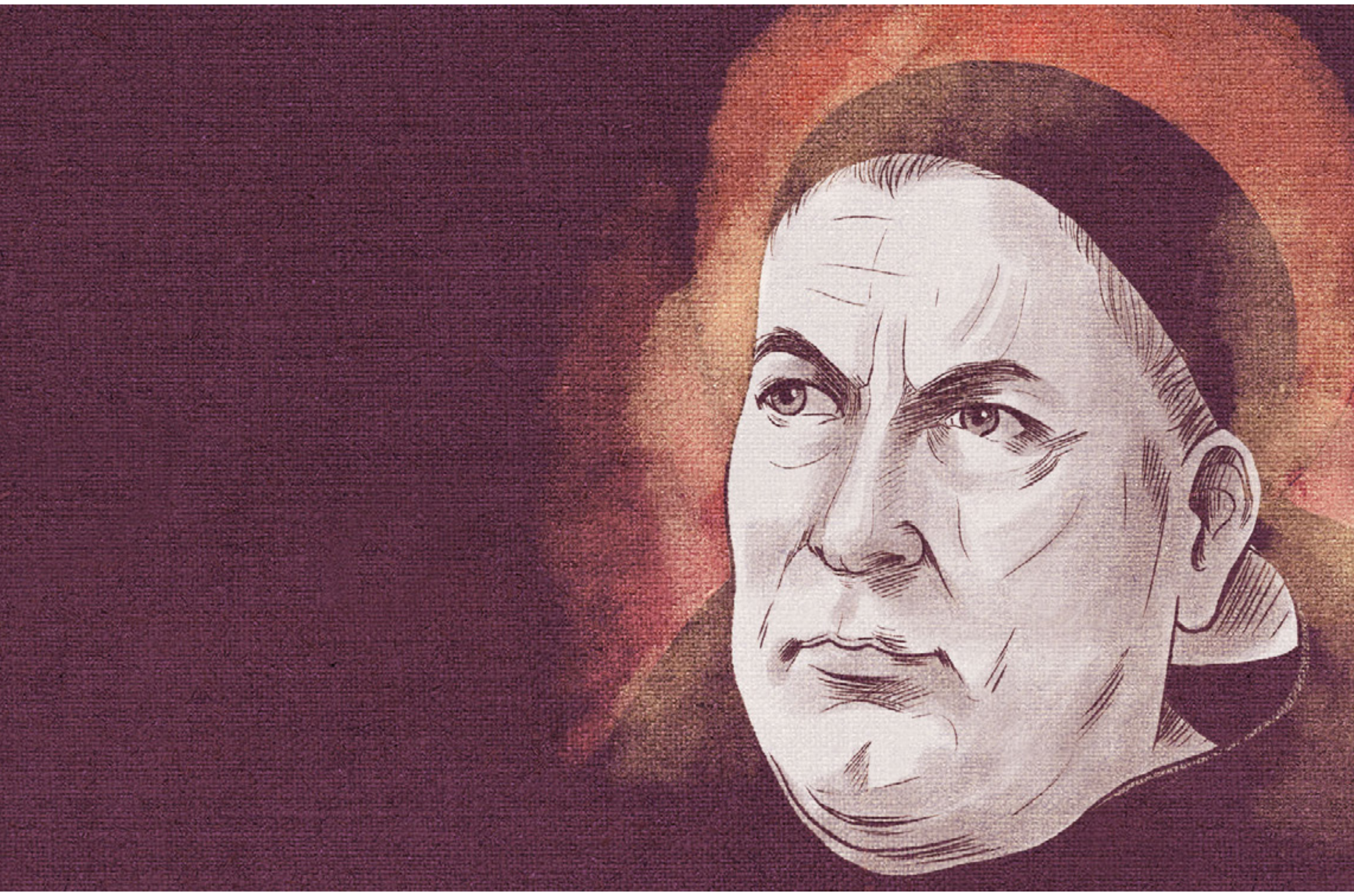
Intellige ut credas, crede ut intelligas ("é preciso compreender para crer, e crer para compreender") e *fides praecedit intellectum* ("a fé precede a razão") são algumas de suas mais famosas máximas. A verdadeira sabedoria, com a qual vem a verdadeira felicidade, não se encontra neste mundo, mas tão-somente em Deus, que é o *arx philosophiae* (ápice da filosofia). Para alcançá-lo, não basta a razão, é preciso entregar-se na busca da face incompreensível ou inefável de Deus.

Nossa mente, criada à imagem e semelhança de Deus, possui uma centelha divina, a luz natural (*lúmen naturale*), que nos da a capacidade de entender as verdades eternas. Todo o homem possui a centelha divina. Como diz São Paulo: "Não há judeus, nem grego, nem escravo, nem homem livre, nem homem, nem mulher: todos sois um no Cristo Jesus". Essa é a Teoria da Iluminação de Santo Agostinho. Tal teoria é proveniente da doutrina da reminiscência de Platão, segundo a qual as ideias já residiriam em nossa alma e caberia ao filósofo despertá-las.

Diante da perfeição de Deus, há um problema para esses primeiros teólogos do cristianismo: se Deus é todo-poderoso, criador de tudo, ele também seria criador do mal? Se Deus criou o mal, como defender sua bondade infinita? Se ele é onipotente, seria ele responsável pela miséria e infelicidade do mundo? Para Santo Agostinho, o mal não tem realidade metafísica: todo o mal não é mais que a ausência do bem, a ausência da obra divina. Ou, para ser mais preciso, o mal não é algo que foi criado, não é algo físico – o mal é o "não ser".

SANTO AGOSTINHO HOJE

Na atualidade, existem preconceitos de diversos tipos: se existem, por um lado, grupos que discriminam minorias, existem também, por outro, aqueles que associam "religião" à ignorância. A densidade da obra de Santo Agostinho, rica tanto do ponto de vista filosófico quanto do ponto de vista literário, nos mostra que essa associação é absolutamente equivocada.



SANTO TOMÁS DE AQUINO

Maior expoente da filosofia escolástica, Santo Tomás de Aquino foi fortemente influenciado por Aristóteles e Averróis

---

ORIGEM

Roccasecca (cerca de 1224-1274)

CORRENTE FILOSÓFICA

Escolástica

PRINCIPAIS OBRAS

Suma Teológica; Suma contra os Gentios; Contra os Erros dos Gregos; Comentários sobre Aristóteles

FRASE-SÍNTESE

"O objeto das virtudes teológicas é o próprio Deus, que é a última finalidade de tudo e acima do conhecimento da nossa razão. Por outro lado, o objeto das virtudes morais e intelectuais é algo compreensível à razão humana."

BIOGRAFIA

Santo Tomás de Aquino foi o maior expoente da filosofia escolástica. Membro da Ordem dos Dominicanos e professor da Universidade de Paris, Aquino foi aluno de Santo Alberto Magno (1206-1280). Fortemente influenciada por Aristóteles e Averróis, sua filosofia é de suma importância para a Igreja Católica até os dias atuais. Durante o Concílio de Trento, sua obra foi colocada no altar ao lado da *Bíblia*, sendo considerada fundamental para o combate e a refutação do protestantismo.

Durante a viagem a Roma, onde participaria do II Concílio de Lyon, a convite do papa Gregório X, Aquino adoeceu, vindo a falecer na Abadia de Fossanova, em 1274. Foi canonizado em 1323. Na posteridade, muito de seu pensamento, no entanto, foi deformado e injustamente associado à ortodoxia e ao conservadorismo.

> ***“Em todas as causas eficientes ordenadas, em primeiro lugar está a causa do que se encontra no meio, e o que se encontra no meio é causa do que está em último lugar, tanto se os intermediários forem muitos, quanto se for um só; tiradas as causas, tira-se o efeito; logo, se não for primeiro nas causas eficientes, não será nem em último, nem no meio. Se, porém, procedermos de forma indefinida nas causas eficientes, não haverá primeira causa eficiente e, portanto, não haverá também nem efeito último nem causas intermediárias, o que é evidentemente falto. Logo, é necessário admitir alguma causa eficiente primeira, à qual todos chamam de Deus.”***

A FILOSOFIA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO

Uma de suas ideias centrais é a rejeição do absoluto antagonismo entre a razão e a fé. Para Aquino, existiriam as “verdades da fé”, atingíveis apenas por meio da revelação cristã, às quais não poderemos chegar através da razão. Porém, nem todas as verdades seriam alcançadas desse modo, existindo também as “verdades naturais teológicas”. Sendo a razão obra de Deus, poderíamos alcançar essas verdades tanto pela fé como pela razão. A fé e a razão seriam, muitas vezes, rios que desembocam num mesmo oceano.

Em sua *Suma Teológica*, o filósofo apresenta cinco vias para demonstrar a existência de Deus, ancoradas na filosofia aristotélica:

1. O primeiro argumento, oriundo da Física de Aristóteles, crê que, se tudo que move é movido por algo, não pode ser admitida uma regressão ao infinito, devendo existir um primeiro motor. Deus, assim, é o Primeiro Motor.

2. O segundo argumento, oriundo da Metafísica de Aristóteles, defende a ideia de que, se perguntássemos a qualquer fenômeno do mundo sua causa e continuássemos sucessivamente perguntando as “causas de suas causas”, em todos os casos chegaríamos a Deus.

3. O terceiro argumento, baseado nas noções de necessidade e contingência de Aristóteles, acredita que, se tudo na natureza fosse contingente, passageiro, é preciso que algo do que existe seja perene. Deus é o primeiro ser, origem de toda necessidade.

4. O quarto argumento, inspirado na Metafísica de Aristóteles, pensa que, se todas as coisas na natureza têm uma qualidade, em maior ou menor grau (tamanho, força etc.), é preciso um parâmetro, a perfeição, que é Deus, portador de todos os atributos e qualidades em máximo grau.

5. O quinto argumento pensa que se, como observa Aristóteles, a natureza possui um propósito, deve haver uma finalidade para toda a criação, caso contrário o universo não tenderia para o mesmo fim ou resultado. A causa inteligente do universo é Deus.

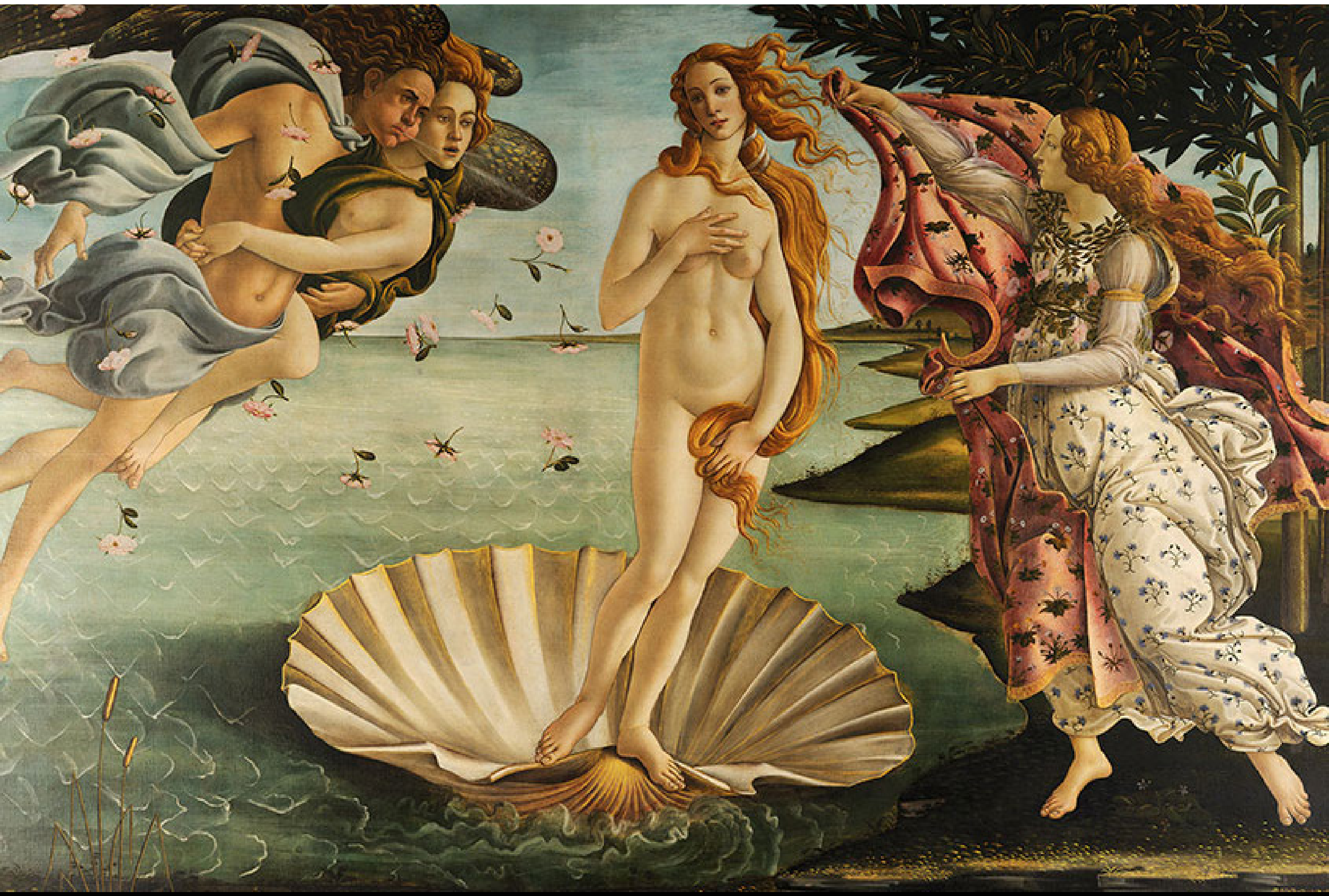
No campo da política, Santo Tomás de Aquino dividiu as leis em lei natural (visando a preservar a vida), lei positiva (estabelecida pelo homem, visando a preservar a sociedade) e lei divina (que conduz o homem à vida cristã e ao paraíso, guiando as outras leis). Para Aquino, como para Aristóteles, o homem é um animal social e político: a família é a primeira associação, e o Estado, sua ampliação e continuação. O Estado, assim, deve existir, desde que subordinado, no que diz respeito à religião e à moral, à Igreja, a qual visa ao bem eterno das almas. Essa foi a concepção dominante da Igreja Católica, que seria depois combatida por Maquiavel.

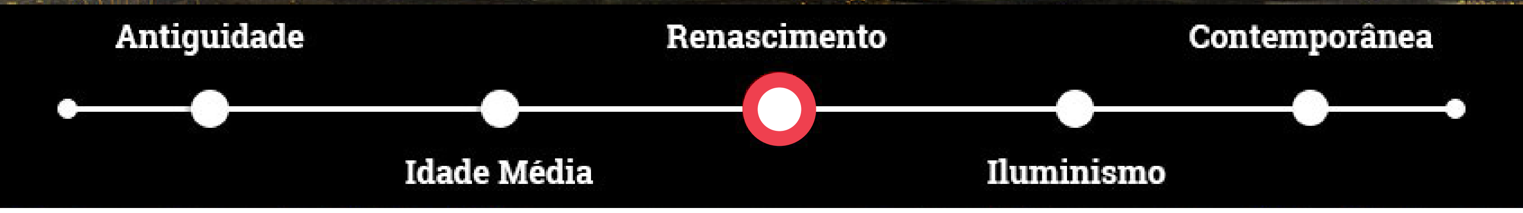
SANTO TOMÁS DE AQUINO HOJE

Atualmente, são inúmeros os debates acerca das relações entre fé e ciência. Alguns, por um lado, propugnam a separação absoluta dos dois campos, pois, como disse Mário Sérgio Cortella, se, em ciência, é preciso ver para crer, em religião, é preciso crer para ver. Por outro lado, outros, como os deístas, acreditam que é necessário não existir contradição entre os dois campos para, assim, a fé ser confiável. A obra de Santo Tomás de Aquino, pregando algumas convergências entre fé e razão, pode iluminar esse debate.

☒ **VOLTE AO INÍCIO**

☒ **RETORNE A “PERÍODOS HISTÓRICOS”**

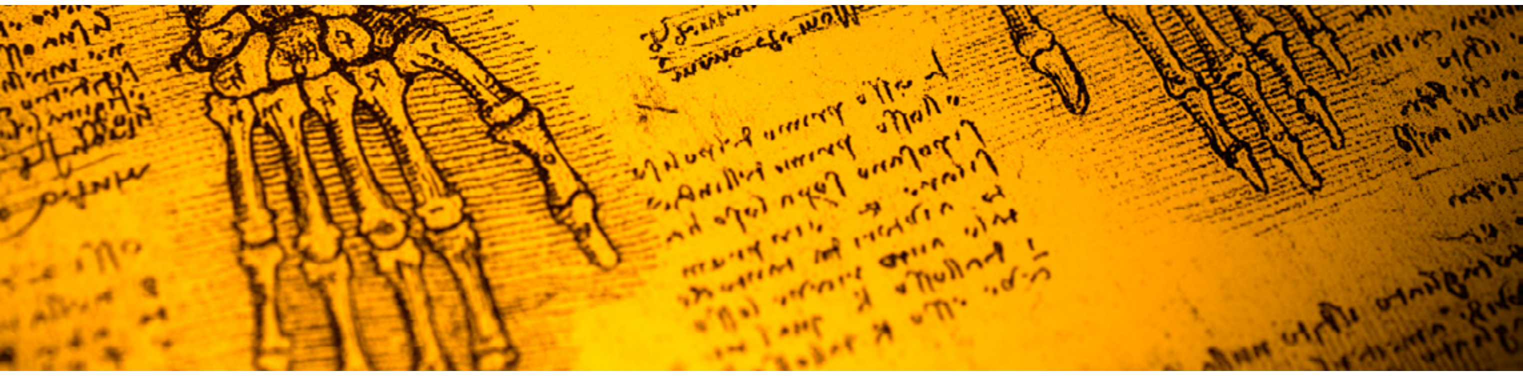



Antiguidade
Renascimento
Contemporânea
Idade Média
Iluminismo

“O Nascimento de Vênus”, obra do pintor renascentista Sandro Botticelli (Reprodução)

O RENASCIMENTO E O ADVENTO DA FILOSOFIA MODERNA

A Idade Moderna compreende o período entre a tomada de Constantinopla – então sede do Império Bizantino – pelo Império Turco Otomano, em 1453, e a Revolução Francesa, em 1789. Foi uma época de transição do feudalismo para o capitalismo industrial e, consequentemente, de uma sociedade nobiliárquica para uma sociedade burguesa. A Idade Moderna europeia foi moldada a partir de quatro fenômenos fundamentais:



(ISTOCK)

1 O **Renascimento** (séculos XIV-XVI), ato inaugural da modernidade, que instituiu uma visão renovada do homem e de seu lugar no universo, assim como novos métodos científicos que constituem a base de toda a ciência ocidental. O projeto básico do Renascimento consistia em resgatar o mundo clássico em seus próprios termos (o *imitatio*). Isto é, em vez de fazerem uma leitura cristã dos gregos – como fizeram Agostinho e Aquino –, os renascentistas estudaram profundamente filologia e arqueologia, visando a “renascer”, o que eles entendiam ser a glória perdida do mundo clássico.

2 As **Reformas Protestantes** (século XVI), que pregaram a consciência individual como plenamente capaz de chegar à verdade religiosa e dividiram a sólida Igreja Feudal. Se, na Idade Média, a Igreja Católica impunha sua hegemonia sobre a Europa, agora o mundo aparecia, do ponto de vista religioso, como absolutamente fragmentado.

3 O **Estado Absolutista**, que se impõe a um determinado território: se, na Idade Média, o mundo europeu estava fragmentado em feudos e pulverizado em relações feudo-vassálicas, a Idade Moderna conhece a formação de Estados que unificam os impostos, as leis e o exército. Esse Estado coordenou as práticas econômicas conhecidas como mercantilismo.

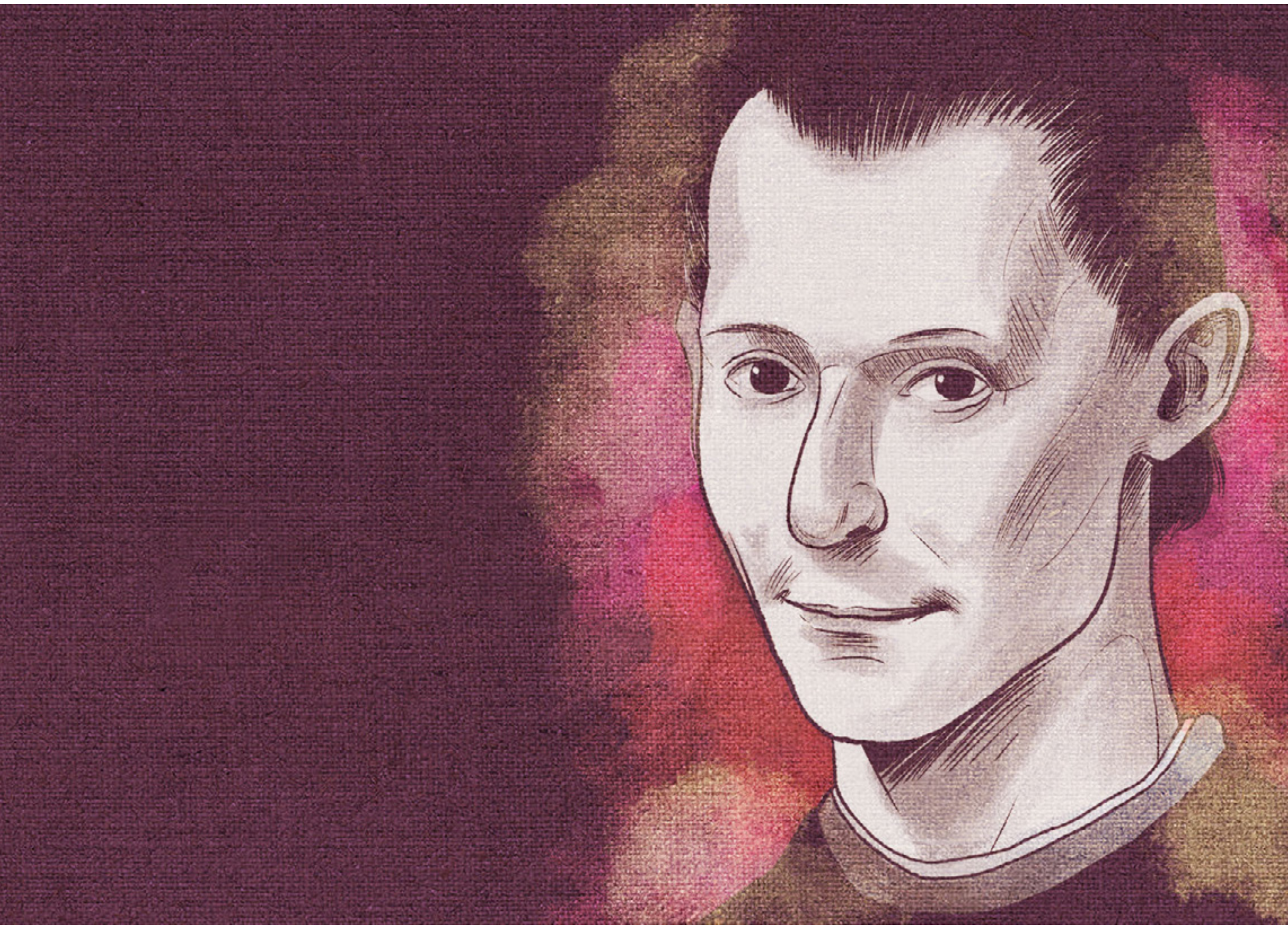
4 A **Expansão Ultramarina**, com a conquista da América e partes da África e Ásia pelos europeus. A Europa se impõe como continente hegemônico no mundo ocidental. Os recursos adquiridos no processo de colonização, além do mais, foram fundamentais para a formação do capitalismo.

No bojo do Renascimento Cultural e Científico, a obra de Maquiavel representa uma nova visão do homem da ética e da política, rompendo com as concepções medievais. No século XVII, ocorre a chamada Querela (ou Disputa) entre os Antigos e Modernos: os filósofos passam não mais a resgatar o passado greco-romano, como fizeram os renascentistas, mas buscam superá-lo. É nesse sentido que o racionalista Descartes e o empirista Francis Bacon criam os métodos científicos modernos. Thomas Hobbes, por sua vez, rompe com a visão aristotélica de política: ele passa a pensar o homem não mais como um animal político, movido pelas virtudes, mas como um animal interesseiro, movido pelo medo.

VIDEOAULA: O RENASCIMENTO E OS CLÁSSICOS

Clique aqui e assita

PRINCIPAIS AUTORES DO RENASCIMENTO



NICOLAU MAQUIAVEL

O autor de *O Príncipe* aborda o papel da ética e sua relação com a política.

ORIGEM

Florença (1469-1527)

CORRENTE FILOSÓFICA

Humanismo Cívico Florentino

PRINCIPAIS OBRAS

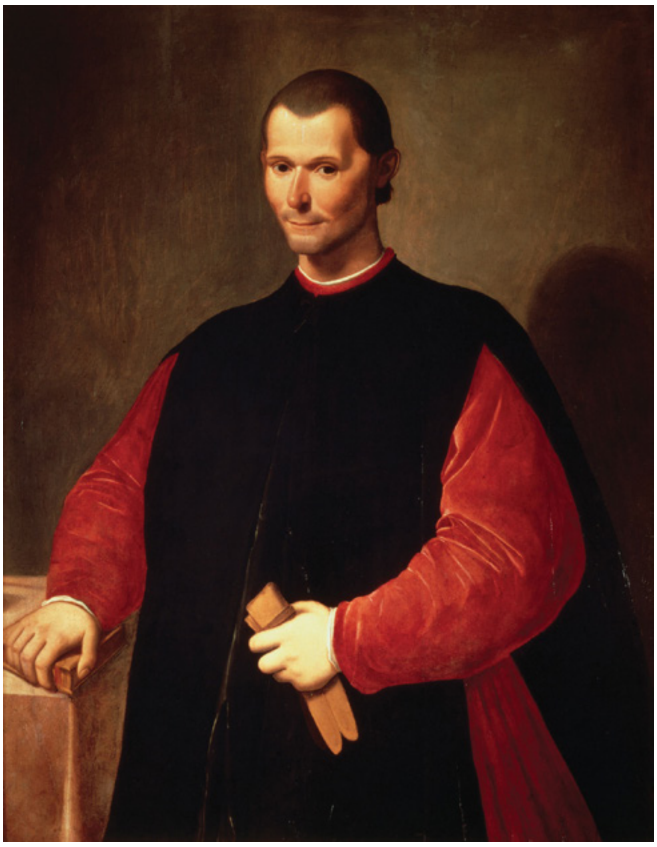
O Príncipe; Os Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio; A Arte da Guerra; Mandrágora

FRASE-SÍNTESE

“Não se aparte do bem, mas, havendo necessidade, saiba valer-se do mal.”

BIOGRAFIA

Nascido no conturbado fim do Quattrocento (XV), o florentino Nicolau Maquiavel teve, assim como os outros renascentistas, uma formação humanista. Formado na Universidade de Florença, ele atuou como uma espécie de diplomata de sua cidade: foi a diversas cortes estabelecer tratados, alianças e relatórios, conhecendo o contexto de cada país e, como ótimo observador, enxergando defeitos e qualidades nas artes de governar. Preso e torturado sob a acusação de conspiração, Maquiavel viveu em reclusão, o que trouxe à mente do diplomata um agudo senso de realismo, e uma obsessão pela garantia da estabilidade dos Estados. Em reclusão, visando a retornar à administração do principado florentino, Maquiavel escreveu um livro a Lourenço de Médici intitulado *O Príncipe*. Assim, o principado de Médici concedeu o perdão a Maquiavel, dando a ele o título de historiador. Em 21 de junho de 1527, Maquiavel morre, doente.

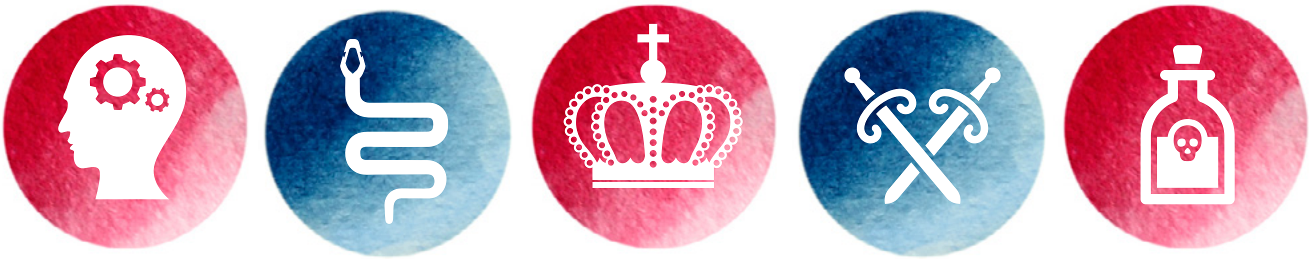


Retrato de Nicolau Maquiavel, por Santi di Tito (Reprodução)

"Os meios serão sempre julgados honrosos e por todos louvados, porque o vulgo sempre se deixa levar pelas aparências e pelos resultados, e no mundo não existe senão o vulgo; os poucos não podem existir quando os muitos têm onde se apoiar."

A FILOSOFIA DE MAQUIAVEL

O termo "maquiavélico" sempre esteve associado à astúcia, falsidade e má-fé. Foi empregado, por exemplo, para caracterizar governos despóticos e políticos corruptos. Os dicionários apontam esse termo como "astuto", "ardiloso". De fato, o nome de Maquiavel foi



considerado uma ameaça às bases morais da vida política. Mas isso, de maneira alguma, expressa o pensamento desse humanista: Maquiavel nunca foi maquiavélico.

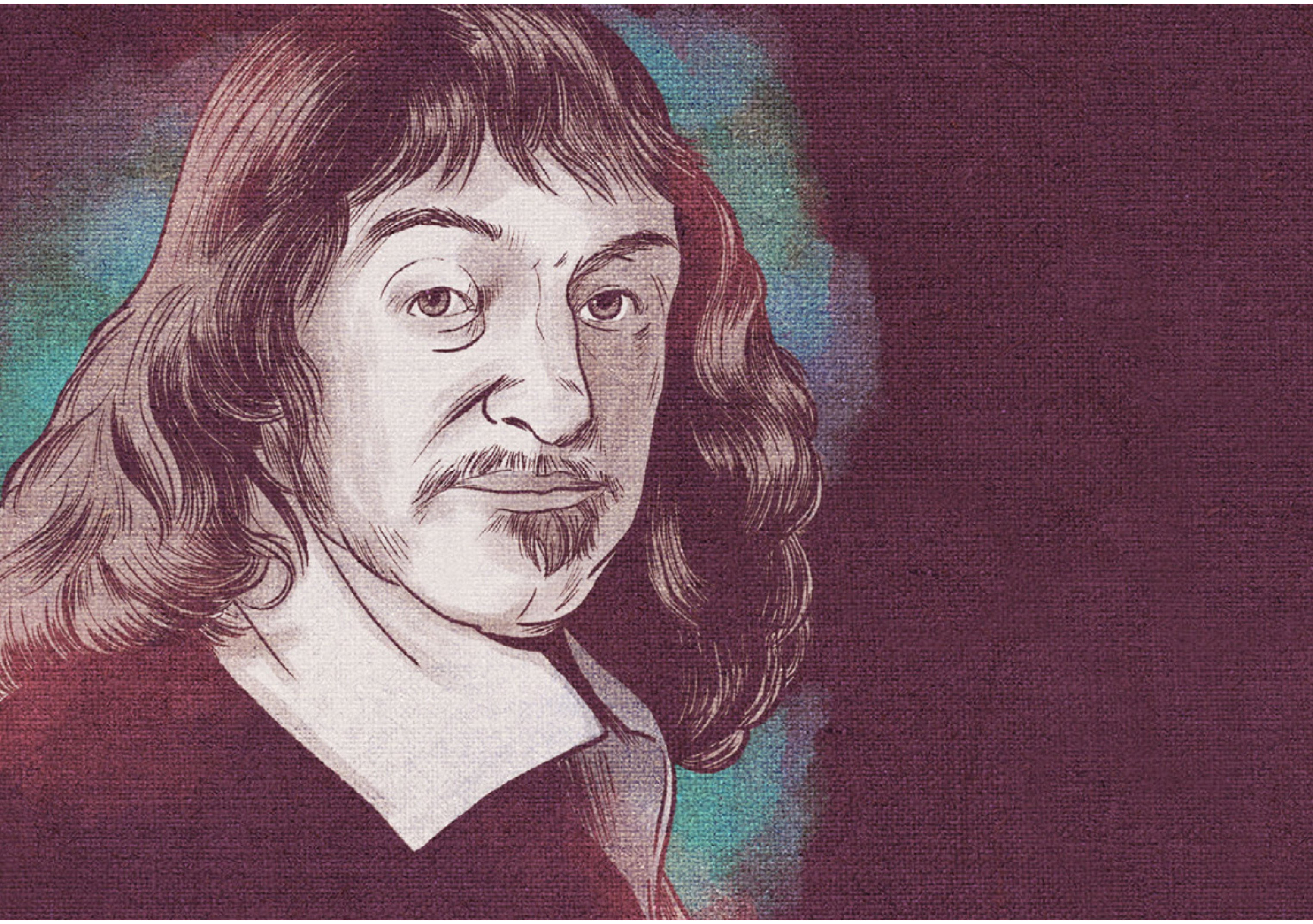
Foi em meio a uma Itália fragmentada, permeada por guerras e jogos de poder, que Maquiavel escreveu sua mais famosa obra: *O Príncipe*. A questão central do livro são o papel da ética e sua relação com a política. Em *O Príncipe*, pela primeira vez na história do pensamento político, a ação política despiu-se de preceitos morais cristãos, ou, como diria Benedetto Croce, percebeu-se que “a política não se faz com água-benta”. Maquiavel mostrou existirem duas éticas distintas: uma ética cristã, útil para salvar a alma (ser bom sempre, nunca mentir, não usar máscaras), e uma ética política, útil para salvar o Estado (ser mau quando necessário, mentir quando a situação exigir, parecer bom e piedoso).

Em Maquiavel, a ética política é utilitária, ou seja, são morais todos os atos úteis à comunidade, ao passo que são imorais os atos que tiverem em vista a satisfação de interesses egoístas, que entrem em conflito com os interesses da coletividade. Rompeu-se, aqui, com a ideia dominante de que o príncipe deve ser sempre bondoso (no sentido cristão da palavra). Haveria, portanto, uma *ragione di stato* (razão de estado). Isso não significa que Maquiavel era um defensor da maldade e da corrupção – sua filosofia tem uma profundidade muito maior que essa –, mas defende a ideia de que o príncipe deve saber “não ser bom”, existindo, portanto, “crueldades mal usadas ou bem usadas”. É nesse sentido que Maquiavel diz: “Se bem considerar tudo, encontrar-se-á alguma coisa que parecerá virtude, e segui-la seria a ruína, e alguma coisa que parecerá vício, e seguindo-a obtém a segurança e o bem-estar”.

Maquiavel está mais interessado no Estado como ele é de fato, e suas possibilidades reais (o mundo como ele é), do que no que ele deveria ser – Maquiavel é realista e, profundamente renascentista, está interessado nas questões de sua época. Segundo Isaiah Berlin, ao admitir a pluralidade de éticas, Maquiavel foi um precursor do liberalismo.

MAQUIAVEL HOJE

O que exigir de um político? Podemos exigir que ele sempre diga a verdade, sempre fale o que pensa e nunca pense nas aparências? Ou, pelo contrário, se o político disser sempre a verdade, for pleno e íntegro, seria a ruína do Estado e ele nunca seria íntegro? A relação entre verdade e política é conflituosa e bastante atual – especialmente no período eleitoral –, e Maquiavel foi o primeiro a nos mostrar essa questão.



RENÉ DESCARTES

O criador do racionalismo cartesiano sustenta que o homem não pode alcançar a verdade pura através de seus sentidos

---

ORIGEM

Próximo a Tours (França) (1596-1650)

CORRENTE FILOSÓFICA

Racionalismo

PRINCIPAIS OBRAS

O Discurso do Método; Geometria e Meditações; Meditações sobre Filosofia Primeira Princípios da Filosofia; O Homem

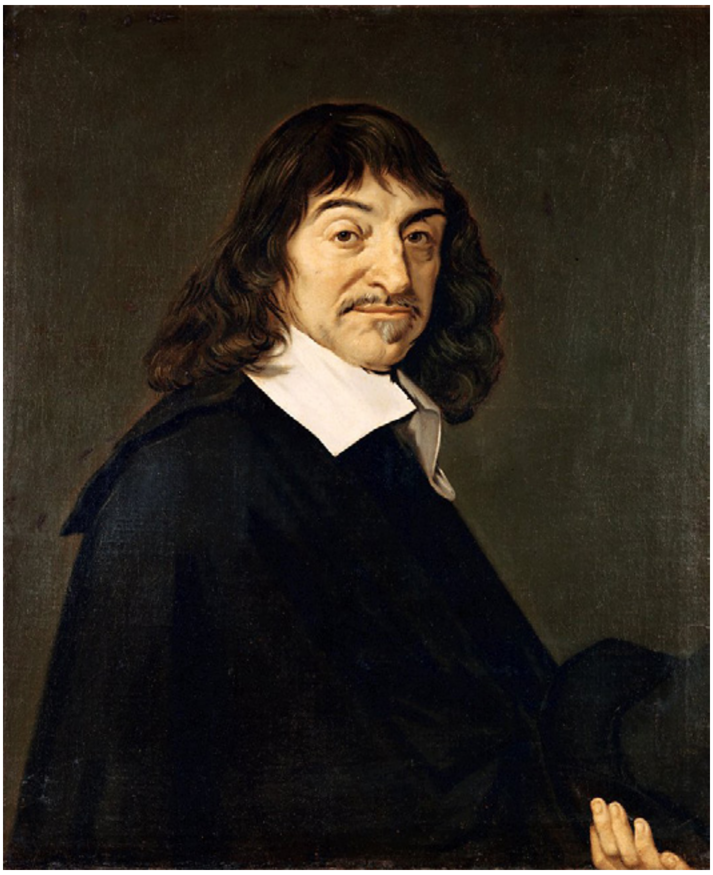
FRASE-SÍNTESE

"Penso, logo existo."

BIOGRAFIA

Nascido em La Haye, na França, em 31 de março de 1596, René Descartes é considerado um dos pais da filosofia moderna. Tendo estudado com os jesuítas na infância, graduou-se em direito em 1616, pela Universidade de Poitiers. Depois de uma breve passagem pela vida militar, diz a tradição que, após um sonho que teve numa viagem à Alemanha, passou a dedicar-se ao estudo de matemática e filosofia. Conhecido em sua época, suas obras foram, por uns, louvadas; por outros, condenadas como heréticas. Depois de sua morte, em 1650, na Suécia, onde trabalhava para a rainha Cristina, seus livros foram proibidos pela Igreja Católica.

"Mas imediatamente que eu observava isso, que os pensamentos de sonho se confundem com a realidade, ainda assim eu desejava pensar que tudo era falso, era absolutamente necessário que eu, quem pensa, seja algo; e enquanto eu observava que isso é verdadeiro, eu penso, logo existo, era tão certo e tão evidente que eu aceitei este como primeiro princípio de filosofia, que eu estava refletindo."



René Descartes (Reprodução)

A FILOSOFIA DE DESCARTES

René Descartes é responsável pelo desenvolvimento do racionalismo cartesiano, segundo o qual o homem não pode alcançar a verdade pura através de seus sentidos: as verdades residem nas abstrações e em nossa consciência, na qual habitam as ideias inatas. Diante do forte ceticismo na época do Renascimento, muitas pessoas acreditavam que os métodos científicos eram falhos, incompletos e sujeitos ao erro, de forma que seria impossível para o homem conhecer o mundo real e fazer ciência de maneira verdadeira. A missão de Descartes era justamente legitimar a ciência, demonstrando que o homem poderia conhecer o mundo real. Para encontrar uma certeza inquestionável, Descartes duvidou de tudo.

A **dúvida cartesiana** é justificada por três argumentos. Primeiramente, a **ilusão dos sentidos**, ou seja, não poderíamos confiar nos nossos sentidos, os quais são limitados e enganosos. Em segundo lugar, não sabemos distinguir o mundo externo daquilo que é produto de nossa mente (**argumento dos sonhos**). Em terceiro lugar, há o **gênio maligno**: quem diz que não há um deus ou um demônio malévolo poderoso e astuto que dedicasse todas suas energias para enganar os homens?

Nesse momento, portanto, criou-se um impasse: como Descartes poderia encontrar certezas irrefutáveis se, ao mesmo tempo, acreditava que deveria duvidar sistematicamente de tudo que se apresentasse para ele? Se, por um lado, Descartes acreditava que o ato de duvidar punha em dúvida até nossos sentidos, por outro, é impossível duvidar do pensamento: afinal, duvidar do pensamento é pensar. Mesmo a possibilidade de um deus enganador pressupõe a existência de um ser pensante que esteja nas garras desse gênio. Dessa forma, nosso pensamento e nossa existência seriam um ponto de partida inquestionável, uma certeza a partir da qual Descartes poderia edificar seu método filosófico. Nasceu então a famosa máxima cartesiana, o argumento do cogito: “*Penso, logo existo*” (*Ego cogito ergo sum*).

Porém, o problema de Descartes ainda não estaria resolvido: se a única certeza do homem é o “eu”, ou seja, seu pensamento e sua existência, como Descartes iria fazer a ponte que ligasse a certeza que residia no indivíduo à incerteza do mundo externo? Como não cair no solipsismo? Solipsismo é a doutrina segundo a qual só existem, efetivamente, o eu e suas sensações, sendo os outros entes (seres humanos e objetos) partícipes da única mente pensante, meras impressões sem existência própria.

Descartes, então, cria uma ponte entre o pensamento subjetivo e a realidade objetiva. Dessa forma, o filósofo afirmou que o pensamento, sua única certeza, seria composto por ideias. Uma ideia seria válida na medida em que fosse clara e distinta o suficiente para diferenciá-la das outras. Haveria, para ele, três tipos de ideias: as **ideias inatas** (naturais, que se encontram no indivíduo desde o nascimento, de modo que não adquirimos pela nossa experiência), as **ideias adventícias** (ou seja, empíricas, que formarmos ao longo de nossa vida, a partir da experiência, estando sujeitas à dúvida) e as **ideias factícias ou da imaginação** (que formamos na nossa mente a partir das outras ideias).

É a partir das ideias inatas que Descartes fundamentou sua prova da existência de Deus. A ideia de Deus, presente em nossa mente, é a ideia de uma entidade perfeita. O homem por si só seria incapaz de chegar à clara e distinta ideia de perfeição, já que não haveria nenhuma correspondência desse ideal no mundo concreto. Assim, a ideia de perfeição seria inata, colocada no homem por Deus, a grande marca do criador em sua obra.

Se Deus existe, fica provado que o mundo por ele criado também existe. Assim, note que Descartes provou que o "eu" existe e, por meio do raciocínio dedutivo, provou também, a partir das premissas anteriores, que Deus e o mundo existem. Eis a ponte entre o pensamento subjetivo e a realidade objetiva, isto é, a prova de que "o eu e o mundo" existem.

VIDEOAULA: A DÚVIDA METÓDICA DE DESCARTES

Clique aqui e assita

DESCARTES HOJE

Descartes mostrou, a partir do pensamento dedutivo, a existência do homem e de Deus. Desde então, o pensamento cartesiano foi associado a uma visão extremamente racionalista do homem e do mundo. É cartesiana, por exemplo, a visão de que o homem e o universo seriam máquinas: para Descartes, tal qual um relógio, o ser humano poderia ser compreendido (e, eventualmente, "consertado") a partir das partes que o compõe.

O filme Ponto de Mutação e o livro homônimo de Fritjof Capra colocam em questão essa visão cartesiana de mundo: o homem e o universo são perfeitamente racionalizáveis, isto é, podem ser entendidos a partir dos elementos físico-químicos que os compõem? A visão de Capra, conhecida como holística, em contraposição ao pensamento cartesiano, crê que o homem deve ser compreendido em sua totalidade – todas as partes de seu corpo e mente estariam absolutamente integradas. Quando a medicina holística hoje, por exemplo, acredita que um problema em determinado órgão pode estar relacionado a uma questão de ordem emocional, são esses paradigmas filosóficos que estão em questão. Eis uma questão fundamental para o pensamento contemporâneo.

FRANCIS BACON

Um dos ícones do empirismo, Bacon defendeu o método experimental contra a ciência especulativa clássica

---

ORIGEM

Londres (1561-1626)

CORRENTE FILOSÓFICA

Empirismo

PRINCIPAIS OBRAS

*Novum organum; The Advancement of Learning (*ampliado posteriormente com o título *De augmentis); New Atlantis*

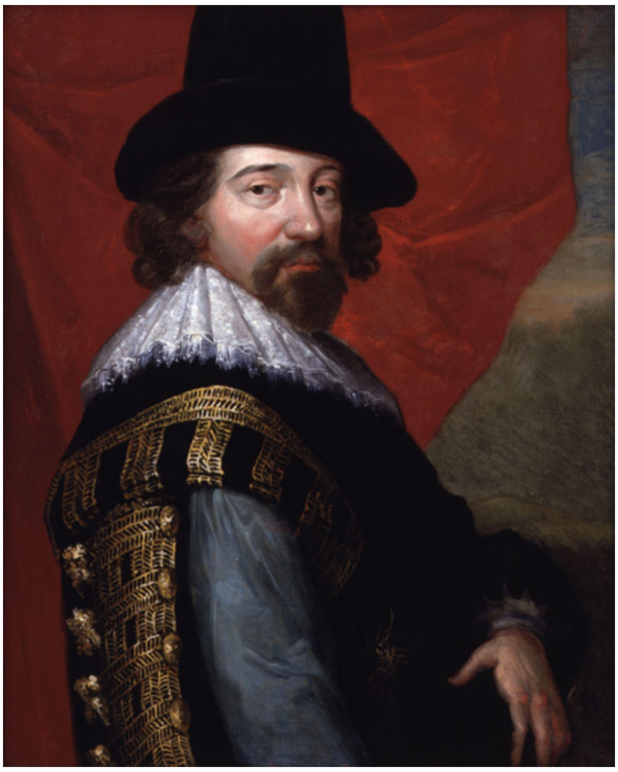
FRASE-SÍNTESE

"Saber é poder."

BIOGRAFIA

Nascido em Londres, em 1561, Francis Bacon foi um homem da política, atuando desde jovem como diplomata e chegando ao cargo de lorde-chanceler no governo de Jaime I, em 1618. No mesmo ano recebeu o título de barão de Verulam e, três anos mais tarde, o de visconde de St. Albans. Seu prestígio era tamanho que se especulou – sem provas concretas – que ele fosse o verdadeiro autor das obras de Shakespeare.

Posteriormente, em 1621, Bacon foi afastado da política, acusado de corrupção. Proibido de exercer cargos públicos, ele dedicou-se mais intensamente à ciência – foi pioneiro ao traçar o primeiro esboço racional de uma metodologia científica. O filósofo morreu de maneira trágica, como mártir da ciência: buscando estudar o processo de congelamento de uma galinha durante o inverno, acabou morrendo devido ao frio.



Francis Bacon (National Portrait Gallery/Reprodução)

“A verdade surge mais facilmente do erro do que da confusão.”

A FILOSOFIA DE BACON

Bacon é um dos ícones do empirismo e considerado, junto a Descartes, um dos fundadores da filosofia moderna graças a sua defesa do método experimental contra a ciência especulativa clássica. Em contrapartida ao racionalismo cartesiano, contudo, o empirismo representa uma tradição filosófica que, tomando como lema a frase aristotélica “nada está no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos”, acredita que todo conhecimento resultaria de percepções sensíveis, desenvolvendo-se a partir desses dados. O empirismo é uma forma de autonegação: deixe o objeto falar por si só, a partir disso a verdade é acessível. Bacon visava a uma reforma filosófica que garantisse o progresso das ciências contra a escolástica. Assim, seu pensamento crítico tinha como objetivo libertar o homem de preconceitos, fantasias e superstições que impediriam a construção do verdadeiro conhecimento. Nesse contexto, encontramos sua teoria dos ídolos. Os ídolos seriam obstáculos, distorções ou ilusões que “bloqueiam a mente humana”, conduzindo o homem ao erro.

Haveria os **ídolos da tribo**, ou seja, os que resultam da natureza humana, a qual, imperfeita, distorce e corrompe as coisas devido aos limites naturais da própria razão – o homem não possui um lugar privilegiado no universo e, por isso, não há nada no universo que lhe permita conhecê-lo.

Já os **ídolos da caverna** resultam das características individuais, ou seja, a constituição física e mental de cada um, sua experiência de vida, sua educação e seu meio, os quais prejudicariam o processo de conhecimento da realidade.

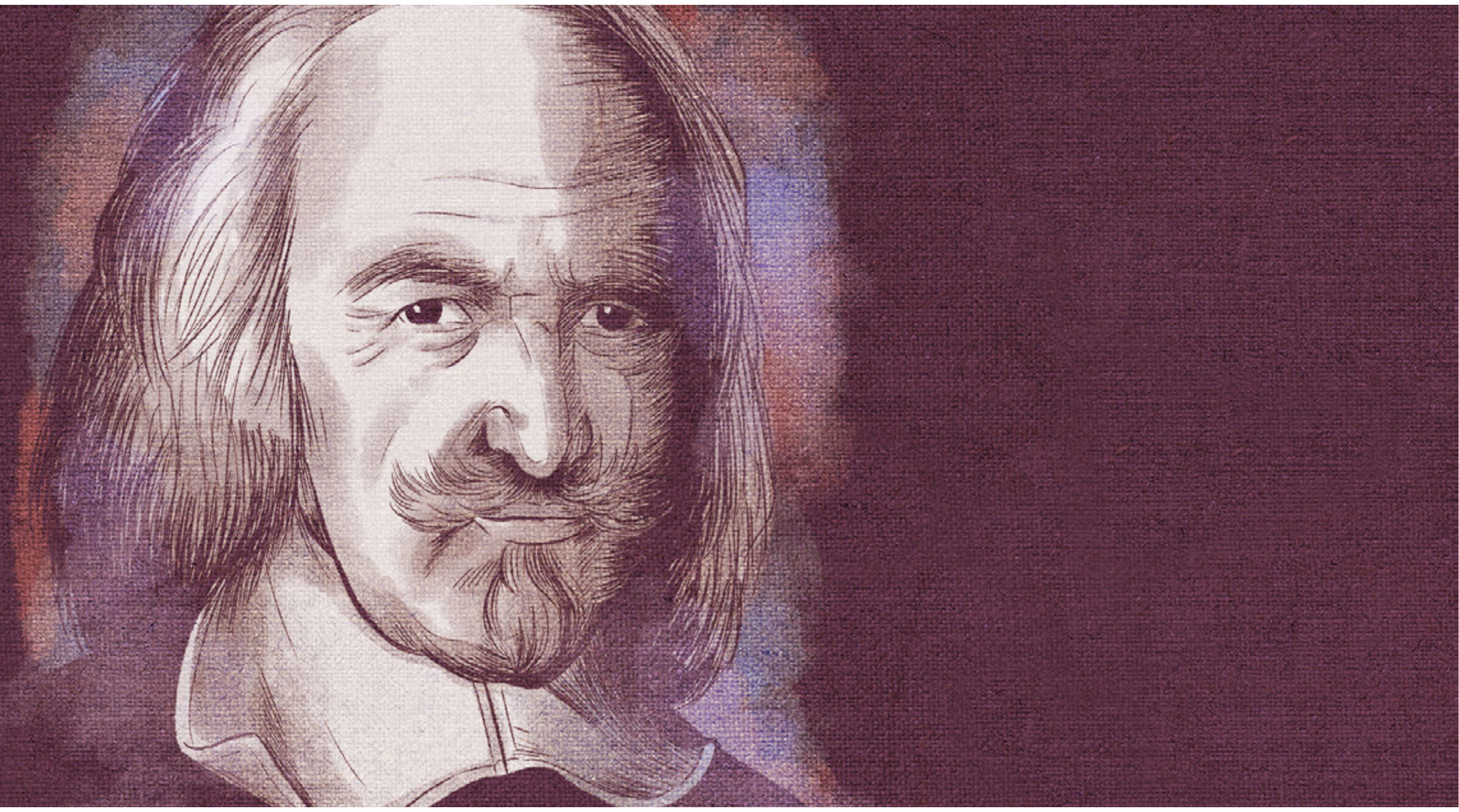
Os **ídolos do foro** (ou do mercado) são resultado da linguagem, comunicação e do discurso, ou seja, as palavras poderiam perturbar o intelecto e arrastá-lo a diversas controvérsias.

Finalmente, os **ídolos do teatro** são aqueles resultantes das doutrinas filosóficas e científicas, as quais criam mundos fictícios e teatrais, que muitas vezes aceitamos (Bacon referia-se, principalmente, à escolástica). Obviamente, seria impossível desfazer-se de todos os ídolos, mas, conhecendo sua natureza, poderíamos combatê-los.

Tendo consciência dos ídolos que bloqueiam a mente humana, seria necessário ao homem despir-se de seus preconceitos, tornando-se uma “criança diante da natureza” para, assim, alcançar o verdadeiro saber. A partir de então, Bacon propôs um novo método científico. O método é a indução, a qual, baseada nas observações e na experiência, permite ao homem conhecer a regularidade, o funcionamento e as relações entre os fenômenos da natureza, formulando, dessa forma, as leis científicas. Essa ciência possibilitaria o controle total da natureza para, assim, beneficiar o homem, fazendo previsões e desenvolvendo instrumentos técnicos – extensões de nossos membros que ajudam a superar nossas limitações. Dessa maneira, o progresso do conhecimento significaria o progresso do homem, por isso sua famosa frase: “*Saber é poder*”.

BACON HOJE

O pensamento de Bacon foi fundamental para combater a superstição em sua época. Hoje, entretanto, a razão instrumental defendida por Bacon e sua glorificação da técnica são fortemente questionadas na filosofia contemporânea, em particular pela Escola de Frankfurt e por Heidegger. Será mesmo que saber é poder? Será correta a noção de que o progresso das ciências traz necessariamente o progresso dos povos? Ou melhor, seria correta a ideia de progresso? No século XIX, por exemplo, acreditava-se que o desenvolvimento das ciências naturais (física e química) nos levaria à paz e à perfeição. As guerras mundiais, as ditaduras e os incontáveis massacres dos séculos XX e XXI solaparam essa ideia: a razão, com toda sua importância, não salvou a humanidade. Nesse sentido, qual o papel da sensibilidade na história do homem?



THOMAS HOBBES

Para o filósofo, o homem não é um animal político ou social, como dizia Aristóteles, mas um lobo egoísta e interesseiro, que sempre quer saciar seu apetite

---

ORIGEM

Westport (Inglaterra) (1588-1679)

CORRENTE FILOSÓFICA

Empirismo

PRINCIPAIS OBRAS

Leviatã; Do Cidadão; Do Corpo; Do Homem; Os Elementos da Lei

FRASE-SÍNTESE

"O homem é o lobo do homem."

BIOGRAFIA

Thomas Hobbes nasceu na aldeia de Westport, na Inglaterra, em 1588. Em 1608, já formado em arte, passou a trabalhar como preceptor na poderosa família Cavendish, um importante lorde inglês, o que lhe permitiu fazer viagens de aprimoramento cultural. Visitou a França e a Itália em 1610 e estudou literatura e filosofia. Entre 1621 e 1626, trabalhou como secretário de Francis Bacon, para quem traduziu algumas obras.

Hobbes vivenciou grande parte do longo processo da Revolução Inglesa (1640-1689), quando o povo inglês lutou contra o absolutismo da dinastia Stuart. Fervoroso defensor da Monarquia, escreveu seu primeiro tratado sobre o regime, *Elementos da Lei Natural*, em 1640, e foi obrigado a se refugiar em Paris. Retornou à Inglaterra pouco tempo depois, mas voltou a se refugiar na França, por causa dos ideais absolutistas expostos em *Leviatã*, em 1651. Um ano depois, voltou à Inglaterra, então governada por Oliver Cromwell. Morreu em Hardwick, em 1679.

"As paixões que, mais do que quaisquer outras, causam diferenças de espírito são principalmente um maior ou menor desejo de poder, de riquezas, de conhecimento e de honra, as quais podem todas reduzir-se à primeira, isto é, ao desejo de poder. Pois as riquezas, o conhecimento e a honra não são senão formas diversas de poder. Assim, considero como principal inclinação de toda a humanidade um perpétuo e incessante afã de poder, que cessa apenas com a morte."

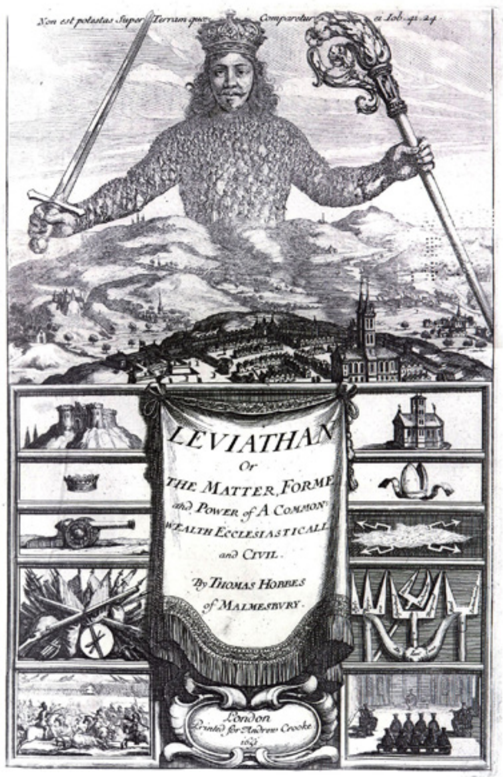
A FILOSOFIA DE HOBBES

Em sua obra Leviatã (Leviatã é um bíblico monstro gigantesco que representa o Estado), Hobbes inaugurou um novo modo de pensar a política, refletindo não apenas sobre os paradigmas já existentes, mas questionando-se sobre a origem do Estado, sua função etc. Se, em Maquiavel, o problema era a conservação do poder, em Hobbes, o problema é a conservação do homem. A obra é escrita no bojo da Revolução Puritana Inglesa e sua guerra civil: o texto é uma defesa do absolutismo, justamente, quando ele vivia uma profunda decadência na Inglaterra.

O ponto de partida de Hobbes é a construção de um hipotético estado de natureza. O estado de natureza é um estado de violência, de guerra: Bellum omnium contra omnes (a guerra de todos contra todos). Assim, para Hobbes, o homem é, desde a mais tenra infância, egoísta, parcial, competitivo, orgulhoso, vingativo, vaidoso e ambicioso: homo homini lupus (o homem é o lobo do homem).

O homem não é um animal político ou social, como dizia Aristóteles, mas um lobo egoísta e interesseiro, que sempre quer saciar seu apetite. O desejo de se preservar é a fonte mais abundante dessa guerra, que nos instiga a ver o próximo como um inimigo. Para alcançar nosso insaciável desejo de poder, estaríamos sempre matando, subjugando e repelindo o próximo. Afinal, o homem só encontra a felicidade por comparação com os outros homens, ou seja, sua felicidade depende da miséria do próximo: "Todo o prazer intelectual e toda a felicidade se baseiam no fato de ter uma pessoa com quem se comparar e em relação a quem se sentir superior". Portanto, a vida anterior ao Estado e à sociedade – no hipotético estado de natureza – seria brutal, violenta, miserável, infeliz e solitária, a guerra de todos contra todos, marcada pelo mais intenso sentimento do homem: o medo da morte.

Dessa forma, qual seria a maneira de conter essa natureza humana e solucionar o problema do medo e da guerra de todos contra todos? Por meio de um contrato, de um pacto, as pessoas atribuem ao Estado poderes absolutos. O ser humano, calculista e que teme


Non est potestas Super Terram quæ Comparetur ei Iob. 41. 24
LEVIATHAN
Or
THE MATTER, FORME
and POWER of A COMMON-WEALTH ECCLESIASTICALL
and CIVIL.
By THOMAS HOBBES of MALMESBURY.
London
Printed for Andrew Crooke
1651

Capa da edição original do Leviatã (1651) (Reprodução)

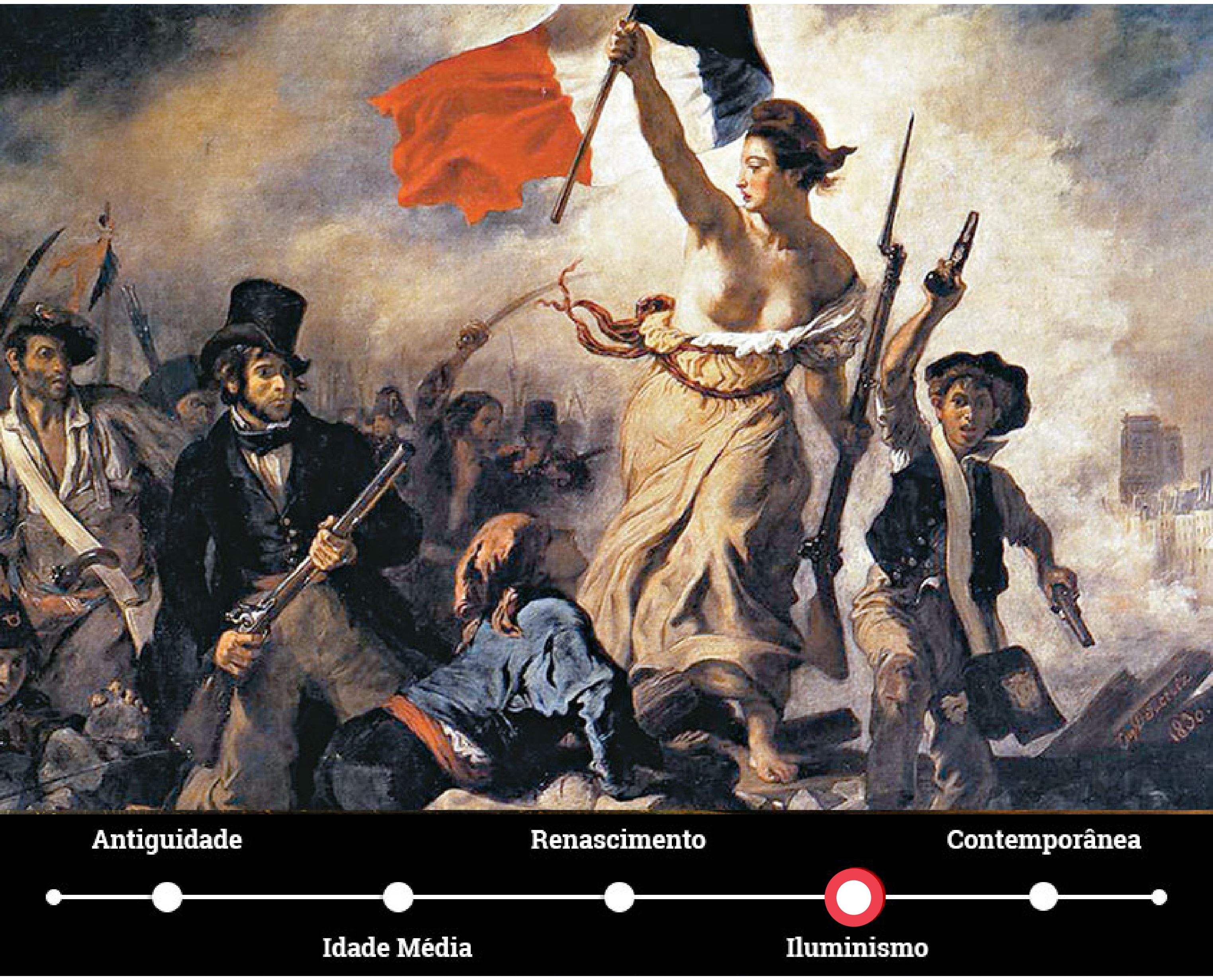
a morte, aceita sacrificar sua liberdade em nome de sua segurança. O Estado e a sociedade teriam nascido juntos, representando o fim do estado de natureza, quando o homem renunciou todos os direitos e as liberdades individuais para um soberano, que, em troca, governando com poderes absolutos, conteria o lobo do homem, ou seja, protegeria o homem dos seus semelhantes, evitando o medo e a guerra entre os homens.

O medo da morte, característica humana, é utilizado aqui em favor da paz. O Estado absoluto é a melhor maneira de garantir a liberdade individual. Enquanto os republicanos diziam que o homem só é livre se viver num Estado livre, Hobbes lembra que, ao abdicarmos de nossa liberdade de fazer leis ou escolher representantes periodicamente, ganhamos inúmeras outras liberdades, como a tranquilidade, a busca por enriquecimento sem incômodos, o exercício dos nossos talentos, o aprimoramento individual, a busca da felicidade, entre outros.

Perceba, entretanto, que Hobbes legitima o Estado a partir da função que ele tem de proteger seus súditos; por isso, a maioria dos defensores do absolutismo, na época de Hobbes, não o apoiou, pois, para eles, o soberano legitimava-se pelas Escrituras ou pela Tradição.

HOBBES HOJE

Qual a relação entre medo e política? Se Hobbes pensa o surgimento do poder a partir do medo, é preciso pensar, na atualidade, a importância do medo: a proliferação de condomínios fechados, seguros de vida caríssimos, dezenas de mecanismos de proteção de carro e, pior, a sedução, que leva a discursos demagógicos, com líderes políticos que, utilizando um discurso do medo, afirmam ser a solução para a pátria, que, segundo eles, está ameaçada. O medo é, sem dúvida, um importante componente da vida social.



Tela do pintor Eugène Delacroix: “A Liberdade Guiando o Povo” (© R.M.N./H. Lewandowski/Museu do Louvre/Paris)

O ILUMINISMO

As duas últimas décadas dos séculos XVII e XVIII – o século das luzes – conheceram um amplo movimento cultural: o Iluminismo – conhecido também como Esclarecimento (*Aufklarung*), Ilustração, Filosofia das Luzes ou Século de Frederico, em referência ao rei filósofo Frederico da Prússia.

Um jogo de cartas, criado no ano II da Revolução Francesa (1793), seria a expressão do ideário iluminado. No lugar dos reis, rainhas e valetes, o baralho ostentava filósofos, virtudes e soldados da república. No lugar do rei de paus, por exemplo, estava Rousseau, enquanto no lugar do rei de ouros estava Voltaire.

Assim, reivindicando para os filósofos o trono dos reis, a proposta central do Iluminismo seria levar a razão, a luz, onde haveria, segundo eles, a ignorância, as trevas. A luz representava a filosofia ilustrada, e as trevas o que eles, filósofos, chamaram de Antigo Regime, a irracionalidade do mundo em que viviam, permeado pelo dogmatismo, no plano religioso; pela autoridade do absolutismo, no plano político; pelo mercantilismo, no plano econômico; e pela sociedade de privilégios, no plano social.

Chamar de “Antigo” o mundo em que eles viviam expressava uma vontade de destruí-lo, virar a página e criar algo novo: antes da chegada desses filósofos, portadores da luz, os homens tinham vagado cegos, de olhos vendados. Agora um novo movimento vinha tirar essas vendas e iluminar os homens em todos os campos do conhecimento: ética, política, religião, costumes, direito ou economia.

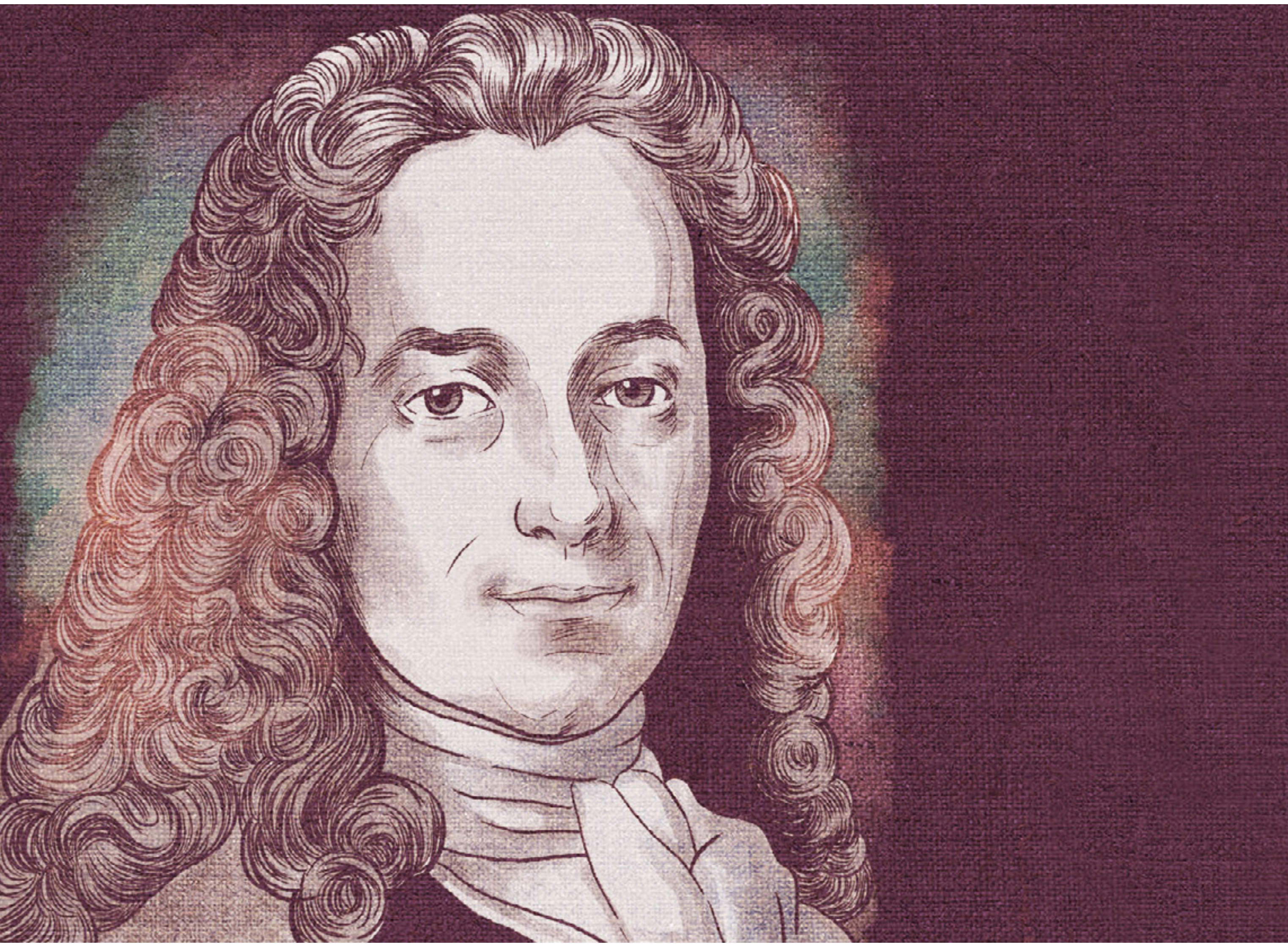
Em seu texto de 1783, *O que É Esclarecimento?*, Kant define o Iluminismo como autonomia: “A saída do homem da menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu próprio entendimento sem a direção de outro indivíduo”. O homem na menoridade sofre de heteronomia, isto é, tal como uma criança, estaria sujeito a tutores que controlavam seu pensamento, dizendo o que é certo e o que é errado, impondo normas e punições. Esses tutores da humanidade seriam a Igreja, o Estado Absoluto, o Exército, os professores, os banqueiros e os legisladores.

O homem do Iluminismo renuncia ao socorro vindo do alto e percorre o próprio caminho para alcançar a verdade, extraída das próprias forças. Porém, lembrava Kant, a maioria dos homens ainda prefere viver na menoridade, aceitando o que diz a Igreja e as autoridades, pois têm medo e preguiça de “pensar por si mesmos” e, por isso, vivem e morrem esclerosados em suas velhas concepções. A Igreja, católica ou protestante, impediria o livre exercício da razão humana, controlando-a. O Iluminismo, importante lembrar, não é contra a religião, mas contra o dogmatismo e a intolerância (o próprio Kant era protestante). Segundo Kant, com o início do Iluminismo, o homem começou a sair do estado de menoridade, passando a definir por si só o que é certo e o que é errado, no uso livre da própria razão.

VIDEOAULA: AS VISÕES DE MARX E KANT SOBRE O ILUMINISMO

Clique aqui e assita

PRINCIPAIS AUTORES DO ILUMINISMO



VOLTAIRE

A defesa do livre pensamento foi o pilar da filosofia de Voltaire

---

ORIGEM

Paris (1694-1778)

CORRENTE FILOSÓFICA

Iluminismo/ Liberalismo Político

PRINCIPAIS OBRAS

Tratado sobre a Tolerância; Cândido ou O Otimismo; A Princesa da Babilônia; Cartas Filosóficas

FRASE-SÍNTESE

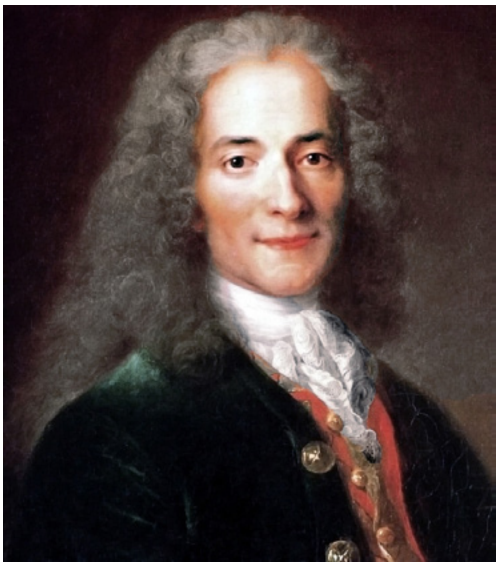
“Devemos cultivar nosso jardim.”

BIOGRAFIA

Voltaire é o pseudônimo de François-Marie Arouet, que nasceu em 21 de novembro de 1694, em Paris. O contato prematuro com o ambiente libertino da intelectualidade parisiense, como o círculo formado pela Société du Temple, foi fundamental para a sua formação – aos 21 anos, já tinha a reputação como a inteligência mais arguta de Paris. Influenciado pelo grupo, escreveu em 1717 a sátira em versos sobre o trabalho do francês Philippe d'Orléans. Considerada ofensiva, a obra leva-o à prisão por um ano na Bastilha. Em 1723 voltou a ser preso por ofensas ao príncipe Rohan-Chabot. Espancado e preso na Bastilha, Voltaire aprendeu a buscar a proteção dos ricos e poderosos, vivendo em diversas cortes.

Exilou-se na Inglaterra, onde conheceu as ideias iluministas. No retorno a Paris, publicou *Cartas Filosóficas*, ou *Cartas Inglesas* (1734), em que compara a tolerância religiosa e a liberdade de expressão na Inglaterra com o atraso do clero e da sociedade franceses. Em 1788, aos 84 anos, três meses antes de sua morte, Voltaire teve um busto seu inaugurado em homenagem à sexagésima representação da peça *Irene*.

"O que é fé? É acreditar naquilo que é evidente? Não. É perfeitamente evidente na minha mente a existência necessária, eterna e suprema de uma inteligência criadora. Isso não é uma questão de fé, mas de razão."



Retrato de Voltaire (Reprodução)

A FILOSOFIA DE VOLTAIRE

Voltaire foi um grande entusiasta da filosofia do século XVII, apaixonado pela razão e admirador de filósofos como Descartes, Newton e, sobretudo, Locke, que Voltaire acreditava ser o "Aristóteles moderno". Ao contrário de Montesquieu, Voltaire nunca deixou uma obra sistemática como o *Espírito das Leis*, mas foi um homem de ação, grande agitador e propagandista do espírito das luzes e crítico ferrenho de sua época, publicando inúmeros poemas e romances. Ele sempre encarou o mundo e o homem com um humor inteligente, divertido e engajado.

Estátua de Voltaire no Palácio do Louvre em Paris (iStock)

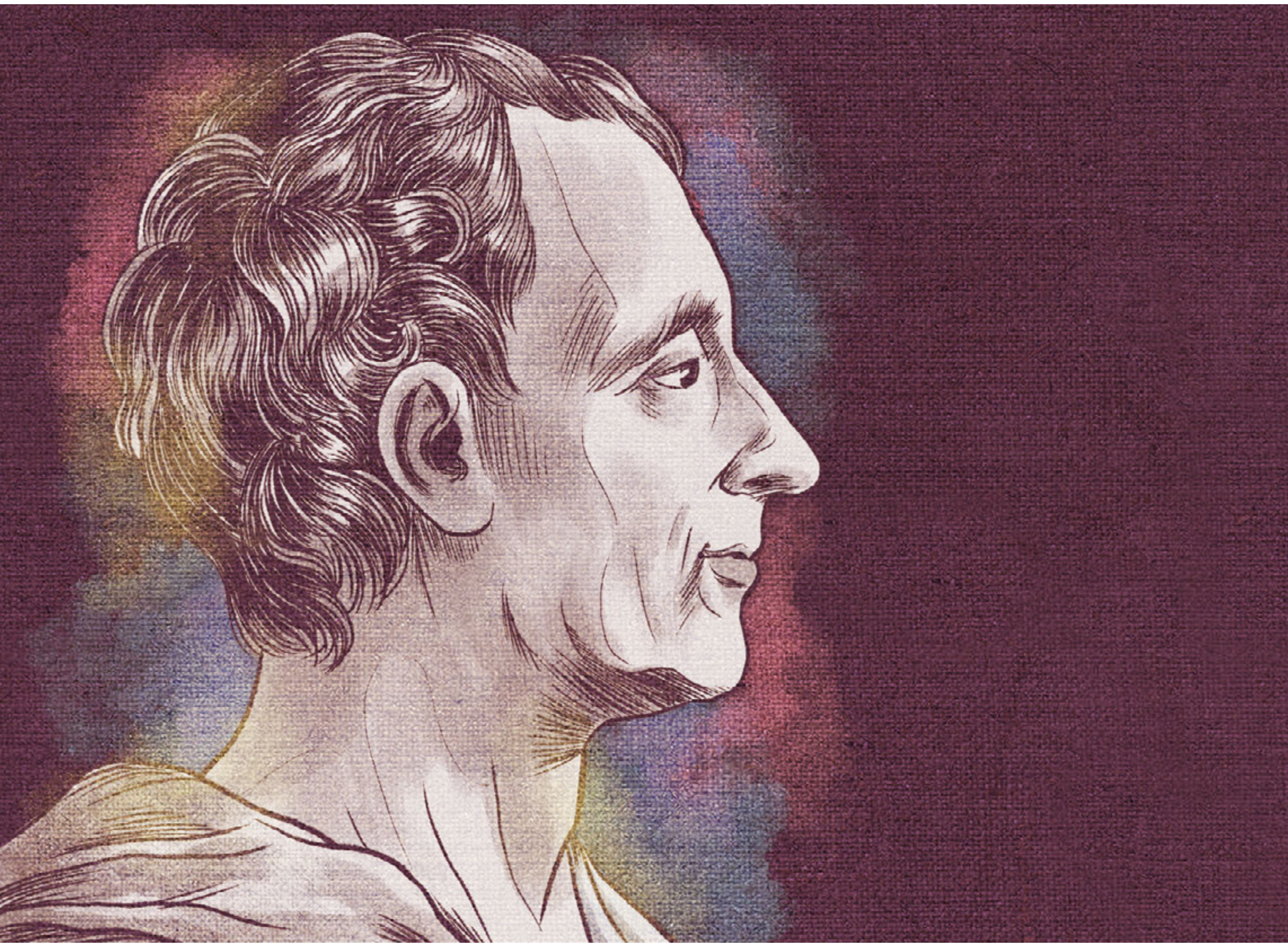
A defesa do livre pensamento foi o pilar da filosofia de Voltaire. Ela pode ser sintetizada em uma frase que lhe é comumente atribuída: “Não concordo com uma palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o direito de dizê-la”. Apesar de não haver certeza de que a frase seja mesmo de Voltaire, ela expressa bem seu pensamento.

A Igreja Católica e a monarquia francesa foram seus dois alvos prediletos. Voltaire não era ateu e reconhecia Deus como princípio explicativo do universo: “Se Deus não existisse seria necessário inventá-lo”. Também acreditava que Deus é uma verdade rigorosamente demonstrável: “Eu existo, logo algo necessário e eterno existe”. Mas o pensador parisiense atacava a superstição, a crença nos milagres e a repressão da Igreja. A figura do clérigo era sempre satirizada por Voltaire: “Acreditem em Deus, mas não acreditem nos padres”. Muitas de suas correspondências terminavam com expressões dirigidas contra a Igreja Católica, como nas *Cartas Inglesas*, na qual se refere a ela com sua máxima: “Esmagai a Infame!”.

Essencialmente burguês e um reformista moderado, Voltaire era admirador da Constituição Inglesa, defendendo a ideia de que os reis deveriam ser também filósofos, simpático ao que posteriormente se chamou de “despotismo esclarecido”, isto é, que os reis adotassem preceitos iluministas. As prisões arbitrárias, a tortura, a pena de morte e os altos impostos eram sempre atacados pelo parisiense.

VOLTAIRE HOJE

Voltaire tem como um dos pilares de sua obra a defesa da liberdade de expressão, que só se realiza, perceba, quando há também a defesa das liberdades do outro. Quando, atualmente, são proferidos discursos de ódio, há uma evidente distorção da noção iluminista da liberdade de pensamento: quando o discurso defende a supressão dos direitos do outro, não se trata de liberdade de expressão, mas de um discurso de ódio.



MONTESQUIEU

Para Montesquieu, as leis decorrem da realidade social e histórica de um povo

---

ORIGEM

La Brède (França) (1689-1755)

CORRENTE FILOSÓFICA

Iluminismo/ Liberalismo Político

PRINCIPAIS OBRAS

Cartas Persas; Do Espírito das Leis; Em Defesa do Espírito das Leis

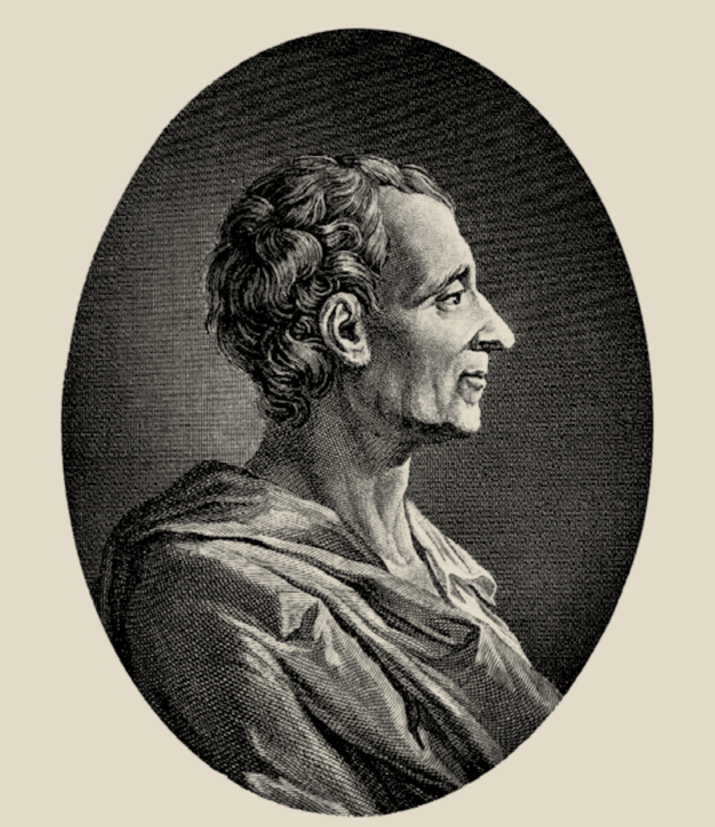
FRASE-SÍNTESE

"As leis, no seu sentido mais amplo, são relações necessárias que derivam da natureza das coisas e, nesse sentido, todos os seres têm suas leis."

BIOGRAFIA

Charles-Louis de Secondat, o barão de La Brède e Montesquieu, nasceu no castelo de La Brède, próximo a Bordeaux, no dia 18 de janeiro de 1689. Pertencente à nobreza de Toga (*a noblesse de robe*, isto é, que comprou seu título), formou-se em direito em Paris, mas preferiu dedicar-se à pesquisa científica e à literatura. Como membro da aristocracia provinciana, entrou em 1714 para o Parlement (tribunal provincial) de Bordeaux e o presidiu de 1716 a 1726. Mudou-se para Paris logo depois, mas passou alguns anos viajando e estudando política em instituições sociais.

Apesar de suas origens aristocráticas, Montesquieu foi constantemente citado na Revolução Francesa, apontado por Marat como o “homem do século”. Sua principal obra, O *Espírito das Leis*, é considerada um clássico da ciência política. Apesar de ser incluída na lista de livros proibidos da Inquisição, a obra exerceu enorme influência sobre o mundo ocidental. Morreu em Paris, em 1755.



Retrato de Montesquieu (Reprodução)

“Todo homem que tem o poder é tentando a abusar dele (...). É preciso que, pela disposição das coisas, o poder freie o poder.”

A FILOSOFIA DE MONTESQUIEU

Para Montesquieu, existem dois tipos de leis. As leis naturais, feitas por Deus, regem a natureza, são perfeitas e indiscutíveis. As leis instituídas pelo homem, chamadas “leis positivas”, seriam apenas uma modalidade da Lei. Ao contrário das leis naturais, as leis positivas

são feitas por homens imperfeitos, sujeitos à ignorância e ao erro. Dessa forma, assim como as leis de Deus, as leis dos homens deveriam buscar expressar as necessidades dos povos, relacionando-se às formas de governo, clima e condições geográficas.

Tal como Newton extraiu a lei da gravidade da observação da relação entre os corpos, Montesquieu buscava extrair as leis humanas da observação das relações entre os homens. Assim, a ideia central do pensamento de Montesquieu, portanto, era conferir as leis não como fruto do arbítrio de quem as escreve, mas da decorrência da realidade social e histórica de um povo, mantendo relações íntimas com essa realidade, possuindo, assim, um sentido, um "espírito".

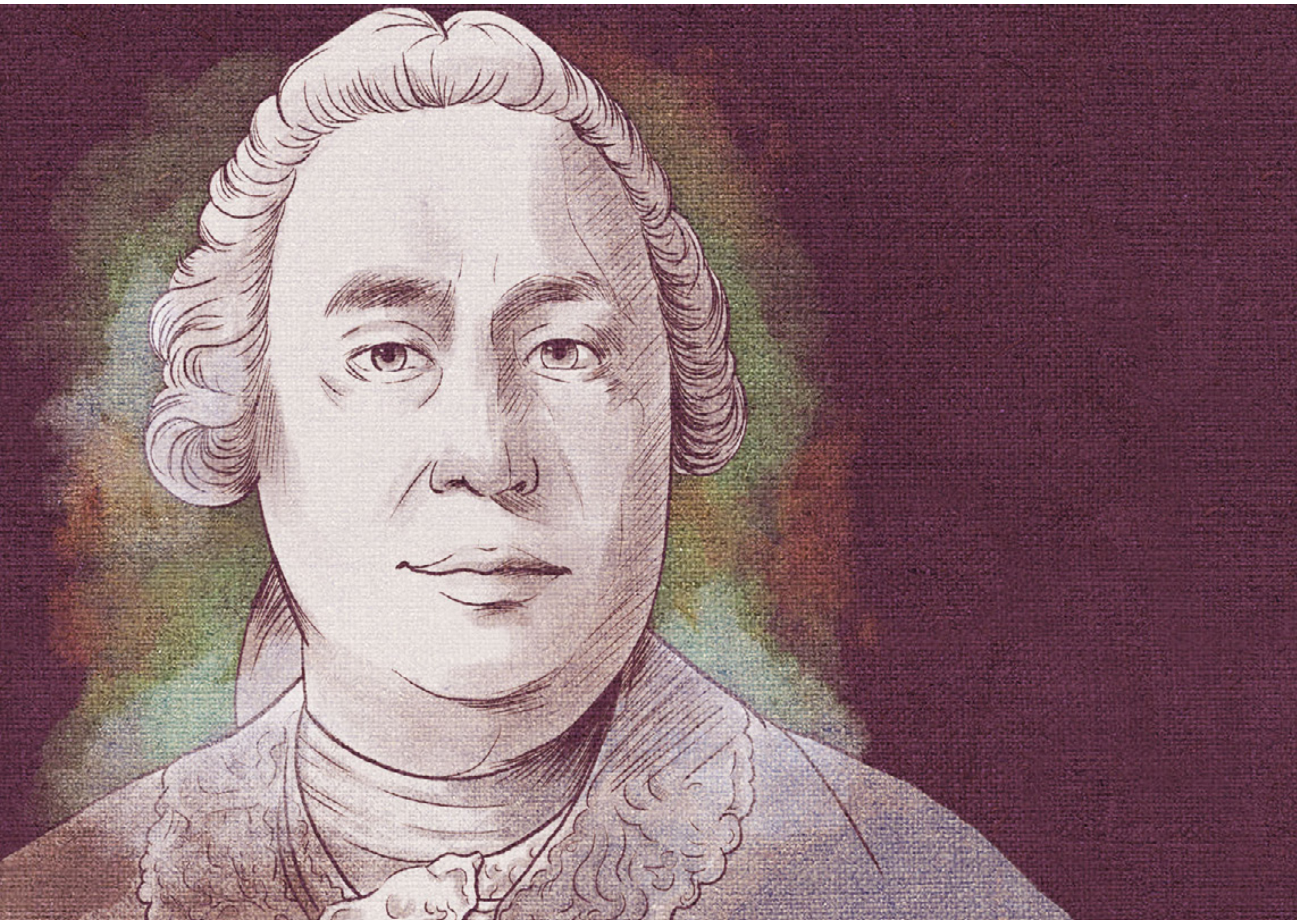
No mais famoso capítulo de *O Espírito das Leis*, Montesquieu mostrou sua simpatia para com a Constituição Inglesa e a monarquia constitucional moderada. Nele, Montesquieu formulou a célebre separação e distinção entre os poderes Executivo (declara paz ou guerra, envia embaixadores e estabelece segurança), Legislativo (que produz, corrige e revoga leis) e Judiciário (pune crimes e julga querelas), os quais deveriam se autorregular. Em suas palavras, "todo homem que tem o poder é tentado a abusar dele", de maneira que "é preciso que, pela disposição das coisas, o poder freie o poder", evitando, assim, o despotismo. Montesquieu, então, buscava um equilíbrio estático, uma mistura de poderes tão hábil e prudente que se autorregule. Montesquieu acreditava que tal combinação permitiria ordenar e controlar a infinita multiplicidade e diversidade de formas de Estado existentes.

VIDEOAULA: OS TRÊS PODERES SEGUNDO MONTESQUIEU

Clique aqui e assita

MONTESQUIEU HOJE

No Brasil atual, a questão das relações entre os três poderes está em evidência. O julgamento final do impeachment de Dilma Rousseff foi conduzido pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, Ricardo Lewandowski (Poder Judiciário), e votado pelos representantes do Senado (Poder Legislativo) para cassar o mandato da presidente da República (Poder Executivo). Esse episódio exemplifica bem como funciona a estrutura da separação e do equilíbrio entre os poderes idealizada por Montesquieu e que serve de base para os chamados estados democráticos de direito, modelo adotado pela maioria das Repúblicas atualmente.



DAVID HUME

Hume levou o empirismo às últimas consequências: as nossas sensações são os únicos fatos comprováveis

---

ORIGEM

Edimburgo (Escócia) (1711-1776)

CORRENTE FILOSÓFICA

Iluminismo/Empirismo

PRINCIPAIS OBRAS

Tratado sobre a Natureza Humana; Investigação sobre o Entendimento Humano; Diálogos sobre a Religião Natural

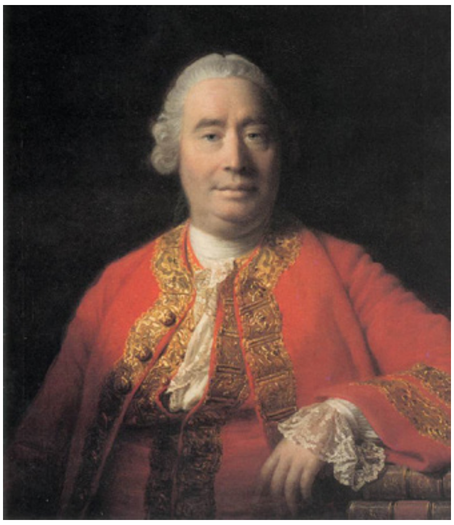
FRASE-SÍNTESE

“O costume é, portanto, o grande guia da vida humana.”

BIOGRAFIA

David Hume nasceu em Edimburgo, na Escócia, no dia 7 de maio de 1711. De família nobre, mas modesta, estudou direito na universidade local, mas não seguiu a carreira, preferindo dedicar-se às letras. Entre 1734 e 1737, viveu na França, onde escreveu as duas partes de seu primeiro trabalho importante: *Tratado sobre a Natureza Humana*. Concluído dois anos depois em Londres, o ensaio não obteve a repercussão esperada. Exerceu cargos diplomáticos na França, Alemanha, Holanda e Itália. Nesse percurso, entrou em contato com os principais intelectuais da época. David Hume morreu em Edimburgo, em 25 de agosto de 1776.

"Quando entro mais intimamente nisto que eu chamo de eu mesmo, sempre tropeço em uma ou outra percepção particular, de calor ou frio, luz ou sombra, amor ou ódio, dor ou prazer."



Retrato de David Hume (Reprodução)

A FILOSOFIA DE HUME

Hume ficou conhecido por levar ao extremo o ceticismo – entendido como a suspensão de julgamento diante de questões sem verdade. Em suas obras, o filósofo escocês suspendia as certezas até mesmo diante daquilo que parecia ser experimental. Com ele, a questão já não é saber se existe ou não uma substância, um Deus ou uma alma. O fundamental é descobrir a gênese de nossas crenças. Exerceu grande influência nas obras de Nietzsche e Kant.

Para o filósofo, todo o processo de pensamento se inicia com impressões, quer dizer, não se pode conceber o pensamento desvinculado das sensações. Hume levou o empirismo às últimas consequências: as nossas sensações são os únicos fatos comprováveis, e, quanto mais próximas no sentido cronológico estiverem as sensações, mais nítidas e fortes essas ideias serão. Aquilo que percebemos, os nossos dados ou a estimulação física dos órgãos dos sentidos e os sinais nervosos que eles emitem são a única realidade que conhecemos.

Hume chegou a questionar inclusive um pressuposto fundamental de toda tradição científico-filosófica: o princípio da causalidade. É aqui que reside sua reflexão mais conhecida. A questão de Hume não é saber a eficácia da chamada "relação causa-efeito", mas compreender como esse conceito – existente desde os pré-socráticos – se tornou tão forte na mente humana.

Como outros empiristas, Hume acreditava que nossas ideias derivavam da experiência sensorial. Porém, a partir dessas experiências, construiríamos sofismas – "o raciocínio enganoso" – e ilusões, como a existência de leis na natureza e de mecanismos de causa e efeito. Assim, observando regularidades na natureza, o homem acreditou que existiam leis, do mesmo modo que, vendo um evento suceder-se ao outro, o homem inventou a relação de causa e efeito.

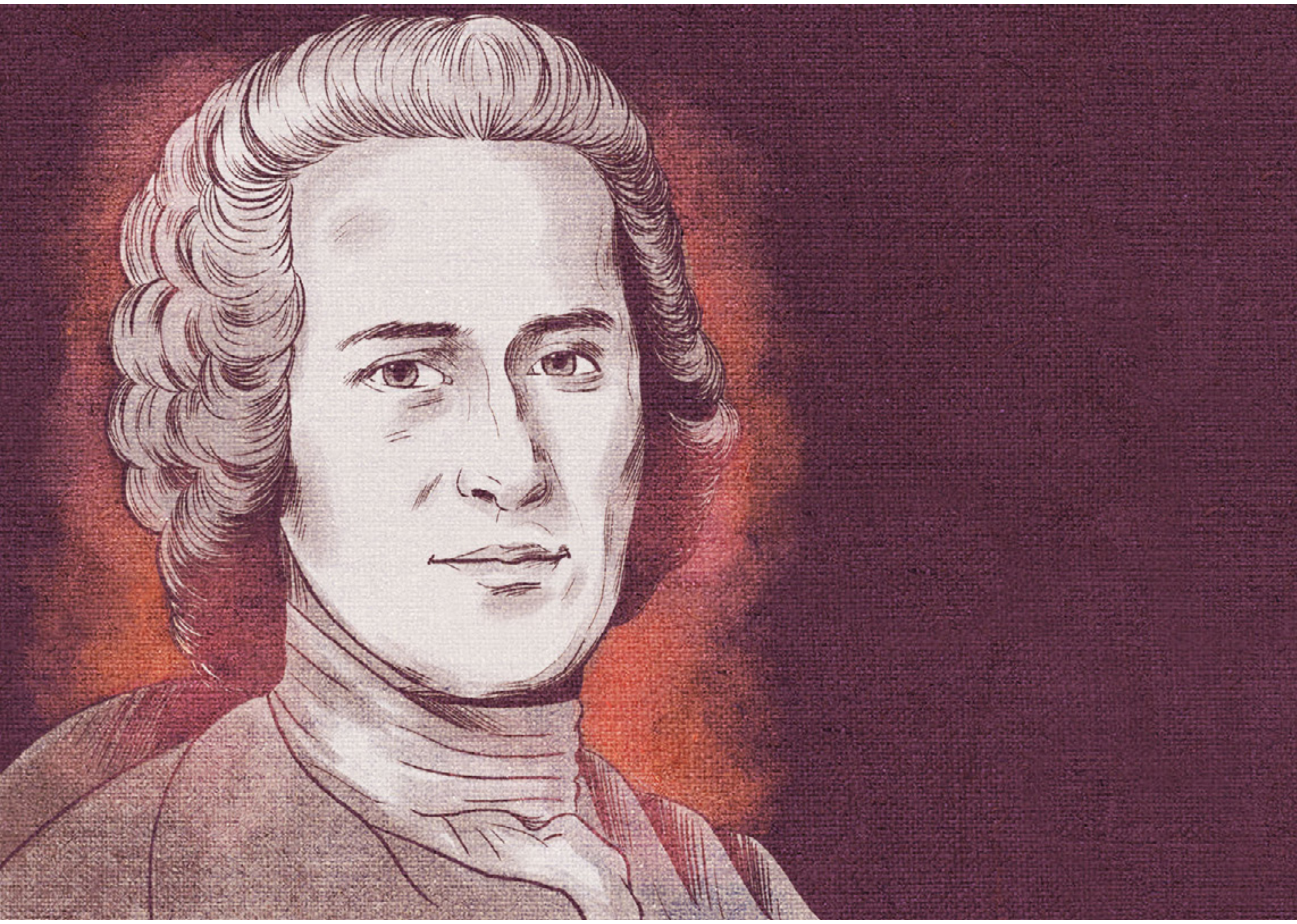
Ao observarmos o nascer diário do Sol com nossos sentidos, por exemplo, dizemos que esse fenômeno ocorre graças a uma lei que rege os corpos celestes e, assim, acreditamos veementemente que o Sol nascerá todos os dias. Porém, esse conceito de "lei" ou de "causa" deriva tão-somente da nossa limitada experiência, do costume, da repetição e do hábito: o que nos garante que o Sol se levantará amanhã?

Em um jogo de sinuca, vendo uma bola branca bater numa vermelha, fazendo-a cair na caçapa, acreditamos que o primeiro evento (a bola branca batendo na vermelha) "causou" o segundo (a bola na caçapa). Como observamos isso ocorrer frequentemente, acreditamos ser algo que sempre ocorre. Mas, na verdade, tudo o que sabemos é que uma bola bate na outra: nada sabemos sobre a tal "causa", conceito que inventamos para relacionar um com o outro. A experiência nos mostra que um evento acompanha outro, mas não mostra nenhuma relação concreta entre eles.

Apesar de essa filosofia ser radical, levando-nos a acreditar que "qualquer coisa pode produzir qualquer coisa", é importante notar que nada disso demonstra que nossas expectativas em relação às leis ou às causas não sejam corretas – Hume não quer provar que amanhã o Sol pode não nascer. Ele quer dizer o seguinte: o fundamento de nossas expectativas não está na razão, mas, sim, no hábito, no costume, na repetição. Em consequência, toda ciência é apenas resultado de indução, não havendo conhecimento certo e definitivo, de modo que a única certeza que podemos ter é a probabilidade. Eis os pés de barro de toda a ciência ocidental. Hume diz que a causalidade e a aceitação da existência do mundo ao nosso redor, embora não possam ser provadas, são instintivamente impostas.

HUME HOJE

Para Hume, a noção de causa e efeito não é uma propriedade da natureza, mas uma criação humana para ordenar o que, em essência, é desordenado. É preciso notar que essas reflexões que ele inicia são, atualmente, aprofundadas pela física quântica, para a qual o sujeito, ao estudar a natureza, pode de alguma forma alterá-la: o sujeito não analisa o objeto de maneira neutra; sujeito e objeto são relacionais. O físico austríaco Erwin Schrödinger (1887-1961) nos legou um importante exemplo nesse sentido. Em um experimento, ele colocou uma caixa com um gato e um mecanismo para liberar gás de cianeto controlado pelo decaimento radioativo de um átomo. Se o átomo decai e libera o veneno ou não é algo aleatório e imprevisível. O fato é indeterminado até que abramos a caixa. O infeliz felino não estará vivo nem morto até que nós abramos a caixa. Temos aí uma aplicação, na física, do caráter relacional entre sujeito e objeto.



JEAN JACQUES ROUSSEAU

De acordo com Rousseau, na natureza não há bem ou mal, pois a moral é uma convenção criada socialmente

---

ORIGEM

Genebra (Suíça) (1712-1778)

CORRENTE FILOSÓFICA

Iluminismo/Contratualismo

PRINCIPAIS OBRAS

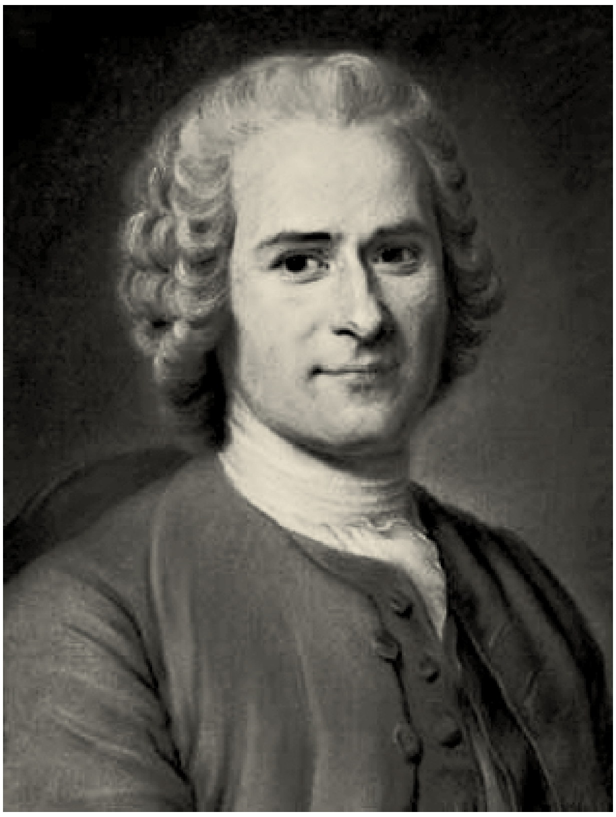
Discurso sobre as Ciências e as Artes; Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens; Do Contrato Social; Emílio ou Da Educação.

FRASE-SÍNTESE

"O homem nasce livre, mas por toda parte encontra-se a ferros."

BIOGRAFIA

Jean Jacques Rousseau nasceu em Genebra (Suíça), no dia 28 de junho de 1712. Órfão de mãe, foi abandonado pelo pai aos 10 anos e entregue aos cuidados de um pastor. Na adolescência, mudou-se para Saboia, na França, onde passou a estudar música, religião, literatura, filosofia, matemática e física. Conseguiu, em 1744, o cargo de secretário da embaixada francesa em Veneza. De volta à França em 1746, Rousseau foi convidado pelo amigo e filósofo Denis Diderot para escrever a parte musical do *Dicionário Enciclopédico*. A partir daí, intensificou sua produção filosófica e literária. Escreveu romances, como *Júlia* ou *A Nova Heloísa*, que obtiveram grande sucesso, tratados sobre música e uma ópera, *O Adivinho da Aldeia*. Suas obras *Do Contrato Social* e *Emílio* ou *Da Educação* foram condenadas pelo Parlamento de Paris e queimadas em praça pública. Obrigado a sair do país, exilou-se na Inglaterra, mas voltou para Paris em 1770. Mais tarde, mudou-se para o castelo do marquês de Girardin, em Ermenonville, onde morreu em 1778. Posteriormente, sua filosofia se tornou o evangelho da Revolução Francesa, e ele foi declarado "herói nacional".



Retrato de Jean Jacques Rousseau (Reprodução)

"O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: 'Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém'."

A FILOSOFIA DE ROUSSEAU

No *Discurso sobre a Origem* e os *Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, Rousseau pensa como seria o hipotético Estado de Natureza. A natureza humana pode ser definida como os traços fundamentais que todo homem é portador, independentemente do tipo de cultura ou de sociedade em que esteja inserido. Na natureza, o homem seria livre, virtuoso, piedoso, amoral, sem sociedade, sem Estado, sem tecnologia, sem dinheiro e sem propriedade. A liberdade é a capacidade de dispor de sua vida de conformidade com seus instintos, sem nenhuma limitação além daquela imposta pela própria natureza. Na natureza, não haveria bem ou mal, pois a moral é uma convenção criada socialmente. Segundo Rousseau, não se pode "confundir o homem selvagem com os homens que temos diante dos olhos". Logo, a abordagem de Hobbes, para quem o homem é egoísta por natureza, estaria equivocada por imputar ao homem natural algo que é, na verdade, característica da civilização.

Quando o homem passou do Estado de Natureza para o Estado de Sociedade ou Estado de Civilização? Em certo momento na história, alguém passou a escravizar outros homens, utilizando a força, criando a propriedade privada, o Estado e suprimindo a sua liberdade natural. A desigualdade – opondo ricos e pobres, governantes e governados – seria a fonte primeira de todos os males sociais, a origem primordial de todas as outras desigualdades, da qual surgiram a exploração e a escravidão. A passagem do Estado de Natureza para a sociedade é uma ruptura na qual o homem acaba por distanciar-se de sua essência. A sociedade, então, condenou o homem a todos os tipos de crime, inveja, cobiça, guerras, mortes, horrores, sede de poder e vaidade. A alma do homem foi se deturpando de forma que, hoje, ele está irreconhecível.

Para existir harmonia e bem-estar, deveria haver uma nova sociedade, na qual cada um, em vez de submeter-se à vontade de outrem, obedeceria apenas a uma chamada "vontade geral", que o homem reconheceria como sua própria vontade. Como isso ocorreria? A partir de um acordo racional entre os homens, o famoso Contrato Social.

O Contrato Social é um acordo com a finalidade de criar a sociedade civil e do Estado. Nele, os homens abdicam de todos os seus direitos naturais em favor da comunidade, recebendo em troca a garantia de sua liberdade no limite estabelecido pela lei: "O que o homem perde pelo Contrato Social são a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo o que tenta e pode alcançar; o que ganha são a liberdade civil e a garantia da propriedade de tudo o que possui".

Quando esse acordo não é feito em liberdade (*pacto de submissão*), entre partes desiguais, constrói-se um Estado autoritário. Quando é feito em liberdade (*pacto de liberdade*), por livre vontade, entre partes que estejam em pé de igualdade, tem-se a democracia. Nessa democracia, a soberania, portanto, não residiria no rei, como dizia Hobbes, mas nos cidadãos, os quais escolheriam seu governante segundo as próprias necessidades. É a chamada soberania popular, ou seja, a vontade suprema seria a Vontade Geral dos cidadãos.

Esse Estado garantiria a liberdade dos homens e a obediência, já que todos reconhecem as autoridades como legítimas e percebem que o propósito do Estado é garantir o bem comum. Como todos aceitam a legitimidade desse Estado, obedecê-lo é como obedecer a si mesmo. Nessa sociedade domina a lei, e não a vontade política dos que governam.

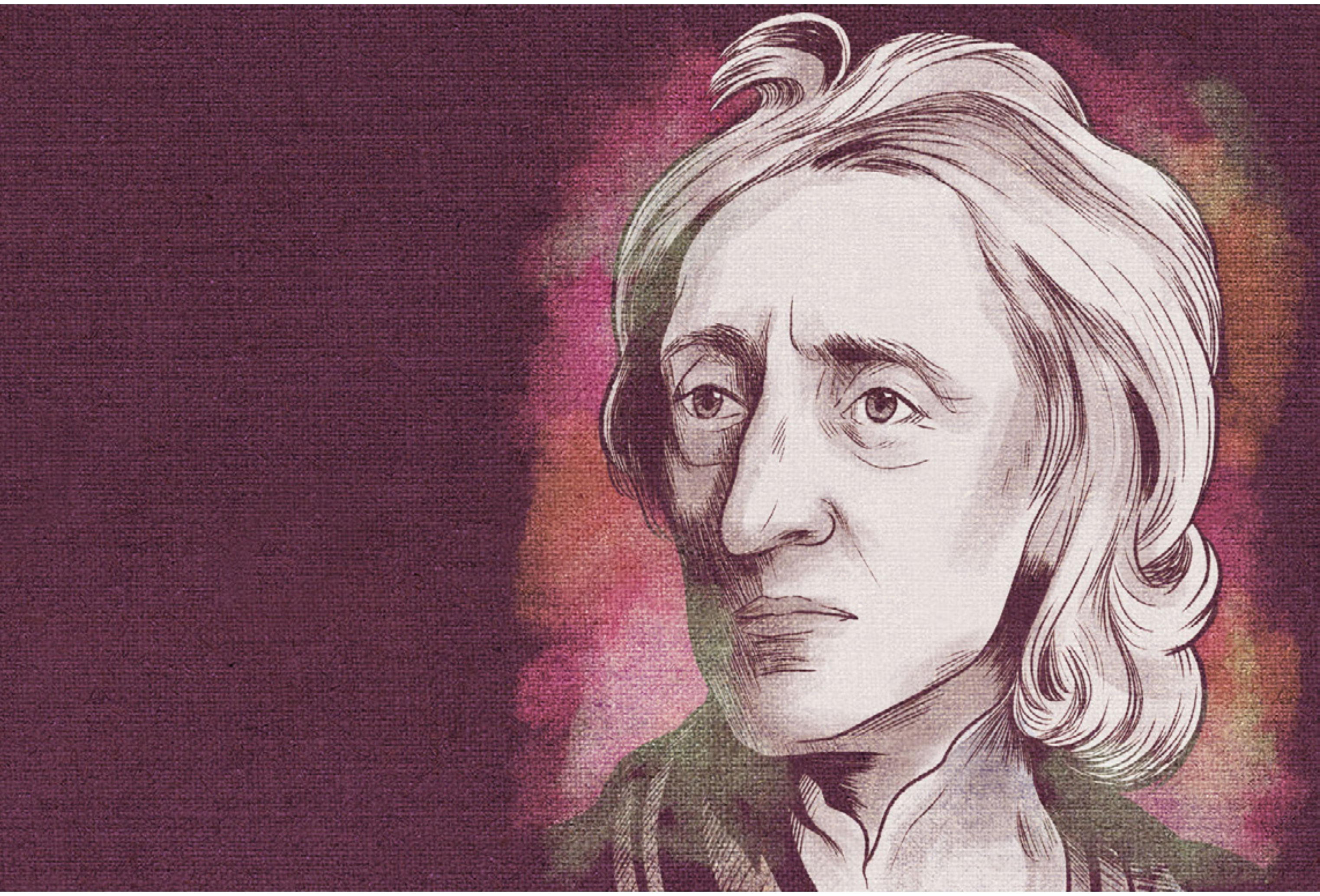
VIDEOAULA: A CRÍTICA À RAZÃO POR ROUSSEAU
Clique aqui e assita

ROUSSEAU HOJE

O que legitima uma democracia? No Brasil do século XXI é de suma importância a discussão sobre o conceito de democracia. Rousseau ancora sua defesa da democracia na ideia de soberania nacional. Hoje, lembram muitos, democracia não é ditadura da maioria. Em poucas palavras, se a vontade geral violar determinados direitos, ela não possui legitimidade, independentemente de sua força numérica.

No Brasil atual, por exemplo, defendeu-se que Dilma Rousseff deveria ser afastada pelo processo de impeachment devido ao seu desrespeito à coisa pública, apesar de eleita pela maioria dos votos. Por outro lado, muitos alegam que Michel Temer não teria legitimidade para assumir a Presidência por não ter sido eleito diretamente para o cargo e querer emplacar propostas que não obtiveram o crivo das urnas, como as reformas trabalhista e previdenciária.

A democracia, como se vê, é um regime que exige muitos debates, controversas e discussões. Mas, como salienta Rousseau e outros iluministas, é superior aos outros regimes, justamente por permitir livremente o debate, a controvérsia e a discussão.



JOHN LOCKE

Locke defendia a ideia de que o conhecimento não é inato, mas resulta do modo como elaboramos as informações que recebemos da experiência.

ORIGEM

Wrington (Inglaterra) (1632-1704)

CORRENTE FILOSÓFICA

Empirismo/Contratualismo/Liberalismo Político

PRINCIPAIS OBRAS

Ensaio sobre o Entendimento Humano; 2º Tratado sobre o Governo Civil; Carta sobre a Tolerância

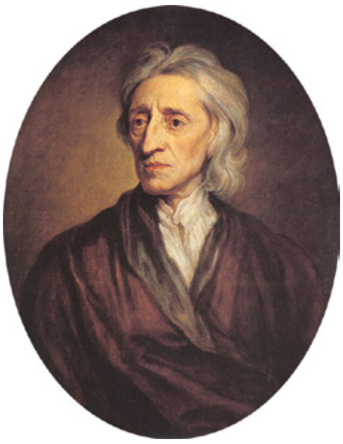
FRASE-SÍNTESE

"As representações do real são derivadas das percepções sensíveis, sendo que essa é a única fonte para o conhecimento."

BIOGRAFIA

Nascido em Wrington, na Inglaterra, em 29 de agosto de 1632, John Locke é considerado o pai do liberalismo político e do empirismo inglês. Ele não é exatamente iluminista, mas teve influência fundamental no pensamento do século XVIII. Postula que a experiência, fonte do conhecimento, pode ter tanto origem externa, nas sensações, quanto interna, na reflexão.

Locke estudou medicina, ciências naturais e filosofia em Oxford, aprofundando o entendimento das obras de Francis Bacon e René Descartes. Seu pensamento emerge do contexto das Revoluções Inglesas, quando a Inglaterra se voltou contra o absolutismo da dinastia Stuart. Por defender a Monarquia constitucional e representativa, passou vários anos na França e na Holanda como exilado político. Voltou à Inglaterra depois da Revolução de 1688, quando Guilherme de Orange foi coroado rei. Lá permaneceu ocupando cargos no governo até morrer, em 1704, em Oates, Essex.



Retrato de John Locke (Reprodução)

"Se perguntarmos que segurança, que proteção existe no Estado absolutista contra a violência e a opressão desse governo absoluto, nem mesmo se poderá admitir a pergunta. Estarão prontos para dizer que merece morte o simples fato de demandar segurança."

A FILOSOFIA DE LOCKE

Em seu *2º Tratado sobre o Governo Civil*, Locke contraria Hobbes ao defender que o estado de natureza não poderia ser uma guerra de todos contra todos, mas um estado de perfeita liberdade, sem nenhuma forma de subordinação ou sujeição, sendo todos os homens iguais em poder. Nesse estado, os homens gozariam dos chamados direitos naturais: *vida, liberdade, igualdade e propriedade privada* – essa última seria derivada do trabalho e, portanto, natural.

No estado de natureza, não havendo polícia ou leis para impedir que os indivíduos se molestem, põe-se nas mãos de todos os homens o poder de preservar sua propriedade contra os danos de outros homens. É claro que, numa situação em que todos têm o direito de castigar um infrator, surgem inconvenientes: sendo os homens juízes de seus próprios casos, o amor próprio, a paixão e a vingança os levariam longe demais na punição de outrem, daí seguindo a confusão e a desordem. Além disso, caso um homem não tenha força para punir seu ofensor, ou defender-se dele, não há apelo a fazer senão aos céus.

Por causa desses inconvenientes, os homens, por "necessidade e conveniência", decidiram reunir-se fazendo um pacto para a mútua conservação da vida, da liberdade e dos bens. Assim, a sociedade política nasce quando os indivíduos renunciam ao seu poder natural de justiça, passando-o às mãos do governo, com o objetivo único de conservar a si próprio, sua liberdade e sua propriedade – o chamado "Contrato Social".

Em outras palavras, para Locke, o governo não surge para restringir liberdades individuais, mas para preservá-las. Todo governo que não preservar esses direitos pode ser derrubado pelos indivíduos, uma vez que todo o poder político tem origem no consentimento da maioria. A revolução armada é, dessa forma, legitimada e justificada por Locke. Eis aqui o nascimento do chamado liberalismo político, em oposição ao absolutismo da época.

O apreço por Locke às liberdades individuais também dá o tom em *Carta sobre a Tolerância*, o principal texto moderno acerca da tolerância religiosa. Quando Locke afirma que a religião deve permanecer na esfera individual – o que é, aliás, um dos baluartes do pensamento liberal –, ele cria a fórmula do Ocidente para evitar as guerras religiosas.

Empirista, Locke também defendia a ideia de que o conhecimento não é inato, mas resulta do modo como elaboramos as informações que recebemos da experiência. A mente é como uma folha em branco ou, para usar a expressão de Locke, uma tábula rasa, na qual as percepções sensíveis deixam sua marca. Desse modo, as ideias em nossa mente correspondem às coisas reais. Claro que há reflexão, mas ela trabalha a partir das informações advindas da experiência. Existem dois tipos de impressões que chegam à mente. As impressões de qualidade primária são aquelas próprias do objeto, como a forma, a extensão e o volume. As qualidades secundárias são consequência da maneira pela qual percebemos o objeto, qual seja, a cor, a textura ou o odor. As qualidades primárias do ferro, por exemplo, seriam sua extensão, solidez e maleabilidade, ao passo que suas qualidades secundárias seriam sua cor, se ele estivesse quebrado ou enferrujado.

VIDEOAULA: OS DIREITOS NATURAIS SEGUNDO LOCKE

Clique aqui e assita

LOCKE HOJE

Como um dos principais contratualistas, Locke estabelece que a população pode derrubar um governo caso ele viole os direitos naturais dos cidadãos. Se essa ideia, entretanto, parece simples e clara no papel, sabemos que, na realidade política, sua aplicação é conflituosa e difícil. Tanto no processo de impeachment de Fernando Collor, quanto no de Dilma Rousseff, a acusação baseia-se em Locke: foi dito que os ex-presidentes teriam violado os direitos da população – Collor foi destituído por corrupção e Dilma por não cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal. Nos dois casos, entretanto, muitos se opuseram a essa tese.

IMMANUEL KANT

Com a Revolução Copernicana da Filosofia, Kant solucionou o debate entre racionalistas e empiristas

---

ORIGEM

Königsberg (Prússia Oriental – atual Kaliningrado, Rússia) (1724-1804)

CORRENTE FILOSÓFICA

Iluminismo/Criticismo

PRINCIPAIS OBRAS

Crítica da Razão Pura; Crítica da Razão Prática; O que É Esclarecimento?; Metafísica dos Costumes

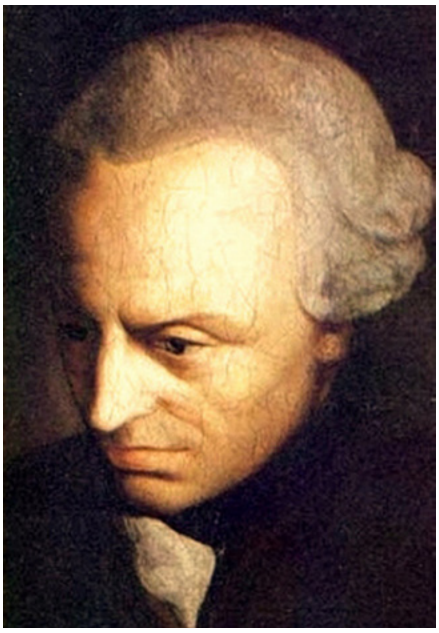
FRASE-SÍNTESE

"O céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim enchem minha mente de admiração e assombro sempre novos e crescentes, quanto mais e mais constantemente refletimos sobre eles."

BIOGRAFIA

Kant nasceu em 22 de abril de 1724, em Königsberg, na Prússia Oriental – atual Kaliningrado, parte de Rússia. Aos 16 anos, ingressou no curso de teologia da Universidade de Königsberg. Escreveu os primeiros ensaios em 1755, influenciado pelos tratados de física de Newton e pelo racionalismo do filósofo Leibniz. A partir de 1760 se distanciou dessa corrente e passou a seguir a moral filosófica de Rousseau. Em 1770 se tornou professor de lógica da Universidade de Königsberg e enfrentou dificuldades para expor suas ideias em razão da oposição do luteranismo ortodoxo. Morreu em 1804, em Königsberg, cidade de onde nunca saiu.

“Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém, todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.”



Retrato de Immanuel Kant (Reprodução)

A FILOSOFIA DE KANT

O ponto fundamental do **criticismo kantiano** é a solução aplicada ao debate entre racionalistas e empiristas, a chamada **Revolução Copernicana da Filosofia**. Por um lado, os racionalistas cartesianos acreditavam que todo o conhecimento seguro provinha da razão, que trabalhava com categorias inatas, a *priori* (antes da experiência). Por outro lado, os **empiristas baconianos** acreditavam que todo conhecimento provinha das sensações, de modo que o homem nasce como uma tábula rasa.

A crítica kantiana deriva do seguinte fato: o filósofo alemão colocou a própria razão e as possibilidades reais de conhecimento em questão. Isto é, em vez de questionar como eu conheço os objetos, perguntou se o próprio conhecimento é possível. Isso é a chamada

filosofia transcendental, aquela que põe a razão no próprio tribunal da razão. Se os iluministas criticaram, com as armas da razão, a economia, a política e a religião, Kant leva o pensamento ilustrado ao seu zênite: nele, a razão critica a si mesma.

Em Kant, o sujeito, através de seus a *prioris*, de seu aparato subjetivo, determina o objeto de seu conhecimento. Como assim? Em Kant, é como se todos nós estivéssemos com "óculos", responsáveis pela nossa capacidade de conhecer. Eles encaixam todos os objetos em intuições (como o tempo e o espaço) e em categorias diversas (unidade, pluralidade, causalidade, entre outras). Não é possível ao homem pensar sem esses "óculos". Kant oferece um mapa de nossas possibilidades de pensar, mostrando os conceitos e os princípios que tornam possível o pensamento. Ele critica, assim, a "ideologia da razão".

Qual seria a consequência desse pensamento? Não temos condições de conhecer a realidade pura, "a coisa em si", como ela realmente é. O mundo real, que Kant chama de o mundo dos númenos (coisa em si), é inalcançável para nós, impossível de ser plenamente conhecido pela nossa sensibilidade ou pelo nosso entendimento. Tudo o que conhecemos não é a realidade, mas o que Kant chama de fenômeno, isto é, o objeto na medida em que ele é apresentado, organizado e entendido pelo pensamento. A realidade em si não está condicionada ao sujeito – por isso, é impossível conhecê-la.

O filósofo prussiano, com isso, mostra-nos os limites da razão. Para Kant, os antigos metafísicos (Descartes, Aquino ou Pascal) foram além dos limites da razão para provar a existência da alma, de Deus ou do começo do mundo. Como esses elementos não se encaixam em nossas categorias, não é possível produzir conhecimento sobre eles. O recuo da razão diante de si mesma acaba com a pretensão da metafísica clássica de conhecer "a coisa em si" – tal pretensão é chamada por Kant de dogmática.

Kant, portanto, solucionou o debate entre racionalistas e empiristas mostrando que os dados da experiência (empirismo) são "encaixados" em categorias e intuições a *priori* (racionalistas). Os elementos a *priori* e a *posteriori* do conhecimento são devidamente conciliados.

KANT HOJE

Quais os limites da razão e do conhecimento? O pensamento de Kant, de que haveria uma realidade distinta dos sentidos, que é inacessível (ou de difícil acesso) para nós, tem vários pontos em comum com pensamentos de outras tradições filosóficas, como o pensamento budista. Por exemplo, Eihei Dogen Zenji (1200-1253), fundador do Soto Zen japonês, diz: "Aprender o caminho de Buda é aprender sobre si mesmo. Aprender sobre si mesmo é esquecer-se de si mesmo, é estar iluminado por tudo, no mundo. Estar iluminado por tudo é deixar cair o próprio corpo e a própria mente". Atualmente, num quadro de crescimento dos diagnósticos médicos de ansiedade, muitos têm procurado práticas como o yoga e a meditação, que bebem nas tradições filosóficas orientais. No fundo, tal procura reflete uma busca por conhecer melhor a si mesmo e ao mundo. Interessante notar, nesse sentido, a validade da filosofia nessa procura.

☒ **VOLTE AO INÍCIO** ☒ **RETORNE A "PERÍODOS HISTÓRICOS"**

Antiguidade
Idade Média
Renascimento
Iluminismo
Contemporânea

Pessoas festejam a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989 (RolandBlunck/ iStock)

A FILOSOFIA NA CONTEMPORANEIDADE

Nas palavras do historiador egípcio Eric Hobsbawm, o mundo contemporâneo é fundado por uma dupla revolução. Por um lado, uma revolução político-social, a Revolução Francesa: ela cria nossos modelos de Constituição liberal, a noção de igualdade política e, em seus momentos mais radicais, promete igualdade social e partilha de terras. No século XIX, todas as grandes revoluções são influenciadas pelo modelo francês. A segunda revolução é econômica: a Revolução Industrial Inglesa, que cria nosso modelo de empresa contemporânea. Suas inovações técnico-científicas são o ponto de partida do capitalismo mundial e sua classe operária dá o tom das lutas sociais dos séculos XIX e XX.

O século XIX no mundo ocidental, nesse sentido, é marcado por três momentos, de acordo com Hobsbawm: uma Era das Revoluções (1789-1848), quando o mundo aristocrático é derrubado na Europa Ocidental; uma Era do Capital (1848-1875), quando o sistema capitalista liberal conhece seu momento de expansão; e uma Era dos Impérios (1875-1914), quando a Europa toma de assalto as colônias africanas e asiáticas e forma-se um sistema de competição que culmina na I Guerra Mundial, em 1914.

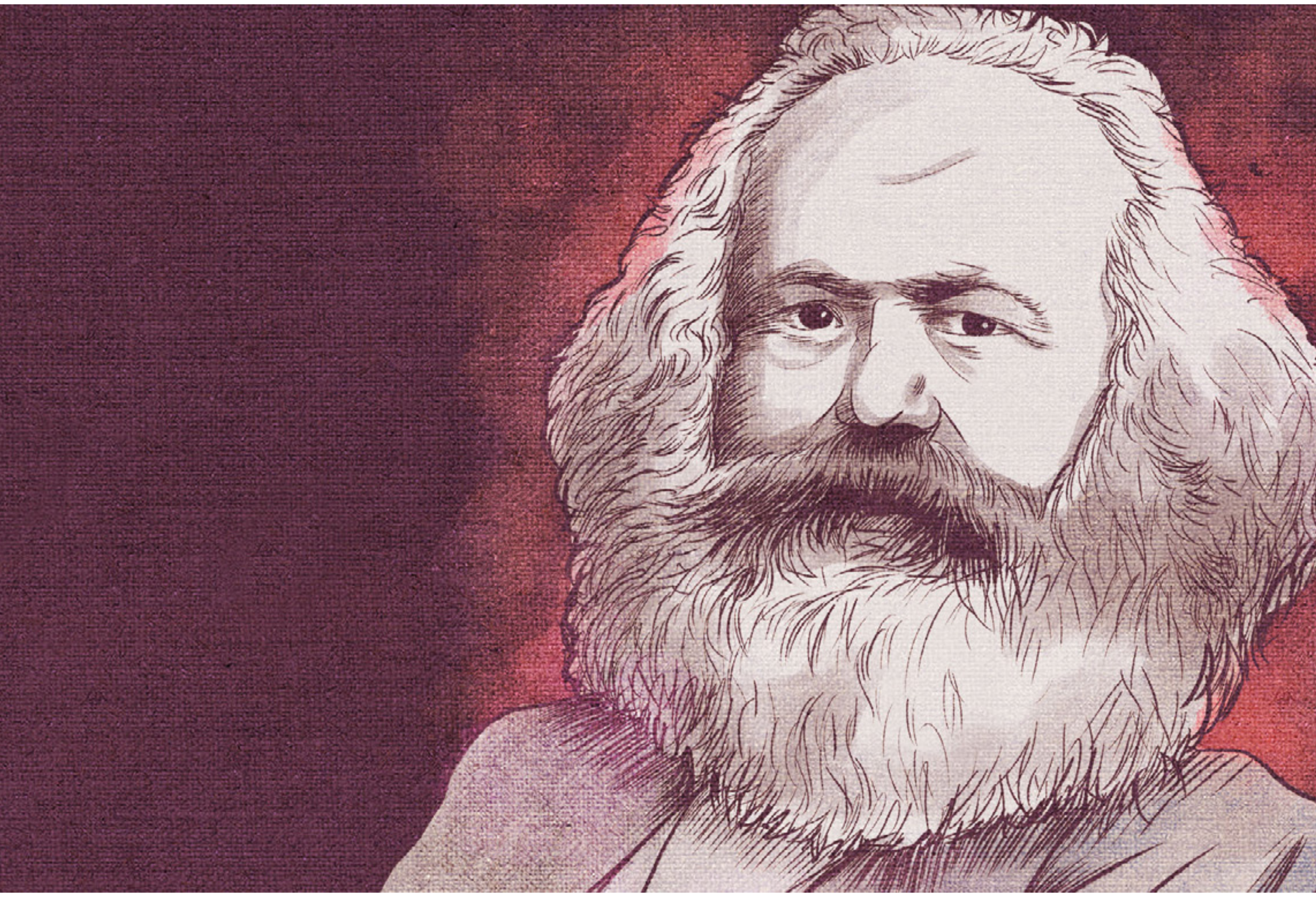
Esse é o contexto da filosofia de Marx, que é ao mesmo tempo uma análise e crítica do sistema capitalista, e de Schopenhauer e Nietzsche, os quais criticam os paradigmas da civilização ocidental, que vive seu momento de expansão. Os três filósofos, diga-se de passagem, são oriundos da Prússia, Estado militarizado, autoritário e industrial, do qual parte a Unificação Alemã.

O século XX, por sua vez, pode ser pensado a partir de três momentos, ainda de acordo com a periodização de Hobsbawm: a Era das Catástrofes (1914-1945), quando o mundo conhece a I Guerra Mundial, a Revolução Russa, a Crise de 1929, o Nazifascismo e a II Guerra Mundial; a Era de Ouro (1945-1973), momento de apogeu da Guerra Fria, quando a Europa Ocidental e os Estados Unidos, em competição com a URSS, promovem enorme crescimento econômico e conquistas sociais; e, por fim, a Era da Decomposição (1973-1991), quando o mundo conhece uma retomada do liberalismo (que havia entrado em crise na Era das Catástrofes) e a União Soviética entra em colapso. A filosofia de Sartre, Foucault e Habermas devem ser pensadas nesse contexto.

Por fim, o filósofo polonês Zygmunt Bauman, muito lido na atualidade, enxerga o mundo na ótica do século XXI: suas preocupações envolvem a civilização globalizada e a sociedade da informação, a internet e as redes sociais, o desmoronamento dos direitos trabalhistas e o surgimento de relações de trabalho, que ele entende como "líquidas".

Aeronaves britânicas da Segunda Guerra Mundial (iStock)

PRINCIPAIS AUTORES CONTEMPORÂNEOS



KARL MARX

Segundo Marx, as transformações da sociedade aconteceriam devido às lutas entre as diferentes classes sociais

---

ORIGEM

Trier (Prússia, atual Alemanha) (1818-1883)

CORRENTE FILOSÓFICA

Materialismo

PRINCIPAIS OBRAS

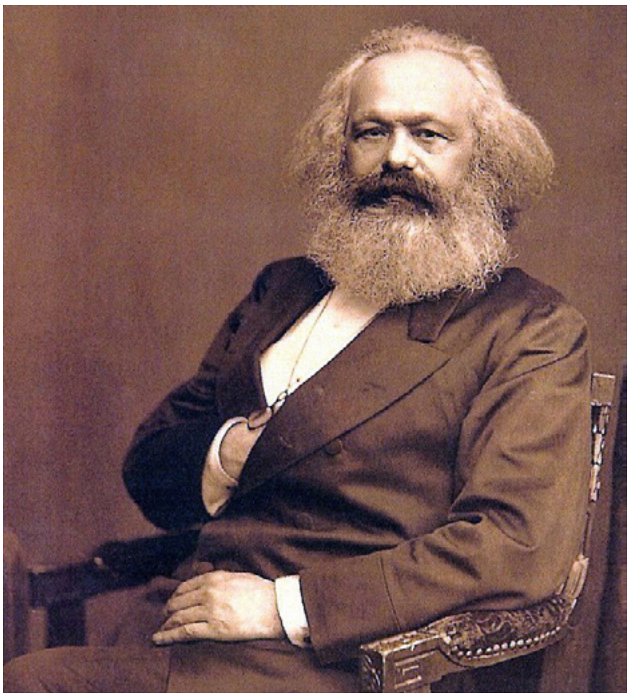
O Manifesto Comunista; Grundrisse; Crítica da Filosofia do Direito em Hegel; A Ideologia Alemã; A Luta de Classes na Rússia; O 18 Brumário de Luís Bonaparte; A Miséria da Filosofia; O Capital

FRASE-SÍNTESE

“Os filósofos até agora se limitaram a interpretar o mundo de diversas maneiras; mas o que importa é transformá-lo.”

BIOGRAFIA

Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818, em Trier (Prússia). Primeiro entre nove filhos de uma família judaico-alemã, estudou filosofia nas universidades de Berlim e de Iena. Em 1842 chefiou a redação do jornal *Rheinische Zeitung*, em Colônia, no qual escreveu artigos radicais em defesa da democracia. Mudou-se para Paris em 1844 e conheceu Friedrich Engels, que viria a se tornar seu companheiro de luta e de trabalho. Em 1848 publicou *O Manifesto do Partido Comunista*, em parceria com Engels, que defendia uma revolução internacional que derrubasse a burguesia e o capitalismo e implantasse o comunismo. A divulgação do manifesto provocou sua expulsão de Paris. Marx, então, mudou-se para Londres, onde estudou história e economia, escreveu artigos na imprensa e ajudou a fundar o movimento pró-socialista da 1ª Internacional. Em 1867 publicou o primeiro volume de sua principal obra, *O Capital*. Marx faleceu em 1883, em decorrência de bronquite e pleurisia.



Retrato de Karl Marx (Reprodução)

"Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa. Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com as que defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime com um pesadelo o cérebro dos vivos."

A FILOSOFIA DE MARX

Um conceito fundamental do marxismo é o **materialismo histórico-dialético**. Para Marx, a realidade não é estável, ela é um processo de transformação progressivo e constante. Esse processo de mudança contínua se dá a partir de um conflito dos contrários: o con-

trário nega o outro, que é negado por um nível superior de desenvolvimento histórico, que preserva alguma coisa de ambos os termos negados. É a chamada **Lei da Negação da Negação**, usualmente representada pelo esquema **tese, antítese, síntese**. Por exemplo, o historiador marxista Perry Anderson, ao analisar a passagem da Antiguidade para o Feudalismo, aponta três componentes: o Império Romano (tese), em contraposição ao mundo bárbaro (sua antítese, sua negação), que engendrou um mundo novo, o mundo Feudal (síntese ou negação da negação). Como resume Marx, “sem antagonismo, não há progresso”.

O funcionamento da sociedade é explicado por Marx a partir da famosa metáfora do edifício, pelos conceitos de **infraestrutura** e **superestrutura**. Na produção social de sua vida, os homens estabelecem determinadas relações de produção, necessárias e independentes de sua vontade, que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade – **a infraestrutura**.

Sobre essa base se ergue a **superestrutura**, compreendida pelo marxismo como as formas do Estado e da consciência social (religião, leis, política, moral etc.). Em outras palavras, é a partir do contexto econômico de um determinado período que se podem entender sua cultura, política e religião. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Nas palavras de Marx, o “segredo mais íntimo, o fundamento oculto de toda a estrutura social” encontra-se na “relação direta entre os proprietários das condições de produção e os produtores diretos”.

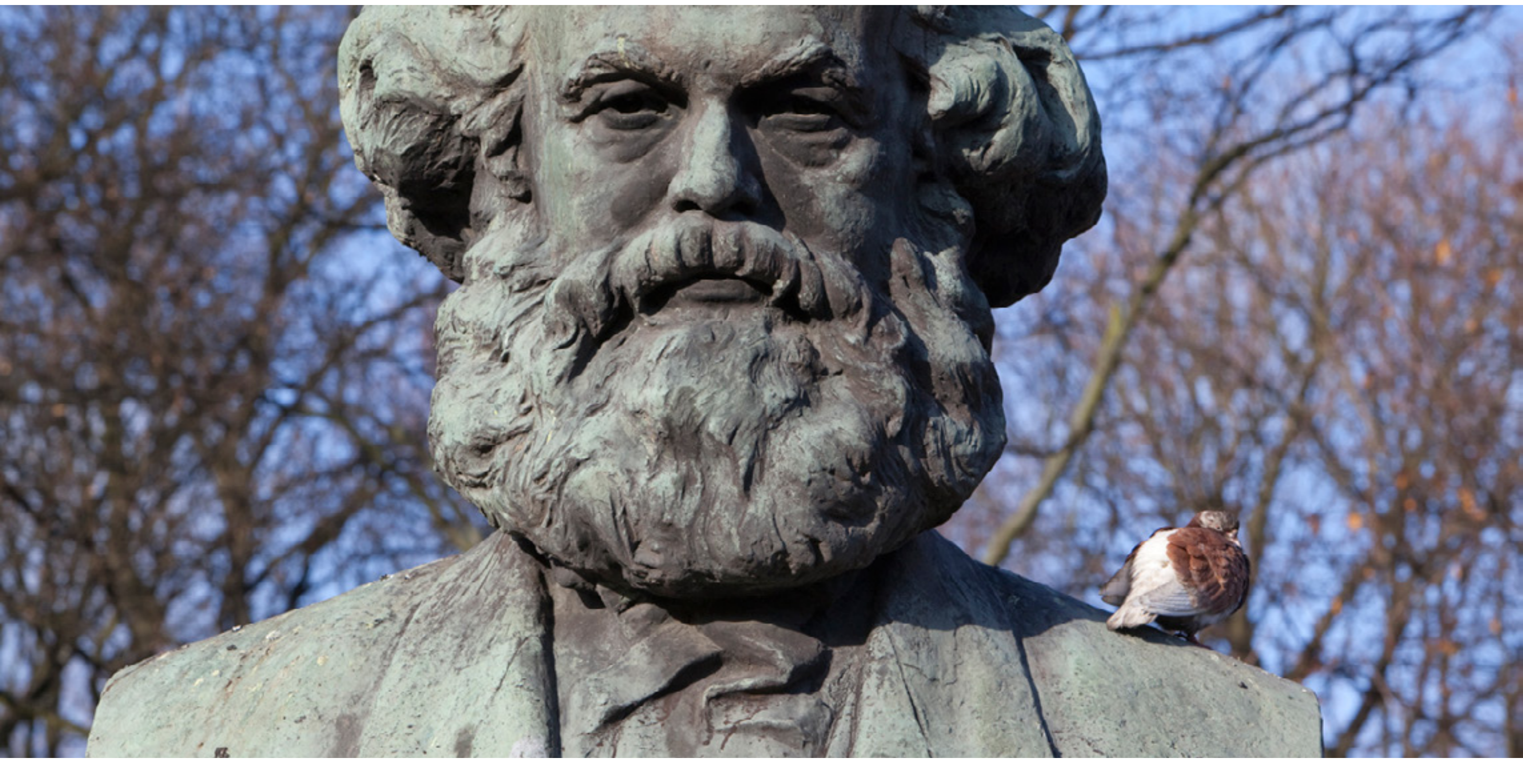
Isso não quer dizer que a superestrutura seja passiva. Um dos postulados básicos do materialismo histórico é que a superestrutura afeta, ou “age retroativamente” sobre ela, a infraestrutura. Assim como a base material afeta a superestrutura, a superestrutura, dialeticamente, também pode afetar a base. Infra e superestrutura interagem, apesar de que, em última instância, uma necessidade econômica sempre se afirma, e as forças produtivas estão no lugar determinante da história. A necessidade econômica, digamos, não determina nossa ação individual ou coletiva, mas estabelece seus limites.

Segundo Marx, as transformações da sociedade aconteceriam devido às **lutas entre as diferentes classes sociais**. Ao se desenvolverem, as forças produtivas da sociedade entram em conflito com as relações de produção existentes. O conflito se resolve em favor das forças produtivas. Nesse sentido, surgem relações de produção novas e superiores, amadurecidas no seio da sociedade antiga e que se ajustam melhor ao crescimento continuado da capacidade produtiva da sociedade. O crescimento da burguesia ao longo da Idade Moderna, por exemplo, estava travado por uma economia ainda com traços feudais; nesse sentido, as revoluções burguesas, a partir do século XVIII, acabaram com esses “entraves” e construíram uma sociedade capitalista, adaptada aos seus interesses.

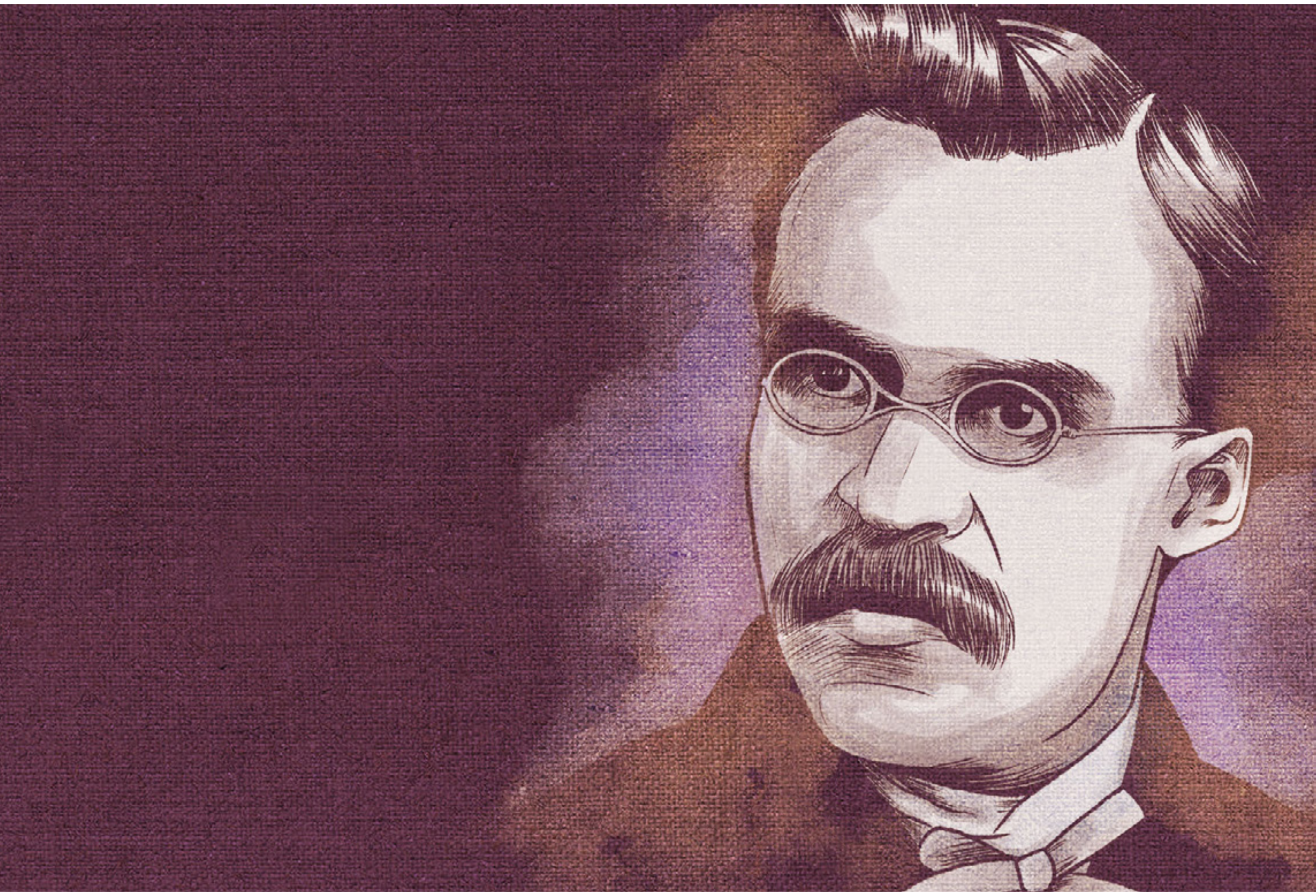
Em *O Manifesto Comunista* está a mais clara expressão da luta de classes como motor da história: “A história de toda a sociedade que até hoje existiu é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre e oficial, em suma, opressores e oprimidos sempre estiveram em constante oposição; empenhados numa luta sem trégua, ora velada, ora aberta (...) a luta pela democracia, monarquia, direito de voto etc. são apenas maneiras ilusórias nas quais se desenvolve a verdadeira luta de classes”. Mas cuidado: a luta de classes não é apenas um confronto armado, mas algo presente em todos os procedimentos institucionais, políticos, policiais, legais, que a classe dominante lança mão para obter sua dominação.

MARX HOJE

O marxismo é uma das filosofias mais debatidas e controversas da atualidade. Mas, independentemente de qualquer posição política, Marx foi um filósofo importante em sua época e, seja para criticar, seja para defender, deve ser estudado. Diversas análises presentes em O Capital ainda são muito úteis para economistas, filósofos e cientistas sociais. Por exemplo, o sociólogo André Singer, em seu livro O Sentido do Lulismo, interpretou a Era Lula a partir da luta de classes. Para ele, o lulismo foi um “pacto de classes”, no qual os grupos menos favorecidos puderam conquistar avanços importantes (ProUni, Fies, Bolsa Família, Luz para Todos, Minha Casa, Minha Vida), desde que isso não afetasse os privilégios dos mais ricos (bancos e construtoras mantiveram lucros extraordinários) nem as maneiras antigas de fazer política (compra de votos, alianças com antigas elites políticas). A crise do lulismo representaria, nesse sentido, o próprio esgotamento desse “pacto de classes”, que, sobretudo a partir do governo Dilma Rousseff, não pôde mais ser mantido.



Estátua de Karl Marx em Kalingrado, Rússia (iStock)



FRIEDRICH NIETZSCHE

Por meio da Genealogia da Moral, Nietzsche acreditava ser preciso investigar a origem dos valores, em vez de simplesmente aceitá-los

---

ORIGEM

Rökken (Prússia, atual Alemanha) (1844-1900)

PRINCIPAIS OBRAS

Humano, Demasiado Humano (1876-1880); Assim Falou Zaratustra (1883); A Genealogia da Moral (1887); Além do Bem e do Mal (1889); O Crepúsculo dos Ídolos (1889)

FRASE-SÍNTESE

"O que quer que não pertença à vida é uma ameaça para ela.""

BIOGRAFIA

Friedrich Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844, em Rökken (Prússia, atual Alemanha). Criado em uma família de clérigos luteranos, Nietzsche foi preparado para ser pastor. Aos 18 anos, perdeu a fé em Deus e passou por um período libertino, quando contraiu sífilis. Nietzsche tornou-se professor de filosofia e poesia gregas com apenas 24 anos, na Universidade de Basileia, em 1869. Abandonou a universidade em 1879. Sofrendo de intensas dores de cabeça e de uma crescente deterioração da vista, levou uma vida solitária, vagando entre a Itália, os Alpes suíços e a Riviera Francesa – ele atribui à doença o poder de lhe conferir uma clarividência e lucidez superiores. Em janeiro de 1889, ao ver um cocheiro chicoteando um cavalo, abraçou o pescoço do animal para protegê-lo e caiu no chão. Havia enlouquecido? Muitos amigos que visitavam Nietzsche na clínica psiquiátrica duvidavam de sua doença e alguns de seus biógrafos afirmam que, longe de loucura, ele atingiu uma enorme sanidade. O filósofo morreu em 1900.

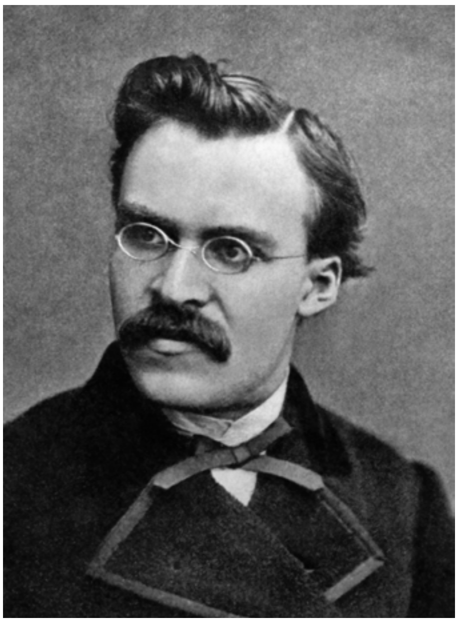
"Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não tornar-se também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você."

Weingarten

Casa de Nietzsche em Naumburg, onde ele passou maior parte de sua infância (AlizadaStudios/iStock)

A FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Para Nietzsche, a filosofia, representada por Sócrates (o "homem de uma visão só"), instaura o predomínio da razão, da racionalidade argumentativa, da lógica, do conhecimento científico e do "espírito apolíneo" – derivado de Apolo, deus da ordem e do equilíbrio. Assim, perde-se a proximidade da natureza e de suas forças vitais, da alegria, do excesso e do "espírito dionisíaco" – derivado de Dionísio, o deus do vinho e das festas. A história da filosofia é, portanto, a história do triunfo da razão contra a "afirmação da vida". Seria preciso, assim, resgatar o elemento dionisíaco da vida.



Retrato de Friedrich Nietzsche (Reprodução/Reprodução)

Entretanto, não foram apenas os filósofos que contribuíram para a decadência do homem e da cultura ocidental. Para Nietzsche, o cristianismo também teve o seu papel. Isso porque os cristãos defendem uma “moral dos escravos” ou do “rebanho” contra uma “moral dos senhores” ou dos “espíritos livres”. A “moral dos escravos” nega a vontade e o desejo, enquanto a “moral dos senhores” se relaciona com aqueles que afirmam a vida. Importante notar que o termo escravo deve ser entendido aqui não no sentido social, mas psicológico.

Devido à força do número, a mediocridade do rebanho venceu. A moral cristã é hostil à vida, uma forma de os fracos deterem os fortes. Os cristãos condenam os belos, os fortes e os poderosos a um inferno fictício, enquanto legaram aos escravos o céu. O cristianismo sufoca nosso impulso criativo, insaciável. Contra aquilo que pregam os cristãos e filósofos, é preciso ser fiel à vida: “Permanecei fiéis à Terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterrestres! Envenenadores são eles”. Nietzsche propunha uma transvaloração de todos dos valores: por meio de seu método genealógico (*A Genealogia da Moral*), é preciso investigar a origem dos valores, em vez de simplesmente aceitá-los.

Ao falar da “morte de Deus”, Nietzsche, ao contrário do que se pensa, não se colocava como um “anticristo” no sentido evangélico do termo, mas como alguém que queria a morte das “muletas metafísicas”, ou seja, dos “apoios” fora da vida, de viver baseado num mundo que não existe. Como assim? Para acalmarem a angústia da própria existência, os homens ocidentais sempre procuram inventar em sua vida uma **finalidade** (um sentido, um motivo, uma razão para sua existência e para os acontecimentos da vida), uma **unidade** (o conhecimento científico, garantindo que podemos entender o universo) e uma **verdade** (uma moral, uma razão filosófica). Para Nietzsche, esses três conceitos são ilusões, ídolos.

Assim, o filósofo alemão derrubava os três pilares da cultura ocidental. Para Nietzsche, os principais temas abordados por todos os filósofos até o século XIX, como Deus, Ser, Razão, Sentido, Verdade, Ciência, Produção, Beleza, Ordem, Justiça, Estado, Revolução, Família, Demonstração, Lógica, seriam construções, valores morais ocidentais, que domesticavam o homem e anulavam sua criatividade. Os valores do mundo estão, portanto, baseados em nada – a cultura que não supera isso é uma cultura niilista.

Niilismo é a inversão dos valores vitais pelo cristianismo, que transforma em afirmação de poder o sofrimento e a lassidão de uma vida diminuída. O niilismo, assim, é a doença dos tempos modernos, a vida depreciando a vida. Paradoxalmente, niilismo é também a denúncia desses valores. Em *O Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche declara guerra a esses falsos deuses que criamos: o Estado, as instituições, as ilusões da filosofia, a verdade.

Apenas os espíritos mais refinados têm asco a essas normas, negando Deus, a ciência, a verdade. Superando essa cultura do medo e do ressentimento, nos tornamos o **super-homem** ou além-homem. Zaratustra – protagonista do livro *Assim Falou Zaratustra* – é o além do homem (*Übermensch*), pois ele viu muitas coisas, sofreu muito, amou, odiou, foi guerreiro, experimentou a morte, comemorou a vida. Em seu caminho cheio de pedras, ele superou a si mesmo. Zaratustra é o **homem superior**, cujo querer emancipado de todo ressentimento, de toda culpa, de toda negação, assume plenamente o sentido da vida em todas as suas formas e a justifica inclusive no que ela tem de mais ambíguo e de mais assustador. Livre de espírito e de coração, sua felicidade está em vencer a si mesmo. O super-homem não se pergunta "qual é a verdade?", e sim: "qual é o valor da verdade para a vida?" ou "o que é que o verdadeiro quer de nós?".

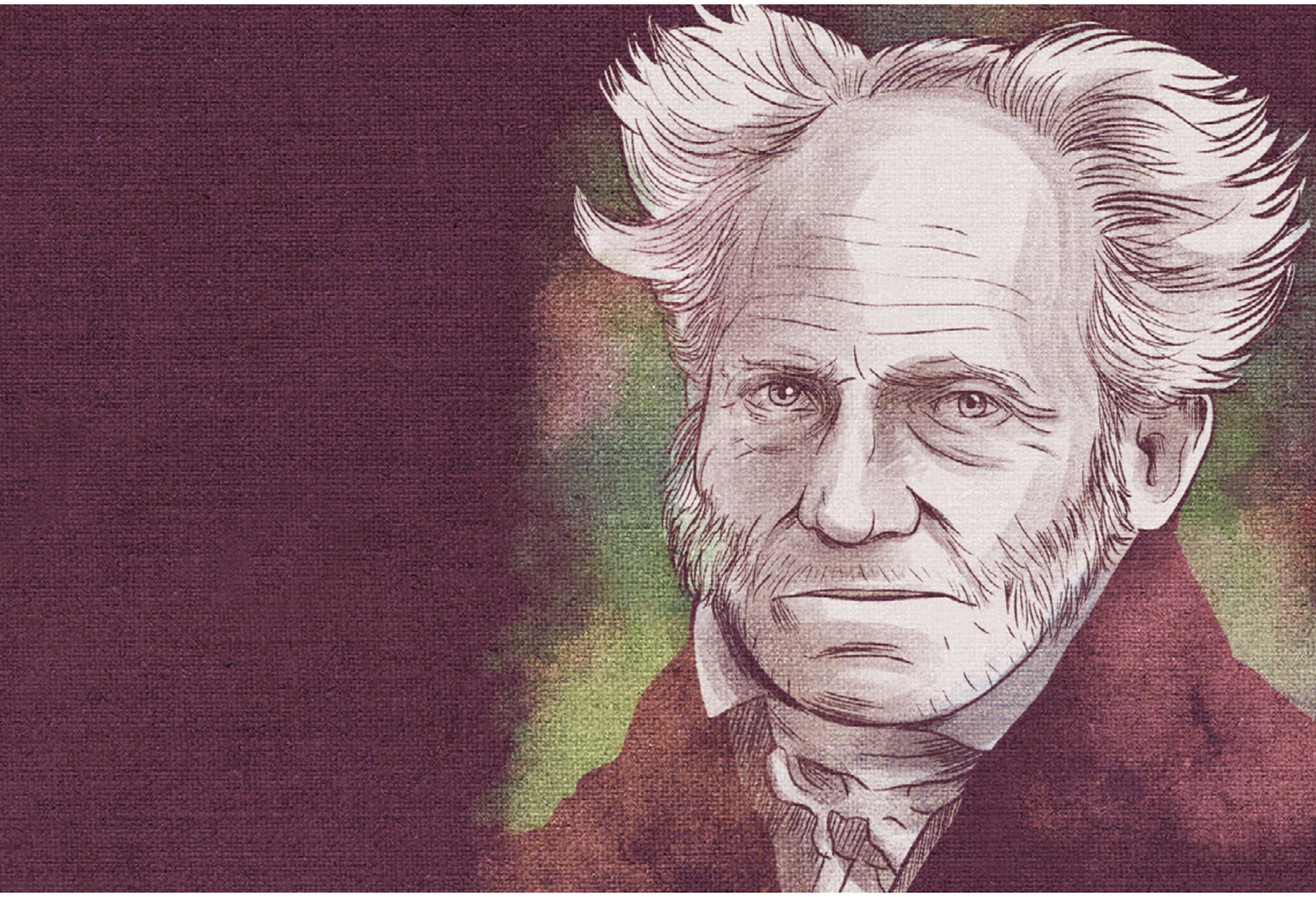
VIDEOAULA: NIETZSCHE E O CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

Clique aqui e assita

NIETZSCHE HOJE

Nietzsche nunca foi tão lido quanto na atualidade. Um dos motivos é a crise dos diversos "ismos" – quer dizer, noções que guiam a vida civilizada, chamados de industrialismo, liberalismo, socialismo, positivismo, cristianismo, protestantismo. Muitos estão descrentes de noções como o progresso: progresso para quê? Progresso para quem? A manutenção de problemas como a fome e a desigualdade, bem como o agravamento dos problemas ambientais, tornou muitas pessoas céticas em relação ao nosso progresso.

Outra ideia em crise é a noção de verdade: diante da pluralidade enorme de visões de mundo nos dias atuais, poucos duvidam da relatividade da verdade. E o que dizer sobre as "utopias" tão fortes no século XX: quem ainda têm um projeto de sociedade ideal para o século XXI? Por mais que esses "ismos" ainda tenham muita força, ninguém duvidaria que hoje, mais do que em outras épocas, não são poucos os que duvidam da validade e utilidade dos alicerces da nossa "civilização ocidental", já questionados pelo filósofo prussiano no século XIX. Nesse sentido, o "filósofo das marteladas", que se opunha a todos os dogmas da sociedade civilizada, parece mais atual do que nunca.



ARTHUR SCHOPENHAUER

Além de ser o filósofo da representação, Schopenhauer é conhecido como o filósofo da vontade

---

ORIGEM

Danzig (atual Gdansk, Polônia) (1788-1860)

CORRENTE FILOSÓFICA

Idealismo Alemão

PRINCIPAIS OBRAS

O Mundo como Vontade e Representação; Sobre a Vontade da Natureza; Parerga e Paralipomenta

FRASE-SÍNTESE

“Para a maioria dos homens, a vida não é outra coisa senão um combate perpétuo pela própria existência, que ao final será derrotada.”

BIOGRAFIA

Arthur Schopenhauer nasceu em Danzig (atual Gdansk, Polônia), em 22 de fevereiro de 1788. Filho de ricos comerciantes prussianos, foi educado para seguir a profissão do pai e, aos 12 anos de idade, empreendeu uma série de viagens pela Europa. A morte de seu pai permitiu-lhe abandonar a carreira comercial e voltar-se para o estudo universitário. Em 1813, doutorou-se pela Universidade de Berlim com a tese *Sobre a Quádrupla Raiz do Princípio de Razão Suficiente*. Em 1818 publica sua principal obra, *O Mundo como Vontade e Representação*. A partir de 1831, estabelece-se em Frankfurt, onde leva uma vida solitária. Ao longo da vida, ele teve problemas com a família, falta de reconhecimento da universidade (seu curso na Universidade de Berlim contou com apenas quatro ouvintes), doenças e dificuldades econômicas. Morre em 21 de setembro de 1860, vítima de ataque cardíaco, aos 72 anos.

“Imaginemos, por um instante, que a humanidade fosse transportada a um país utópico, onde os pombos voem já assados, onde todo o alimento cresça do solo espontaneamente, onde cada homem encontre sua amada ideal e a conquiste sem qualquer dificuldade. Ora, nesse país, muitos homens morreriam de tédio ou se enforcariam nos galhos das árvores, enquanto outros se dedicariam a lutar entre si e a se estrangular, a se assassinar uns aos outros.”

A FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

Como se observa nas passagens iniciais de *O Mundo como Vontade e Representação*, o ponto de partida do pensamento de Schopenhauer é: **“O mundo é minha representação”**.

“Todo objeto, seja qual for a sua origem, é, enquanto objeto, sempre condicionado pelo sujeito e, assim, essencialmente, apenas uma representação do sujeito.” Em outras palavras, tudo o que existe para mim é o que eu percebo a partir de formas *a priori* de consciência (tempo, espaço etc.). O real, enquanto coisa em si, é impenetrável a nosso conhecimento, que atinge apenas as representações. Essas representações se interpõem entre nós e o real como um véu que o encobre. Schopenhauer é um dos primeiros filósofos ocidentais modernos a valorizar o pensamento oriental, vendo afinidades entre sua visão e o hinduísmo, para o qual a realidade é encoberta pelo “véu de Maia”.

Além de ser o **filósofo da representação**, Schopenhauer é conhecido como o **filósofo da vontade**. A Vontade é a próxima essência da subjetividade, isto é, é a própria essência do “eu”. Irracional, desprovida de conhecimento, causa em si mesma, sem fundamento, possuidora de um infinito desejo de afirmar-se, a Vontade é o que faz as aves migrar e os tigres acasalar. Nos outros animais, a Vontade se expressa no instinto.

Diferentemente de outros animais, o homem possui consciência de sua vontade: “A Vontade é um cego robusto que carrega um aleijado que enxerga” – esse aleijado é a nossa consciência. No homem, a Vontade é o fundamento do querer viver, do sentimento de posse, do dominar, do afirmar-se: “A vida humana, pois, passa-se toda em querer e em adquirir”.

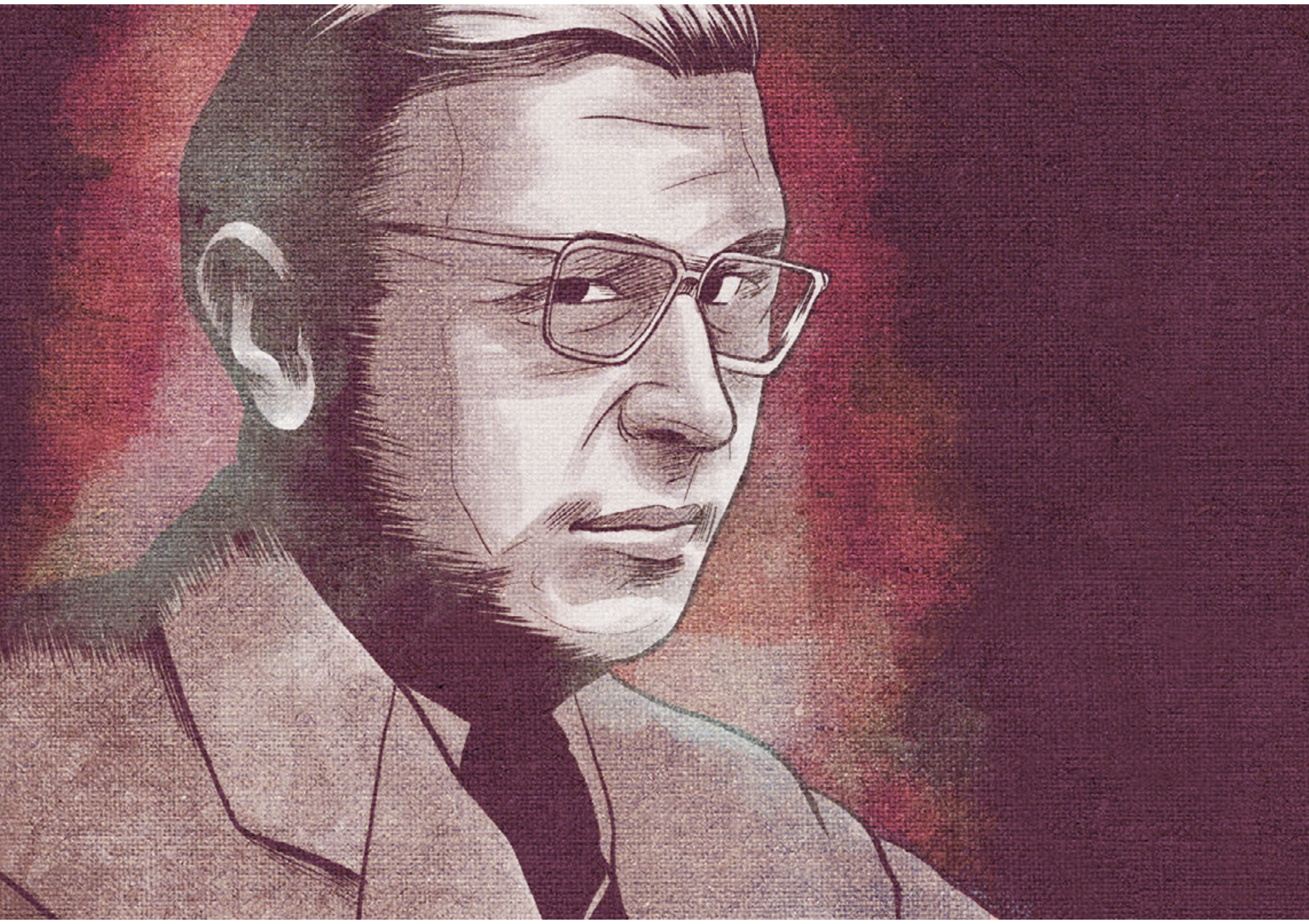
Daí surge um paradoxo. Estamos a todo momento buscando realizar nossa vontade, que é insaciável. Segundo Schopenhauer, “o desejo, por sua natureza, é dor: sua realização traz rapidamente a saciedade; a posse mata todo o encanto; o desejo ou a necessidade de novo se apresentam sob nova forma: senão, é o nada, é o vazio, é o tédio que chega”. Se nós matássemos toda a nossa vontade, nosso destino seria inevitavelmente o tédio. Eis a condição trágica da vida humana: “Para a maioria dos homens, a vida não é outra coisa senão um combate perpétuo pela própria existência, que ao final será derrotada”. Definitivamente, o homem não está programado para ser feliz.

Diante disso tudo, o que fazer? Se a Vontade nos levará a um “vale de lágrimas”, como mitigar o sofrimento? A arte e a experiência estética são uma maneira de mitigarmos o sofrimento: na música se ouve a vontade, a essência da vida, se expressando. Por isso, a máxima de Schopenhauer: “A música é a vitória do sentimento sobre o conhecimento”.

Além disso, inspirado na ideia oriental do nirvana, Schopenhauer prevê a força da intelectualidade para amainar a Vontade, negando o querer, neutralizando os desejos: “Sem a negação completa do querer, não há salvação verdadeira, libertação efetiva da vida e da dor”. Ao desprendermo-nos da vida e de sua torpe essência, estamos indiferentes ao querer, aos desejos, à Vontade, que reclama sua satisfação sexual. Se não fizermos isso, nossa vida será uma tortura da Vontade insaciável.

SCHOPENHAUER HOJE

Nosso “filósofo da vontade” foi fundamental para o desenvolvimento das reflexões sobre a psicologia. Schopenhauer defendeu a ideia de que o homem não é um ser unificado e racional, que age conforme os interesses, mas um ser fragmentado e passional, que age influenciado por forças que fogem de seu controle. Hoje, mais do que nunca, debate-se no cotidiano a influência das paixões (ou do inconsciente, na linguagem atual) em nossa vida: qual é a raiz da depressão, do suicídio e da síndrome do pânico? Por que essas questões aparecem atualmente mais do que nunca? Em outras palavras, hoje se admite que existem instâncias não racionais que influenciam enormemente nossa vida e que, de alguma forma, precisamos lidar com elas. Assim, a visão schopenhaueriana de um ser não estritamente racional parece mais atual do que nunca.



JEAN-PAUL SARTRE

O existencialismo de Sartre foi uma das correntes mais importantes do pensamento francês

---

ORIGEM

Paris (França) (1905-1980)

CORRENTE FILOSÓFICA

Existencialismo

PRINCIPAIS OBRAS

A Náusea; Os Caminhos da Liberdade; O Ser e o Nada; O Existencialismo É um Humanismo; Entre Quatro Paredes

FRASE-SÍNTESE

"A Existência precede a Essência."

BIOGRAFIA

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris, em 21 de junho de 1905. Criado pela mãe e pelo avô, estudou na Escola Normal Superior, onde conheceu a escritora Simone de Beauvoir, em 1924, com quem estabeleceu uma relação afetiva até sua morte. De 1931 a 1945 lecionou filosofia em várias escolas secundárias. Recrutado em 1939 para a II Guerra Mundial, acabou prisioneiro dos alemães entre 1940 e 1941. Depois de libertado, voltou a lecionar e se integrou à Resistência Francesa, de oposição ao nazismo, fundando o Movimento Socialismo e Liberdade.

Após a guerra, aproximou-se dos comunistas. Em 1945 cria com outros intelectuais a revista Les Temps Modernes, que exerceu grande influência sobre a intelectualidade francesa. Foi o primeiro diretor do hoje tradicional jornal esquerdista *Libération*. Em 1956 rompeu com o modelo socialista russo após a intervenção das tropas soviéticas na Hungria. Na década de 1950 abraçou o comunismo maoísta – dizendo ser o marxismo “a filosofia inevitável de nosso tempo” – e posicionou-se publicamente em defesa da libertação da Argélia, da Revolução Cultural da China e dos movimentos estudantis de 1968. Morreu em Paris, em 1980.

“A realidade humana não tem desculpas: somos responsáveis pelo mundo, porque o elegemos. O homem é o único legislador de sua vida, e a única lei de sua existência diz apenas: ‘escolhe-te a si mesmo’. Ou então, ‘fazer e, ao fazer, fazer-se’. A cada momento o homem deve escolher o seu Ser, lançando-se continuamente a seus possíveis e constituindo pouco a pouco a sua essência, através dessas escolhas, contando, para agir, somente com a voz de sua consciência.”

A FILOSOFIA DE SARTRE

O existencialismo de Sartre foi uma das correntes mais importantes do pensamento francês, ganhando força, sobretudo, nas décadas de 1950 e 1960, com forte repercussão na filosofia, na literatura, no teatro e no cinema. Considerado por muitos o símbolo do “intelectual engajado”, Sartre adaptava sempre sua ação às suas ideias, e o fazia sempre como ato político. Foi aquele intelectual cujo pensamento influenciou tendências e atitudes, pronunciando-se sobre acontecimentos políticos, sociais e culturais de seu tempo (*maitre à penser*). O termo sartriano tornou-se sinônimo de livre-pensador.

Para Sartre, o homem é um tipo diferente de ser, pois pode pensar sobre a própria consciência e sobre o mundo ao seu redor. Para o homem que se define por sua autoconsciência, existir e refletir são a mesma coisa. A consciência humana não tem uma essência definida, não tem um criador que tenha dado uma finalidade a priori para sua vida: “O homem é um ser pelo qual o nada vem ao mundo”.

O que resta ao homem? Sua liberdade, consequência básica dessa constatação. A única opção é criar. É durante a própria existência que o homem define, a cada momento, o que

Jean-Paul Sartre (Reprodução)

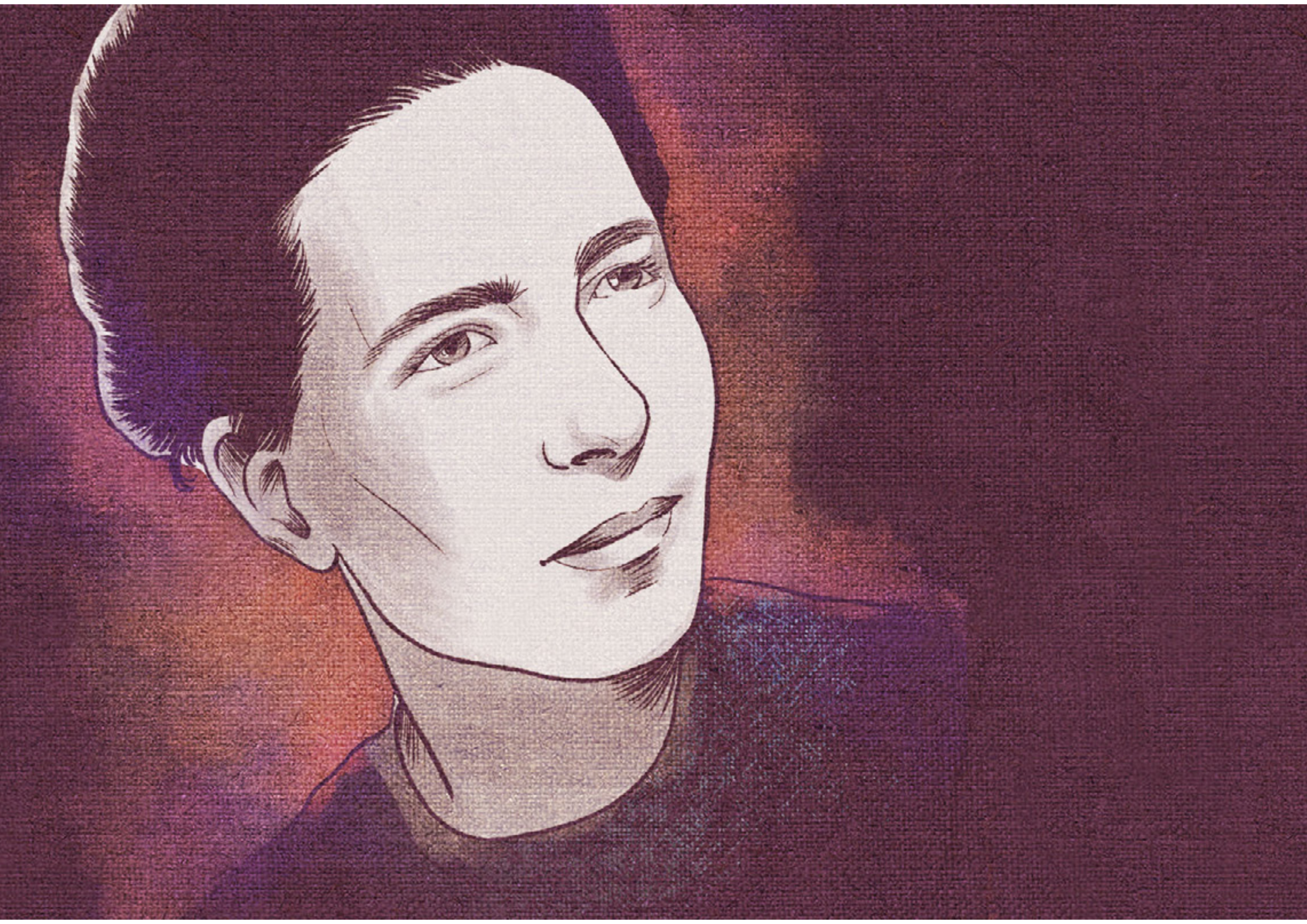
ele é. Em outras palavras, o homem constrói os significados de sua vida, seus objetivos, metas, valores, sua visão de mundo, seu sentido. O homem é o único responsável por seus atos e escolhas, criador de sua existência autêntica. Vivemos presos numa teia de significados que nós mesmos criamos diante de um mundo que, sozinho, nada significa. Não há nenhuma ética pronta, anterior a nós mesmos, para nos guiar. Não há tábuas de apoio ou pretextos. Por isso, no homem, "a existência precede a essência".

Sartre tinha plena consciência de como essa filosofia é extremamente angustiante: em vez de aceitarmos valores prontos dados pela Igreja ou por uma tradição qualquer, somos completamente responsáveis por nossos atos, por nossas escolhas, valores e sentidos. Em vez de consumir éticas enlatadas, temos que produzir a nossa própria. Viver é uma escolha: são as escolhas de cada homem que definirão a sua essência. E mais: essas escolhas podem afetar, de forma irreversível, o próprio mundo. A angústia, portanto, vem da própria consciência da liberdade e da responsabilidade em usá-la de forma adequada: "O homem está condenado a ser livre".

O melhor para sermos felizes, então, não seria assumir um sentido para a vida pronto, como uma religião qualquer ou a busca pelo dinheiro? Não. A filosofia de Sartre defende a liberdade e a autenticidade de cada ser humano como essenciais, não obstante a angústia que tal liberdade pode nos trazer. Sartre chama de má-fé a atitude daqueles que, renunciando à própria liberdade, assumem um papel pronto na sociedade; aqueles que não são sujeito, mas objeto da própria vida.

SARTRE HOJE

Qual a relação entre os intelectuais e as massas? Sartre consolidou-se como intelectual engajado, porta-voz de uma época, cuja opinião era sempre consultada. Na época de Sartre, o intelectual era visto por muitos como a "vanguarda" da sociedade. Atualmente, muitos, em contraposição, enxergam a posição do intelectual de outra forma. O sociólogo português Boaventura de Souza Santos, por exemplo, defende a ideia de que o intelectual deve estar na "retaguarda" da sociedade, atuando junto aos movimentos sociais, sem a intenção de dirigi-los.



SIMONE DE BEAUVOIR

Ícone do pensamento filosófico feminista, suas ideias estabelecem um profundo diálogo com o existencialismo sartriano

---

ORIGEM

Paris (França) (1908-1986)

CORRENTE FILOSÓFICA

Existencialismo

PRINCIPAIS OBRAS

Memórias de uma Moça Bem-Comportada; A Força das Coisas; Tudo Dito e Feito; O Segundo Sexo; Uma Morte Suave

FRASE-SÍNTESE

“Não se nasce mulher: torna-se.”

BIOGRAFIA

Nascida em Paris, em 9 de janeiro de 1908, Simone de Beauvoir estudou matemática no Instituto Católico de Paris e literatura e línguas no colégio Sainte-Marie de Neuilly. Na Universidade de Paris (Sorbonne) estudou filosofia e conheceu outros jovens intelectuais, como Maurice Merleau-Ponty, René Maheu e Jean-Paul Sartre, com quem estabeleceu uma relação afetiva até sua morte.

Tornou-se professora e editou, com Sartre, a revista mensal *Les Temps Modernes*. Sua principal obra, o ensaio *O Segundo Sexo*, foi publicada em 1949 e se tornou um grande clássico da literatura feminista. Escreveu também obras de ficção, nas quais abordou questões da filosofia existencialista, além de análises políticas e livros autobiográficos. Morreu em 1986, aos 78 anos, em Paris.

Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre no documentário brasileiro "Utopia e Barbárie", de Silvio Tendler. (Divulgação)

"Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro."

A FILOSOFIA DE BEAUVOIR

Simone de Beauvoir é um ícone do pensamento filosófico feminista, e suas ideias estabelecem um profundo diálogo com o existencialismo sartriano. Jean-Paul Sartre defende a liberdade e a autenticidade de cada ser humano como essenciais, não obstante a angústia que tal liberdade pode nos trazer. São as escolhas de cada homem que definirão a sua essência e poderão afetar o próprio mundo. Ou seja, em vez de aceitarmos os valores

prontos da Igreja ou de uma tradição qualquer, somos completamente responsáveis por nossos atos, por nossas escolhas, valores e sentidos.

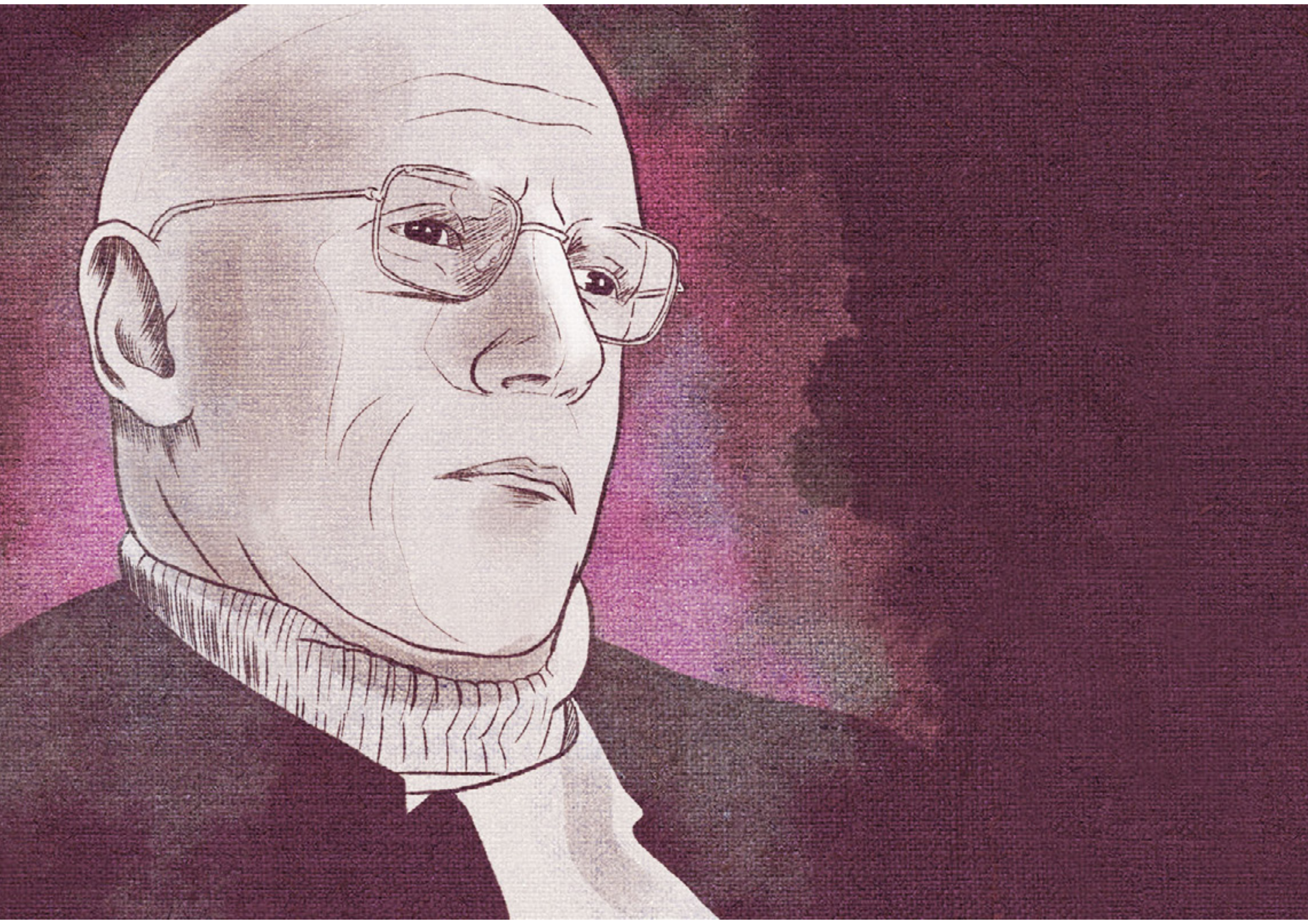
Nesse sentido, em sua obra *O Segundo Sexo*, Beauvoir lança a máxima: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”.

De acordo com esse ponto de vista, o sexo é um fator biológico, ou seja, ligado à constituição físico-química do corpo humano. Outra coisa é o gênero. Quando se fala em “gênero feminino”, fala-se em todas as características que a sociedade associa ao “ser mulher”; quando se fala em “gênero masculino”, fala-se em todas as características que a sociedade associa ao “ser homem”. Do ponto de vista, o gênero não é biológico-natural, mas um **constructo social**. Em outras palavras, “ser homem” ou “ser mulher” não é um dado natural, mas performático e social, de maneira que, ao longo da história, cada sociedade criou os padrões de ação e comportamento de determinado gênero.

A orientação sexual, isto é, a quais gêneros nos sentimos atraídos (física, romântica ou emocionalmente), por sua vez, seria ainda um terceiro fator, diferente do gênero ou do sexo. A liberdade de construção do gênero e da orientação sexual, diferentemente do dado biológico do sexo, é como a tradição feminista, e queer, na atualidade, dialoga com o existencialismo. Lembre-se: existencialismo é uma filosofia que enxerga o homem como constructo de si mesmo: pelas suas escolhas, é possível construir a própria existência. Evidentemente, para os existencialistas, quando nascemos, já existe uma sociedade pronta, repleta de regras e padrões. Mas, como dizia Sartre, não importa o que os outros fizeram conosco, mas o que fazemos com o que fizeram com os outros. Nesse sentido, a liberdade de escolha de gênero seria uma maneira de exercermos essa liberdade existencial.

BEAUVOIR HOJE

Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir parecem ser os autores mais importantes para muitos movimentos sociais contemporâneos. Em grande medida, os movimentos feministas e LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) trabalham com a reivindicação de liberdade de construção e reconhecimento de suas identidades. Por exemplo, a mundialmente conhecida Marcha das Vadias, manifestação feminista iniciada no Canadá, luta contra as diversas formas de violência contra a mulher. Faz parte dos ideais do movimento combater a noção de que a mulher, devido às suas roupas ou comportamento, seria a culpada pela violência sofrida: cada uma pode construir sua personalidade à sua maneira, como propõe Beauvoir, não cabendo nem ao homem nem ao Estado ditarem as normas de comportamento feminino. Cabe a eles, pelo contrário, ajudar na luta contra a cultura do estupro.



MICHEL FOUCAULT

O pensamento de Foucault transita por diversos temas, como loucura, sexualidade, disciplina, poder e punição

---

ORIGEM

Poitiers (França) (1926-1984)

CORRENTE FILOSÓFICA

Pós-Modernismo

PRINCIPAIS OBRAS

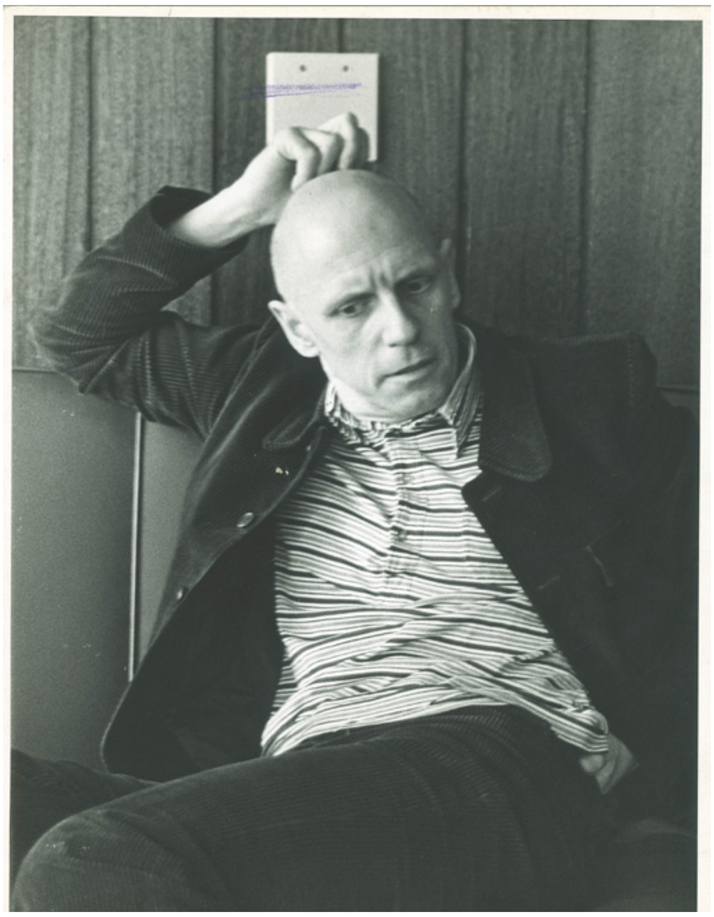
História da Loucura; O Nascimento da Clínica; As Palavras e as Coisas; Vigiar e Punir; História da Sexualidade

FRASE-SÍNTESE

"Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância."

BIOGRAFIA

Michel Foucault nasceu no dia 15 de outubro de 1926, em Poitiers, na França. Seu pai era um cirurgião renomado, lecionava na faculdade de medicina local e dirigia uma clínica bem-sucedida. O jovem Foucault, desde cedo, recusou-se a seguir a tradição familiar, negando a medicina. Sua vida foi marcada pela genialidade filosófica e também pelas "extravagâncias", como suas experiências no sanatório, o uso de drogas diversas, a bebida excessiva e as tentativas de suicídio. Os dois maiores amores de sua vida foram um compositor chamado Jean Barraqué e Daniel Defert, filósofo e ativista político, que permaneceu ao lado de Foucault por quase 20 anos, numa relação aberta. Especialmente depois de lecionar na Universidade da Tunísia, Foucault tornou-se ativo politicamente, chegando a entrar no Partido Comunista Francês (PCF). Morreu no dia 25 de junho de 1984, vítima da aids.



Retrato do filósofo francês, Michel Foucault

"A constituição da loucura como doença mental, no fim do século XVIII, delineia a constatação de um diálogo rompido entre loucura e não loucura, entre razão e não razão. A linguagem da psiquiatria, que é um monólogo da razão sobre a loucura, só pôde estabelecer-se sobre um tal silêncio."

A FILOSOFIA DE FOUCAULT

Foucault tratou de temas como loucura, sexualidade, disciplina, poder e punição, hoje vistos em várias áreas do conhecimento. Em *História da Loucura*, ele procura mostrar como o conceito de loucura mudou através dos tempos. Uma de suas ideias fundamentais é que a loucura não é algo da “natureza” ou uma “doença”, como acreditavam os psiquiatras, mas um “fato de cultura”. Podemos enxergar quatro momentos na história da loucura:

- Na **Idade Média**, os loucos vagavam livres pela sociedade e eram, em muitos casos, considerados sagrados.

- No **Renascimento**, a loucura é vista como “uma das formas da razão”, ou seja, um saber fechado, esotérico, que produz e manifesta a realidade de outro mundo e nos entrega o homem essencial, que em sua natureza íntima é furor e paixão.

- Foucault chama o período entre os séculos XVI e XVII de **Idade Clássica**, que teve Descartes como fundador da filosofia moderna. A partir da dúvida sistemática, Descartes chegou ao que acreditava ser a Verdade e identificou a loucura como algo que nos leva ao erro. Assim, separa-se o que é “racional e verdadeiro” do que é “errôneo e falso”. A loucura passa a ser silenciada do ponto de vista filosófico e internada do ponto de vista institucional: “A loucura foi colocada fora do domínio no qual o sujeito detém seus direitos à verdade”.

- No **fim da Idade Clássica**, reformistas começaram a ver esse confinamento do louco como uma barbárie, pois a loucura não era um “crime”, mas uma “doença”. Cria-se o mito de que há um “homem normal”, anterior à doença, e, em contrapartida, define-se o “louco” como um “doente”, que estaria distante da normalidade. A partir desse momento, os loucos foram liberados do encarceramento e postos sob cuidados médicos. O “louco” torna-se, ainda, um objeto de estudo.

Foucault mostrou que a atuação do médico sobre o louco só foi possível devido à mudança filosófica do século XVII. Em outras palavras, a atuação do médico sobre o louco depende menos de seu conhecimento sobre medicina do que de sua cultura.

Foucault também reflete sobre o sistema penal e a filosofia do poder, que aparecem amalgamados em *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. O objetivo do livro era pensar toda a “tecnologia do poder”, que teria surgido no século XVIII. Para o filósofo, o domínio no qual se exerce o poder não é a lei, mas, sim, a norma, que produz condutas, gestos e o próprio indivíduo moderno.

Para regular a vida dos indivíduos existe o “poder disciplinar”, empregado em hospitais, escolas, fábricas e prisões. Para explicar essa nova forma de disciplina e vigilância, Foucault cita o clássico exemplo do **Panóptico** (literalmente, “vê-se tudo”) para prisões. Trata-se de uma estrutura em forma circular, com uma plataforma de observação erguida no meio. Isso possibilitava que um observador central espionasse as celas situadas abaixo, ao redor do prédio. Cada prisioneiro nessas celas estava, então, ciente de que suas atividades eram vigiadas o tempo todo. As celas possuem uma janela para o exterior, por onde entra a luz, e uma para o interior, de frente para a torre central, de forma que o vigilante da torre central pode ver os prisioneiros, mas não o contrário. O efeito do Panóptico é criar a aparente onipresença do inspetor na mente dos ocupantes, "induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade, que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação com o exame".

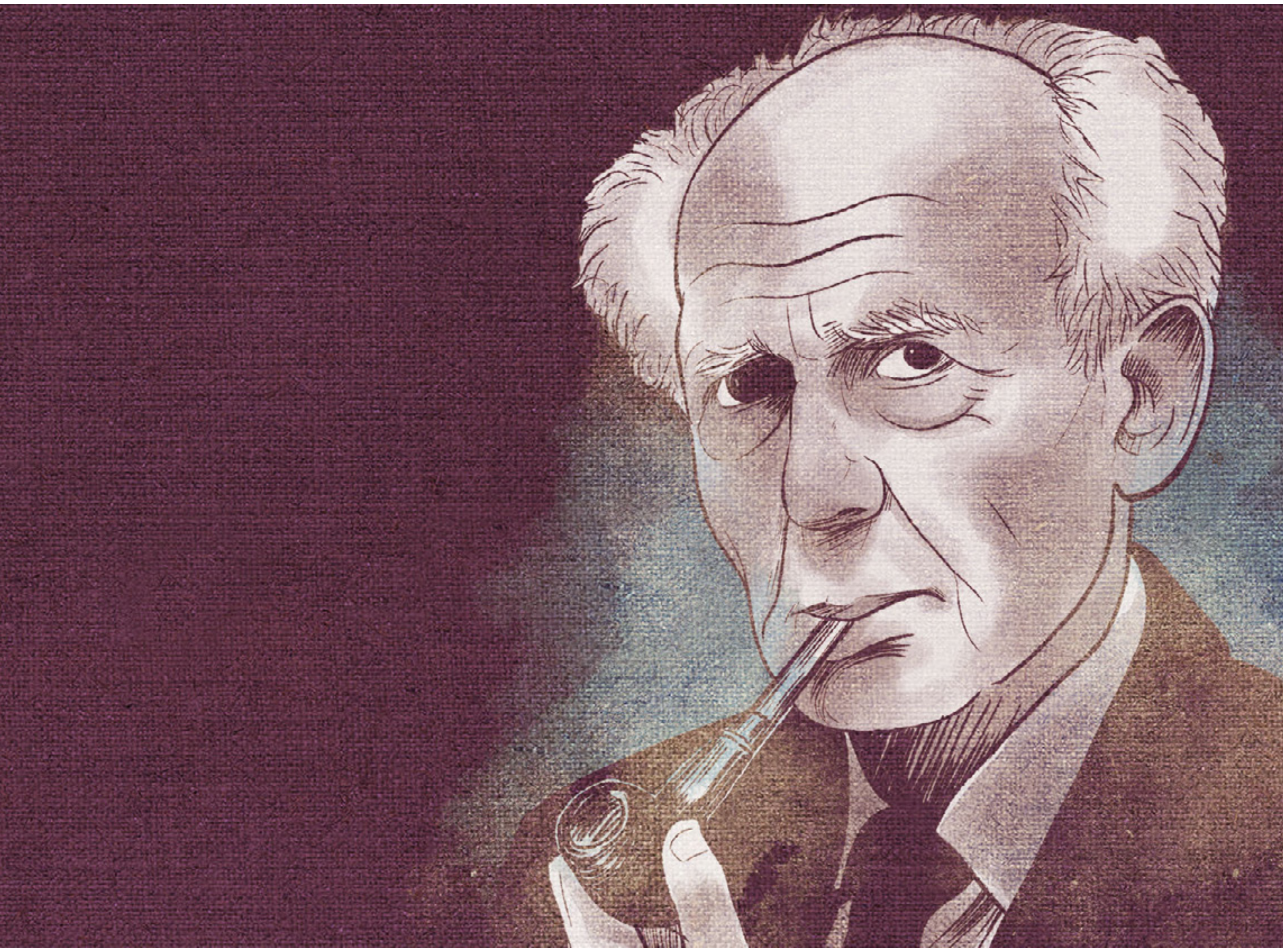
O poder, portanto, é visível, pois o detento sempre verá a torre central, e inverificável, pois o detento nunca saberá se está de fato sendo vigiado. Sua essência, assim, repousa na centralidade da situação do inspetor, combinada com as mais eficazes ferramentas para ver sem ser visto. É por meio dessa técnica que a sociedade regula seus membros. Segundo Foucault, o Panóptico não apenas aumenta o poder das autoridades, como também induz os indivíduos a internalizar aqueles que os vigiam, garantindo o funcionamento automático do poder. "Nossa sociedade não é de espetáculos, mas de vigilância. Não estamos nem nas arquibancadas nem no palco, mas na máquina panóptica, investidos por seus efeitos Foucault hoje

VIDEOAULA: O PANÓPTICO DE FOUCAULT

Clique aqui e assita

FOUCAULT HOJE

A ideia de vigilância destacada na obra de Foucault nos parece mais atual do que nunca. Em 2013, Edward Snowden, um funcionário terceirizado da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA), revelou um amplo esquema de espionagem na internet conduzido pelo serviço de inteligência norte-americano. De acordo com Snowden, o governo dos Estados Unidos (EUA), em parceria com servidores das nove principais empresas da internet (Microsoft, Yahoo, Google, Facebook, PalTalk, AOL, Skype, YouTube e Apple), registrou, sem mandado judicial, milhares de e-mails e telefonemas de norte-americanos, a pretexto de identificar supostos suspeitos de terrorismo. A denúncia de Snowden sustenta que a espionagem não se limitava a questões de segurança nacional, mas obedecia a princípios econômicos e políticos. O volume de registros armazenados pela NSA impressiona: foram 850 bilhões de chamadas telefônicas e cerca de 150 bilhões de registros de internet. Retomando Foucault, estaríamos vivendo em uma máquina panóptica?



ZYGMUNT BAUMAN

Bauman utilizou o conceito de “Modernidade Líquida” como forma de explicar como se processam as relações sociais na atualidade

---

ORIGEM

Poznán (Polônia) (1925-2017)

CORRENTE FILOSÓFICA

Pós-Modernismo

PRINCIPAIS OBRAS

Modernidade Líquida; Modernidade e Holocausto; Amor Líquido; Medo Líquido

FRASE-SÍNTESE

“Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.”

BIOGRAFIA

Zygmunt Bauman nasceu em Poznán, na Polônia, em 19 de novembro de 1925, em uma família de judeus não praticantes. Em 1939, foge com os pais para a União Soviética, escapando do cerco nazista de Adolf Hitler sobre a Polônia. Bauman serviu na divisão polonesa do Exército Vermelho durante a II Guerra Mundial e foi condecorado com uma medalha ao valor militar. Estudou filosofia e sociologia em Varsóvia, na Polônia, mas foi afastado devido à leitura de livros e artigos censurados. Crítico do autoritarismo soviético, mudou-se para a Inglaterra, onde se tornou professor da Universidade de Leeds. Recebeu os prêmios Amalfi (1989, por sua obra *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (1998, pelo conjunto de sua obra). Morreu em janeiro de 2017, aos 91 anos.

“A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade ‘genuína’ adequada e total sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele.”

A FILOSOFIA DE BAUMAN

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman utilizou o conceito de “Modernidade Líquida” (ou “Pós-Modernidade”) como forma de explicar como se processam as relações sociais na atualidade. Para Bauman, a modernidade “sólida”, forjada entre os séculos XIV e XV e cujo apogeu se deu nos séculos XIX e XX, teve como traço básico a ideia de que o homem seria capaz de criar um novo futuro para a sociedade, que cresceria em paralelo a uma vida enraizada em instituições fortes e presentes, como o Estado e a família. A confiança no homem e em sua capacidade de moldar o próprio futuro seria o principal traço desse período.

Segundo Bauman, a partir das últimas décadas, sobretudo após a queda do Muro de Berlim, em 1989, essa modernidade “sólida” estaria em desintegração e seria gradualmente substituída por uma modernidade “líquida”. A palavra liquidez remete à fluidez, ausência de forma definida, velocidade, mobilidade e inconsistência. Esses seriam, para ele, justamente, os traços essenciais das relações sociais na atualidade.

A antiga confiança “sólida” num futuro perfeitamente arquitetado pela razão foi substituída pela incerteza. O futuro tornou-se nebuloso e indefinido. As “distopias” ou as “utopias negativas” ganham força – sabe-se apontar problemas e dificuldades no mundo, mas poucos sabem oferecer alternativas consistentes a esses problemas e dificuldades. Como disse Leo Strauss, “a liberdade sem precedentes também foi acompanhada pela impotência sem precedentes. Criticamos o mundo, nunca estamos satisfeitos, mas raramente sabemos o que fazer com nossas críticas”. O sistema capitalista aparece para esses homens pós-modernos como a única realidade possível, posto que eles duvidam que o ser humano possa criar uma realidade diferente.

Incertos quanto ao futuro das sociedades, os homens pós-modernos têm fixado suas esperanças e expectativas no presente, no instante e no indivíduo; por todos os lados, os anúncios publicitários e as revistas conclamam as pessoas a “aproveitar o agora”, “pensar em si mesmas”. O ser humano pós-moderno substitui os projetos para o futuro pelo prazer instantâneo, a produção pela especulação, o conteúdo pela performance, a experiência pela flexibilidade e os sonhos pelas ambições.

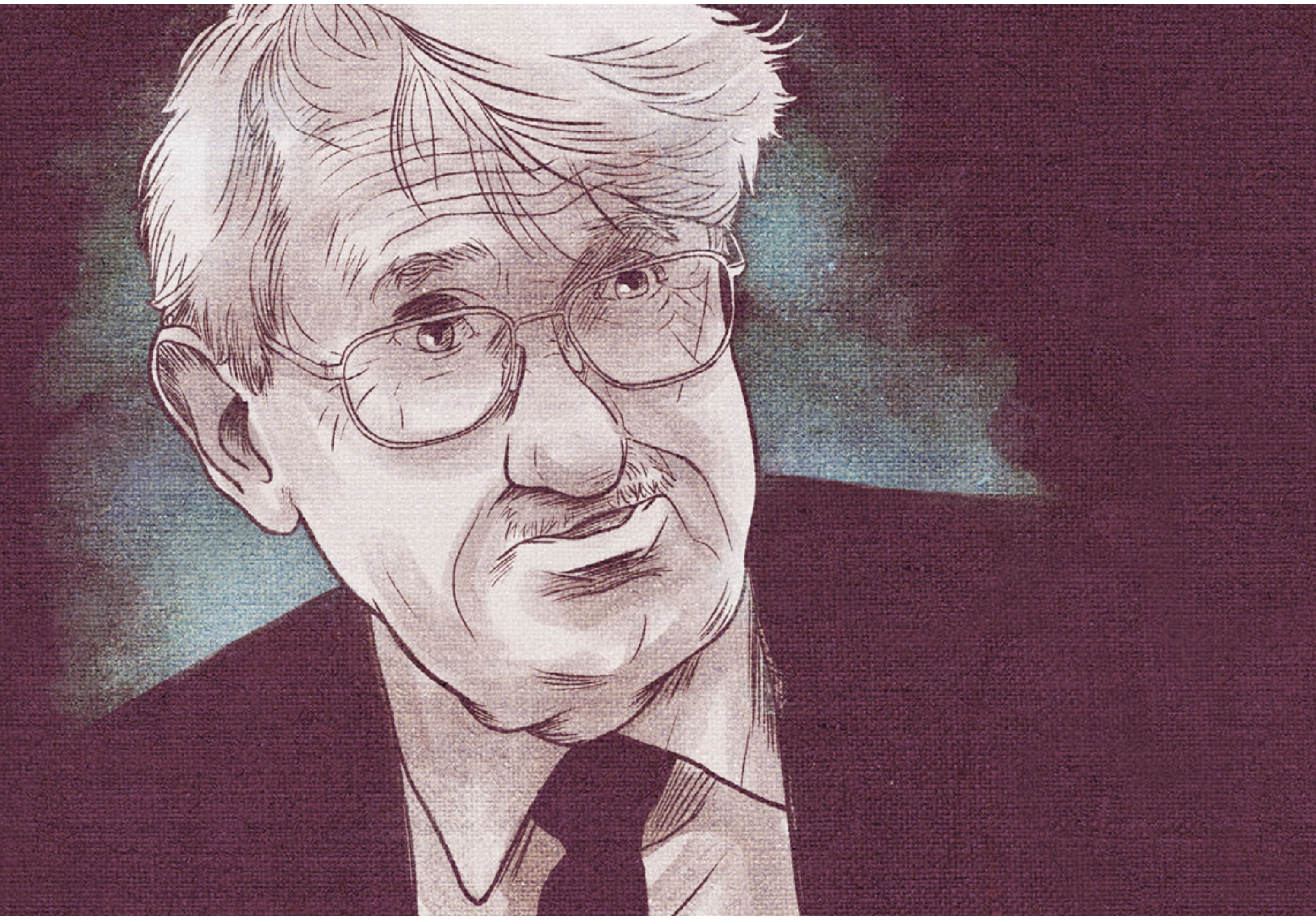
Além disso, a sociedade líquida, pouco apegada aos seus antecedentes, é obcecada pela novidade: a nova notícia, a nova promoção, o novo carro, a nova rede social. Os laços que uniam os homens ao passado são cortados, e vive-se numa espécie de “eterno presente”. Os produtos se renovam diariamente, e os empresários não temem anunciar que os próprios objetos produzidos já estão “atrasados”. Da mesma forma, os trabalhadores do século XXI vivem numa constante liquidez, numa permanente incerteza e medo de ser “descartados”, posto que a mobilidade e a flexibilidade das empresas são tamanha que, a qualquer momento, cortes inesperados e mudanças de planos podem acontecer. A solidez das convicções, assim, foi substituída pela liquidez do instante. Nos laços amorosos, observa-se a mesma tendência: relacionamentos fluidos, inconstantes e momentâneos caracterizam nossa época, que consagrou o conceito de “ficar”, expressão da liquidez do amor.

VIDEOAULA: BAUMAN E A MODERNIDADE LÍQUIDA

Clique aqui e assita

BAUMAN HOJE

A noção de “liquidez”, para Bauman, é utilizada inclusive para analisar as guerras e os conflitos do mundo contemporâneo, como o chamado “terrorismo”. A partir do ataque de 11 de setembro de 2001, a natureza da guerra entra em mutação. Torna-se raro, assim, uma guerra entre dois exércitos que se confrontam: a guerra passa a ser, predominantemente, assistemática, isolada, dispersa e assimétrica, com ataques brutais e esporádicos, feitos especialmente a distância, com aeronaves ou drones. Essa é a maneira como a França atacou o Mali ou os Estados Unidos atacaram o Estado Islâmico. Por outro lado, a forma com que os chamados “terroristas” atacam embaixadas norte-americanas e países europeus também tem essas características, ainda que em escalas e intensidades diferentes. A guerra torna-se, assim, “líquida”.



JÜRGEN HABERMAS

O filósofo e sociólogo alemão é conhecido por sua "ética da discussão", na qual o diálogo em si é mais importante do que o convencimento do interlocutor

---

ORIGEM

Düsseldorf (Alemanha) (1929 –)

CORRENTE FILOSÓFICA

Escola de Frankfurt

PRINCIPAIS OBRAS

Mudança Estrutural da Esfera Pública; Conhecimento e Interesse; Teoria do Agir Comunicativo; O Discurso Filosófico da Modernidade; A Ética da Discussão e a Questão da Verdade; Direito e Democracia

FRASE-SÍNTESE

"O agir comunicativo fundamenta-se na força* sem violência *do discurso argumentativo."

BIOGRAFIA

Jürgen Habermas nasceu em 18 de junho de 1929, em Düsseldorf, na Alemanha. Após obter um doutorado em filosofia na Universidade de Bonn, em 1954, Habermas trabalhou como assistente de Theodor Adorno, entre 1956 e 1959, no Instituto de Pesquisas Sociais, da Universidade de Frankfurt. Habermas emergiu como um dos principais expoentes da segunda geração da Escola de Frankfurt – à época, uma nova corrente influenciada pelo marxismo, que se dedicava a reflexões e críticas sobre a razão, a ciência e o avanço do capitalismo. Sua meteórica carreira universitária foi acompanhada por uma intensa participação nos movimentos sociais de sua época. Na carreira universitária, além de Frankfurt, trabalhou em Heidelberg, Starnberg (Instituto Max Planck) e na Nova Escola de Pesquisa Social de Nova York, a partir de 1968. Sempre denunciou o que via como "elitismo" do movimento estudantil, que acabava fazendo o jogo do conservadorismo tecnocrático.

"Não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo que pode ser representada e manipulada, mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Ao fazerem isso, os atores comunicativos movem-se por meio de uma linguagem natural, valendo-se de interpretações culturalmente transmitidas, e referem-se a algo simultaneamente em um mundo objetivo, em seu mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo."

A FILOSOFIA DE HABERMAS

Em sua Dialética do Esclarecimento, os filósofos Adorno e Horkheimer, fundadores da chamada Escola de Frankfurt, criticaram a razão oriunda do Iluminismo, a qual, na época utilizada como meio de libertação, converteu-se em instrumento de dominação, uma vez que o mundo passou a ser administrado em nome da técnica: é o que chamavam razão instrumental, dirigida a fins.

Para esses filósofos, a razão instrumental teria, inclusive, atingido as obras de arte. A produção artística, longe de preservar sua "aura" e sua autonomia, passou a ser produzida e condicionada de acordo com uma lógica de mercado. A Indústria Cultural, nome usado por Adorno e Horkheimer, portanto, tornou as produções artísticas mercadorias como quaisquer outras.

Para Habermas, Adorno e Horkheimer, confundiram um tipo particular de racionalização com a própria razão. A razão, assim, não pode ser reduzida à sua perversidade utilitária, uma vez que ela possui uma função comunicativa. Na estrutura da linguagem cotidiana, assim, já está embutida uma exigência de racionalidade. A linguagem é uma verdadeira forma de ação: o simples fato de falar implica, além de uma exigência de compreensão mútua, um ideal de exatidão e veracidade e uma sinceridade. A interação com a linguagem, assim, sustenta que os indivíduos partilhem um mundo objetivo, um mundo social e um mundo subjetivo – essa é a base de sua teoria da ação comunicativa.

Assim, Habermas reconcilia-se com a razão ocidental e propõe um verdadeiro salto paradigmático, buscando um conceito de racionalidade que seja ancorado nos processos de comunicação. Se existe uma racionalidade instrumental mediada pela economia e pelo poder, existe todo um agir comunicativo, que busca o entendimento e o assentimento entre sujeitos, tendo em vista uma ação comum, baseado na forma sem violência do discurso argumentativo. No diálogo – quando ninguém é “trapaceiro, nem um psicótico, nem um bêbado” –, cada ser se investe numa troca em que só contam os valores de razão, como reconhecimento, respeito e sinceridade.

Habermas visa a fundar uma “ética da discussão”: em vez de um sujeito buscar fazer valer uma lei universal, é preciso buscar uma discussão na qual as questões morais sejam objeto de debates, dando lugar a acordos. Uma norma ética, para ele, só é válida quando for objeto de uma livre discussão. Só o agir comunicativo, que tende ao entendimento entre os atores, pode ser a base ética de uma sociedade. Habermas foi acusado, por muitos, de “reformista”, pois, em vez de desesperar-se diante da democracia burguesa, levou a sério suas potencialidades.

Em suma, como diz Habermas, a ação comunicativa ocorre “sempre que as ações dos agentes envolvidos são coordenadas, não através de cálculos egocêntricos de sucesso, mas através de atos de alcançar o entendimento. Na ação comunicativa, os participantes não estão orientados primeiramente para o sucesso individual, eles buscam seus objetivos individuais respeitando a condição de que podem harmonizar seus planos de ação sobre as bases de uma definição comum de situação. Assim, a negociação da definição de situação é um elemento essencial do complemento interpretativo requerido pela ação comunicativa”.

HABERMAS HOJE

Habermas é hoje um dos maiores pensadores das ciências humanas. Na educação, sua noção de ação comunicativa é utilizada para defender, na escola e na universidade, a interdisciplinaridade, contra a ideia positivista de separar as disciplinas em compartimentos estanques. O diálogo e a busca de estruturas racionais subjacentes às disciplinas são atitudes que podem enriquecer todos os campos do conhecimento. Na política, sua teoria é base para alternativas à democracia representativa, modelo que passa a ser cada vez mais contestado por eleitores que não se sentem representados pelos políticos e governantes. A defesa de outras formas de participação política, como comitês e audiências públicas, resgata, ainda que parcialmente, aspectos da democracia direta e dos plebiscitos, comuns na Antiguidade.

FILOSOFIA E ATUALIDADES

Entenda de que forma o pensamento clássico se relaciona com os acontecimentos contemporâneos

117 **Bauman e os Movimentos Sociais no Brasil Contemporâneo**

120 **Escola e Ideologia**

123 **O Movimento Feminista e a Questão de Gênero**

127 **Locke e a Liberdade de Expressão**

130 **A Democracia Brasileira no Século XXI**

VOLTE AO INÍCIO

Manifestantes protestam na Avenida Paulista, em São Paulo, em junho de 2013 (Fernando Podolski/iStock)

BAUMAN E OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A modernidade é (ou foi) um projeto de emancipação do ser humano: pelo livre pensamento, o homem estaria emancipado das imposições dogmáticas da Igreja e poderia escutar a própria consciência; pela democracia representativa, o homem estaria emancipado da tirania do Estado e poderia conviver com as diferenças e ter voz na política; pelo livre-comércio, o homem estaria emancipado da sociedade de ordens, de maneira que o liberalismo econômico nos livraria da fome e nos garantiria a possibilidade de ascensão social.

Sob esses pilares, iniciados no Renascimento (séculos XIV-XVI) e consolidados, na teoria, pelo Iluminismo, e, na prática, pelas revoluções Francesa e Inglesa, ergue-se a defesa da civilização ocidental. Para alguns, a civilização ocidental está ainda em construção. Para outros, ela tem pés de barro – seus pressupostos, quer dizer, a existência de indivíduos guiados pelo próprio interesse, foram derrubados pela moderna psicologia. Outra visão ainda aponta que ela estaria muito ligada a um tipo de economia (capitalista) e um tipo de sociedade (burguesa) fadados ao colapso devido às contradições insuperáveis dentro desse sistema.

É nesse sentido que devemos compreender a obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que desenvolve algumas explicações para a atual crise da modernidade. Segundo o autor, a modernidade anterior, que ele chama de “sólida”, era caracterizada por uma confiança vigorosa no futuro. Por isso, nela emergiram as utopias das mais diferentes matizes.

Atualmente, Bauman diz que as relações sociais e as instituições estão contaminadas por uma enorme “liquidez” – fluidez, ausência de forma definida, velocidade, mobilidade e inconsistência: daí o termo “modernidade líquida”. Essas características podem ser observadas no trabalho (flexibilização de leis, trocas rápidas de carreira), no amor (o “ficar”, as dificuldades em lidar com um relacionamento profundo) ou na guerra (o terrorismo e os ataques esporádicos).

A antiga confiança “sólida” num futuro perfeitamente arquitetado pela razão foi substituída pela incerteza. O futuro tornou-se, assim, nebuloso e indefinido para os homens. A modernidade líquida é caracterizada pelo enfraquecimento das utopias ou, melhor dizendo, pela predominância das “distopias” ou das “utopias negativas” – sabe-se apontar problemas e dificuldades no mundo, mas poucos conseguem oferecer alternativas consistentes. Em resumo, nas palavras do compositor Cazuza, “meu partido é um coração partido”; ou, como diria Renato Russo da Legião Urbana: “Acho que não sei quem sou, só sei do que não gosto”.

Entre os anos de 2013 e 2016, o Brasil conheceu as maiores manifestações populares de sua história. Desde a década de 1980, não se via tantos brasileiros irem às ruas por questões políticas, sociais e econômicas. Assim, alguém poderia objetar, a análise de Bauman já estaria datada? O Brasil voltou à era das utopias e da confiança no futuro?

Pensadores que analisam o mundo à luz da obra de Bauman diriam que não. Todos os protestos, de 2013 a 2016, são caracterizados pela horizontalidade e fluidez: ausência de lideranças definidas, multiplicidade, divergência de pontos de vista, mesmo dentro de uma mesma manifestação. A fluidez e a rapidez das informações na internet, que engloba desde notícias falsas até a transmissão em tempo real por mídias alternativas, contribuem para esse aspecto.

Numa passeata contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, por exemplo, além de grupos ligados ao seu grupo político, o Partido dos Trabalhadores (PT), estavam presentes a dita oposição à esquerda do PT – o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) e o PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados) –, sindicatos, movimentos sociais e adeptos da tática *black bloc*, que, inclusive, chegaram a ser hostilizados em várias cidades pelos próprios membros do PT ou do PSOL. Mesmo dentro dessa corrente, não existe um consenso sobre o projeto de país que desejam, se é social-democrata ou socialista, ou mesmo o que representariam essas correntes. O mesmo pode ser dito daqueles que de-

Ato reinvindicando a redução da tarifa dos transportes públicos paulistanos, em janeiro de 2016 (Fernando Podolski/iStock)

fenderam o impeachment. Grupos empresariais, liberais ortodoxos, defensores da volta da ditadura militar, pessoas temerosas do "avanço" do "socialismo cubano" sobre o Brasil.

Ao longo da história, é preciso frisar, a divergência de percepções, projetos e expectativas é comum aos grupos políticos e aos movimentos da sociedade civil. Mas, na atualidade, essas diferenças chegaram a tal nível que a somatória de demandas individuais acabou sufocando os projetos efetivamente coletivos, tornando difícil qualquer generalização. Essa diversidade de percepções caracteriza a "liquidez" de que fala Bauman: uma fluidez, mudança e incerteza quanto ao projeto necessário para fazer a sociedade avançar.

Mas essa fluidez seria negativa? A leitura dessas questões à luz de Bauman pode dar a muitos uma impressão, um tanto pessimista (e, no limite, fatalista), de que vivemos tempos terríveis, uma vez que nada é para durar e todos os projetos são passageiros. Entretanto, é preciso lembrar que as utopias dos séculos passados nos levaram a horrores e tragédias sem precedentes, como os massacres nazistas, soviéticos, chineses, as perseguições macarthistas ou as guerras na Coreia, Vietnã e as bombas atômicas no Japão. Morreu-se e matou-se por todas as ideologias – nenhuma potência ou grande corrente ideológica saem incólumes do tribunal do século XX.

Assim, em vez de uma época terrível, essa atual "crise de utopias e projetos" não poderia ser um sinal de maior amadurecimento da humanidade? Não seria um sinal de que a sociedade não mais aceita a ideia de um projeto único redentor e, por isso mesmo, totalitário, uma vez que não admite outros projetos? O fato de a nossa sociedade ser caracterizada pela multiplicidade de propostas – ainda que limitadas – pode ser um ganho: no diálogo, na ação comunicativa, como diria Habermas, é possível encontrar várias respostas para vários problemas. Mais do que isso, é possível aprender no erro e na crítica, é possível voltar atrás. Com todos os problemas, uma sociedade que admite a diferença e a pluralidade é sempre preferível a uma sociedade guiada por um único projeto ou ideia de salvação quase messiânica, a qual não tolera quaisquer outras possibilidades de caminhos de resposta para nossos problemas históricos.

Alunos da Escola Municipal Abílio Gomes, no Recife (PE), usam livros didáticos que podem ser proibidos pela Câmara de Vereadores (Sumaia Vilela/Agência Brasil)

ESCOLA E IDEOLOGIA

Em 2016, ganhou força no Brasil o debate sobre o projeto de lei que pretende incluir as propostas do movimento conhecido como Escola sem Partido nas diretrizes educacionais do país. O Escola sem Partido faz referência a uma suposta "doutrinação política e ideológica" que ocorreria nas escolas brasileiras. A proposta do movimento é afixar um cartaz em todas as salas de aula do Brasil contendo as atribuições do professor, com ênfase na neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado.

Independentemente de qualquer posição sobre o projeto de lei, para uma discussão aprofundada sobre o assunto é preciso, antes de tudo, colocar-se a seguinte questão: é possível uma ciência neutra e imparcial, isto é, destituída de qualquer ideia (ou ideologia) que a norteie?

No século XIX, quando foram formalizadas nas universidades as chamadas ciências humanas, a objetividade (ou "imparcialidade") absoluta era o horizonte das ciências. Augusto Comte, pai do chamado "positivismo", clamava para que a sociologia fosse uma espécie de "física social": tal qual as ciências naturais empíricas, ela deveria descrever a sociedade da mesma maneira que um físico trata da lei da gravidade – isto é, sem envolver a subjetividade do autor. Entre os historiadores, grandes nomes como Fustel de Coulanges e Leopold von Ranke clamavam por uma história que se limitasse a descrever os fatos, de modo que os documentos falassem, e não os autores.

No século XX, entretanto, as ciências mudaram seus paradigmas. A física quântica, por exemplo, mostrou que o sujeito e o objeto são inter-relacionais, ou seja, quando um cientista analisa uma questão, queira ou não, ele já embute nela sua subjetividade. Os historiadores da chamada Escola dos Annales, da mesma maneira, mostraram que alguns historiadores do século anterior, acreditando que estavam fazendo uma história "objetiva", descreviam apenas a história dos reis e políticos, isto é, dos poderosos. Sendo humanamente impossível descrever todos os fatos sob todos os pontos de vista, os cientistas sociais, por mais que buscassem uma neutralidade possível, admitiram que sua análise seria sempre parcial, isto é, limitada.

Pense, por exemplo, que um colega de sua sala de aula foi mordido por um cachorro e fosse pedida uma narrativa do fato por parte de todos que caminhavam nas ruas durante o acontecimento. Certamente, as narrativas seriam diferentes – e nenhuma necessariamente mais falsa do que a outra. As pessoas, invariavelmente, enxergam o mundo a partir de seus lugares, experiências e pontos de vista, e não há nada de errado nisso. Se isso ocorre com um evento banal como a mordida de um cachorro, imagine com a origem do universo, o surgimento do *homo sapiens*, a história da escravidão ou o racismo brasileiro?

Não há conhecimento humano que não esteja contaminado por alguma subjetividade. A filosofia, cabe lembrar, já percebera isso havia muito tempo: pensadores como **David Hume** e **Immanuel Kant**, no século XVIII, já deixaram claro em suas obras como o ser humano entende o universo a partir de suas próprias intuições e categorias, de maneira que o "objeto em si" é inacessível ao nosso intelecto. A objetividade absoluta é um privilégio dos deuses. Entretanto, mesmo que seja parcial e limitado, nosso conhecimento não é algo inútil ou dispensável: diariamente, ele nos possibilita o encantamento com um romance, o tratamento de uma doença antes vista como incurável, o conhecimento de algo sobre o espaço, a lua ou os nossos antepassados.

No bojo desse debate, **Max Weber**, o maior sociólogo do século XX, em seu clássico *Política como Vocação*, não deixou de reconhecer que a objetividade absoluta é impossível: sua defesa por uma neutralidade valorativa consiste na busca de uma neutralidade possível. De qualquer maneira, nesse texto ele não deixou de lembrar como muitos professores de sua época utilizavam a impossibilidade da neutralidade como desculpa para granjear adeptos de suas correntes ideológicas: “Considero, pois, uma irresponsabilidade que o docente aproveite esta circunstância para estampar nos ouvintes as suas próprias ideias políticas, em vez de se limitar a cumprir a sua tarefa: ser útil com os seus conhecimentos e com as suas experiências científicas”. Assim, para ele, “sempre que o homem de ciência surge com o seu próprio juízo de valor, cessa a plena compreensão dos factos”. O texto de Weber, diga-se de passagem, é de 1919 – veja, portanto, como esse problema não é novo.

No Brasil, diferentemente do que tem sido erroneamente propagado na internet, o educador **Paulo Freire** não apoiava a chamada “doutrinação”. Muito pelo contrário, ele preocupava-se em evitar todo tipo de educação autoritária. Nesse sentido, ele chamou de “bancária” toda educação que é vista como um mero processo de transferência de dados, tratando os alunos como depósitos de conteúdos. A educação bancária transforma os homens em seres passivos, meros espectadores do mundo em que vivem, como se não tivessem criatividade nem capacidade de refletir e transformar o mundo. Sob esse ponto de vista, uma escola que sempre “treine” os alunos para provas e para o tecnicismo do mercado, sem fomentar o diálogo e a discussão, seria muito mais “doutrinadora” do que qualquer professor de esquerda ou de direita. Isso porque ela apresenta conteúdos aos alunos como se fossem necessários e naturais, isto é, como se apenas devessem se estruturar dessa maneira.

Em contraposição à educação bancária, Paulo Freire defende uma educação humanista, que mostre como o homem pode transformar a realidade, e não simplesmente adaptar-se a ela. Para Paulo Freire, ensinar não é transferir conhecimentos, mas dar aos educandos condições para que o produzam por si próprios e tenham uma reflexão crítica, despertando a curiosidade e a reflexão. Afinal, a ciência se faz em cima da discussão de problemas, e não de respostas prontas. A educação humanista é dialética, ou seja, homens se educam entre si: o aluno tem tanto a ensinar ao professor, quanto o professor tem a ensinar ao aluno. Em suma, “ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”.

E autonomia é a chave para o entendimento dessa questão. Se a perfeita objetividade em qualquer das ciências é impossível, é preciso que os alunos tenham autonomia e um aparato crítico para entender que nenhum professor é dono da verdade, e que nenhuma teoria pode explicar de forma perfeita e completa a realidade. Com essa autonomia – que só vem verdadeiramente com muita leitura e discussão –, eles podem aprender com o professor, sem, no entanto, necessariamente se igualarem a ele. Essa autonomia não se produzirá automaticamente com o projeto Escola sem Partido ou com mil leis ou fiscalizações estatais. Ela só será possível numa escola na qual pais, alunos, professores e o conhecimento estejam em permanente diálogo.

Link do projeto de lei: http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1317168.pdf

QUEREMOS CRESCER NUM
MUNDO QUE NÃO ROTULE
NOSSAS CORES, BRINQUEDOS
E MUITO MENOS NOSSOS CORPOS

Manifestação no Rio de Janeiro em protesto contra o estupro coletivo de uma jovem de 16 anos, em 2016 (luizsouzarj/iStock)

O MOVIMENTO FEMINISTA E A QUESTÃO DE GÊNERO

Um dos debates mais importantes nestes primeiros anos do século XXI gira em torno da questão de gênero: afinal, o que define “ser homem” ou “ser mulher”? De que forma nossa sociedade diferencia homens e mulheres? Essas questões se tornam cada vez mais incisivas com a percepção de como nossa sociedade patriarcal foi forjada a partir da submissão feminina diante do protagonismo do sexo masculino. Na linha de frente contra essa opressão à mulher, o movimento feminista tem ganhado destaque com a busca por igualdade de direitos em relação ao homem.

Para introduzir essa discussão, é essencial conhecer a visão de importantes pensadores sobre a distinção entre gênero e sexo. No século XX, vários filósofos, destacadamente os franceses Michel Foucault e Simone de Beauvoir, dedicaram-se a pensar o gênero e as relações de poder que envolvem esse conceito. Segundo eles, o sexo é um fator biológico, ou seja, ligado à constituição físico-química do corpo humano. Seria o caso, por exemplo, dos sexos masculino e feminino, associados àqueles que nascem com o corpo ligado a um dos dois grupos. Outra coisa é o gênero. Quando se fala em "gênero feminino", são enfatizadas todas as características que a sociedade associa ao "ser mulher"; quando se fala em "gênero masculino", são enfatizadas todas as características que a sociedade associa ao "ser homem".

Para esses autores, ao contrário do sexo, o gênero não é biológico-natural, mas um constructo sociocultural. Em outras palavras, ao longo da história, cada sociedade criou os padrões de ação e comportamento de determinado gênero. Por exemplo, determinadas sociedades acreditam que alguém do gênero masculino deve ser "lutador", "competitivo" e "corajoso", ao passo que alguém do gênero feminino dever ser "dona de casa", "dependente" e "passional".

Assim, a representação do gênero feminino como submisso, inferior, frágil e dependente do homem é combatida hoje por diversos movimentos feministas, que ganham cada vez mais voz ativa. Esse movimento, cujas raízes remontam ao século XIX, é caracterizado por

Brasileiras protestam pelos direitos da mulher e da comunidade LGBT (FernandoPodolski/iStock) uma grande diversidade de propostas e correntes. Nesse sentido, quatro objetivos básicos podem ser associados ao feminismo.

Em primeiro lugar, o movimento busca **colocar a mulher em pé de igualdade com o homem**. Essa diferenciação é facilmente constatada a partir de inúmeros exemplos na sociedade brasileira. Segundo dados do IBGE, as mulheres, em média, ganham salários 20% inferiores aos dos homens, mesmo tendo maior escolaridade, o que, certamente, está ligado a uma mentalidade que vê a mulher como alguém que necessariamente deve ganhar menos que o homem, mostrando, por exemplo, que todos devem ter o mesmo salário. No passado, muitos colocaram essa situação de inferioridade da mulher como algo natural ou necessário. Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, por exemplo, diziam que a mulher não passaria de um macho "inacabado" ou "deficiente". O feminismo ambiciona, assim, mudar a direção de um pensamento tão enraizado em nossa tradição.

Em segundo lugar, o feminismo **combate todas as formas de opressão contra a mulher**, como a violência doméstica e as chantagens sexuais ocorridas no mundo do trabalho. Nesse sentido, cabe destacar a importância da Lei Maria da Penha, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2006. Entre os avanços, a Lei Maria da Penha definiu claramente o que é violência doméstica e familiar contra a mulher e tipificou essa violência. Outro ponto importante é que determinou que o enfrentamento à violência contra a mulher é responsabilidade do Estado. O nome da lei é uma homenagem a uma farmacêutica que foi espancada de forma brutal e violenta diariamente pelo marido durante seis anos de casamento até ela tomar coragem para denunciá-lo.

Sobre essa questão especificamente, alguns podem perguntar: se todos são iguais, por que deveria haver proteção especial para a mulher? Isso não seria um privilégio? De maneira alguma. Tendo em vista que há uma desigualdade real na posição da mulher na sociedade brasileira, são necessárias, para uma efetivação da justiça, ações positivas que revertam esse quadro. Foi o sociólogo português Boaventura de Souza Santos quem melhor resumiu a questão: "Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades". Igualdade, assim, não significa igualitarismo: igualitarismo significa não reconhecer as diferenças (o que é, certamente, negativo), ao passo que igualdade significa conceder a todos as mesmas oportunidades. É preciso, dessa forma, uma igualdade que reconheça as diferenças e que aja para reverter desigualdades social e historicamente impostas.

Em terceiro lugar, **o feminismo visa a dar à mulher a liberdade de escolher a forma de se comportar e se expressar**, independentemente das convenções de gênero estabelecidas por uma sociedade. Por exemplo, sob o lema *A Dress Is Not a Yes* ("*um vestido não é um sim*"), o movimento chamado Marcha das Vadias teve origem em 2011, no Canadá, para combater o discurso que culpa a mulher pelo estupro: nunca uma mulher, por sua roupa ou pelo horário que escolheu andar na rua, é culpada pela violência que sofre. De acordo com o movimento, ela é sempre livre para escolher por onde circular e como se expressar. E a responsabilidade do estupro é do estuprador.

- 1990 Age-17 -
My Clothing IS NOT MY Consent!
Jeans & A Sweatshirt
PROUD SLUT
I Was Wearing PANTS + a Shirt Was it my FAULT
ALWAYS the Rapist's fault NEVER the Victim's fault

"Marcha das Vadias"em 2012 no Canadá (Jen Grantham/ iStock)

O pior é que muitos não pensam dessa forma. Uma pesquisa encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelou que 30% dos brasileiros concordam com a seguinte frase: "A mulher que usa roupas provocativas não pode reclamar se for estuprada". Essa estatística diz muito sobre o aumento nos registros de estupro no Brasil, que cresceram 157%, entre 2009 e 2013.

Por fim, o **feminismo visa a colocar a mulher como sujeito da própria história**. Nesse sentido, é preciso que as mulheres conquistem maior visibilidade, nas escolas e na universidade, nos meios de comunicação e nos livros de história. Quantas vezes você já ouviu falar de Mary Wollstonecraft? Filósofa inglesa, ela escreveu, durante a Revolução Francesa, *Os Direitos da Mulher,* no qual criticava os franceses por, apesar de terem abolido o autoritarismo do rei, continuarem a ser autoritários com a esposa: "Vocês acabaram com um déspota (Luís XVI), mas continuam permitindo que treze milhões de escravas suportem as cadeias de treze milhões de déspotas".

A livre expressão de gênero é um tema que está na ordem do dia. O filósofo italiano Norberto Bobbio certa vez escreveu que "o direito formado pelo livre jogo de forças em luta é sempre o direito do mais forte". O filósofo alemão Karl Marx, da mesma forma, lembrou como "entre direitos iguais e opostos decide a força". Para eles, se deixarmos as coisas como estão, a tendência é a perpetuação das desigualdades e injustiças. Somente a ação pela igualdade e pela livre expressão pode suprimir injustiças diariamente perpetuadas. E isso é válido não só para o movimento feminista, mas para qualquer iniciativa que busque a igualdade de direitos em diferentes frentes.

VIDEOAULA: O FEMINISMO DE MARY WOLLSTONECRAFT

Clique aqui e assita

DANS LA RUE
LA LIBERTÉ C'EST SACRÉ !
PAS À MA CONSTITUTION 06 63 02 95 27
NS LA RUE
TÉ C'EST SACRÉ !
PrintCarrier

Mulher protesta em Paris, na França, contra a proibição do uso do niqab (tipo de véu islâmico que deixa visíveis apenas os olhos), em 2011. O cartaz diz “na rua a liberdade é sagrada” (Franck Prevel/ Getty Images)

LOCKE E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Na atualidade, há uma crescente tensão nas relações entre liberdade de expressão, tolerância e convivência. Na política, a democracia é um regime que permite a todos a expressão de seus pontos de vista. E vai além: um regime democrático pressupõe que as divergências de opiniões, longe de ser sintomas de um conflito, são férteis, posto que enriquecem o debate.

O problema é que, frequentemente, correntes de opinião assumem um caráter de facção e passam a ter como único objetivo criticar o opositor, utilizando-se para isso de mentiras, trapaças ou argumentos preconceituosos. Diante desse quadro de intolerância que permeia as discussões contemporâneas, surgem algumas questões: como manter a liberdade de expressão e consciência e, simultaneamente, garantir a integridade, a propriedade e a igualdade de todos? Uma opinião cujo fundamento seja a destruição do próximo deve ser tolerada?

Para esclarecer esse ponto, vamos à história da filosofia. O direito de livre consciência surgiu no bojo das guerras religiosas da Europa moderna (1453-1789): os primeiros defensores da liberdade de expressão encontraram na fórmula “cada um, sua religião” a maneira de evitar confrontos religiosos. Pensar a religião como uma questão individual foi uma forma genial de evitar as guerras que ensanguentaram a Europa moderna.

Nesse sentido, coube a Locke, em sua *Carta sobre a Tolerância* (1685-1686), lançar com clareza as bases da noção liberal de liberdade de expressão. No texto, o autor sustenta sua ideia-chave de que a comunidade política tem origem num contrato, cuja função é obter, preservar e ampliar os direitos civis, ou seja, “vida, liberdade, salvaguarda do corpo e a posse de bens externos”. A função do Estado e das leis é tão-somente garantir esses direitos naturais. A jurisdição do Estado termina justamente nesses direitos e não pode interferir na salvação de almas: “Seu poder (do Estado) consiste somente na força externa, e a verdadeira e salvadora religião consiste na persuasão interna da mente”.

Como assim? A comunidade religiosa, pensa Locke, não consiste numa comunidade política, mas em uma comunidade livre e voluntária, na qual as pessoas entram por vontade espontânea e autônoma – e, da mesma forma, podem dela sair. As igrejas seriam, como os clubes, expressões de opiniões particulares, modos privados de fazer e dizer certas coisas. Para ele, a religião é uma questão ligada à consciência individual, sobre a qual todo homem “tem a autoridade suprema e absoluta de julgar por si mesmo”. Como a comunidade religiosa não é uma comunidade política, ela não tem o poder de “outorgar leis” nem de infringir qualquer outra punição além da cessação das relações entre a igreja e o membro. Locke, com esse preciso argumento, fornece um sustentáculo racional e político à autoridade eclesiástica.

Nesse sentido, para Locke, o poder político deve ser **indiferente** à comunidade religiosa: por um lado, não deve restringir ou reprimir suas ações ou crenças e, por outro, não deve favorecê-las e aplicá-las como lei. Assim como o magistrado não pode forçar o homem a ser rico ou saudável, mas apenas garantir a liberdade para que cada indivíduo escolha seu caminho, o cuidado com a alma pertence apenas ao indivíduo, cabendo ao magistrado apenas assegurar a liberdade de escolha.

Aqui, portanto, nota-se que a religião, fruto da livre consciência, se enquadra, do ponto de vista do governo civil, como mais um direito, equivalente à propriedade ou à vida: “O objetivo das leis não é prover a verdade das opiniões, porém a segurança e integridade da comunidade, e a pessoa e as posses de cada homem em particular”. Eis o conceito liberal de tolerância: não implica bem querer, tampouco apoio ou aceitação, mas uma indiferença.

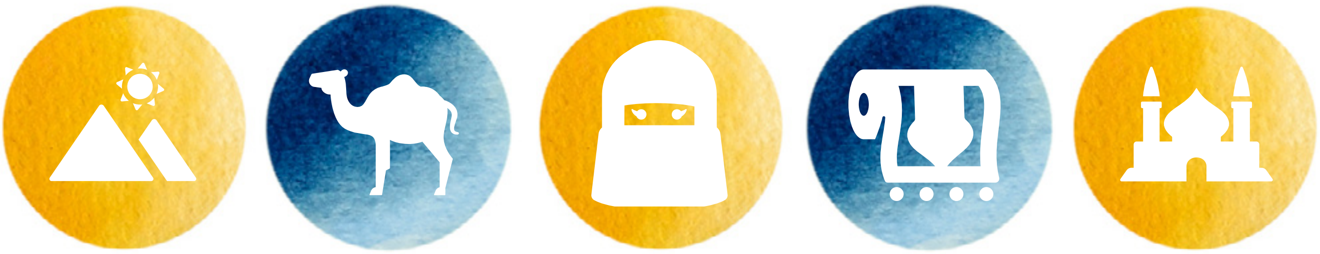
Entretanto, em Locke, a tolerância tem como limite a própria intolerância: a religião que não respeitar os direitos civis ou que não aceitar a tolerância não deve ser aceita. Em caso de conflito entre as leis civis e as crenças religiosas, as primeiras devem ser aceitas: “O bem comum é a regra e a medida de toda a legislação. Se algo não é útil à comunidade, apesar de ser indiferente, não pode ser estabelecido pela lei”. Aquele que julga firmemente que sua religião não deve respeitar as regras da comunidade política deverá aceitar as consequências legais de sua posição.

Esse conceito de tolerância como indiferença, assim, permeará os debates nos séculos posteriores. A própria Constituição brasileira garante que o homem tem direito a ter qualquer opinião, atitude ou crença, desde que elas não façam mal ao próximo – o que expressa o entendimento fundamentado por Locke.

No entanto, por mais que as ideias de Locke pareçam claras na teoria, no momento da aplicação a questão se torna mais tortuosa e difícil. Na França atual, por exemplo, debate-se se a mulher pode ou não utilizar burca publicamente: para alguns, a burca representa uma ameaça à comunidade, pois pode ser usada para esconder bombas ou armamentos, além de ser um atentado às liberdades femininas; para outros, o uso da burca é um direito de expressão religiosa.

O problema, perceba, continua a ser debatido nos mesmos termos de Locke: a burca é um perigo à comunidade (por isso, devendo ser proibida) ou uma maneira de livre expressão da consciência (por isso, devendo ser tolerada)? No presente, quando o medo do terrorismo e a discriminação contra o povo islâmico estão em ascensão na Europa, torna-se mais difícil entender quem, nessa discussão, está exercendo a intolerância.

Como lidar com essa questão? Hoje, o conceito lockiano de tolerância como indiferença talvez seja demasiadamente frágil. No mundo ocidental, temos religiões perseguidas não só pelo governo, como na época de Locke, mas pela própria sociedade. Nesse sentido, é preciso ações positivas (e não indiferentes) do governo para evitar discriminações e repressões contra determinadas religiões, comunidades ou pontos de vista. Locke disse que tolerância não é bem querer, tampouco apoio ou aceitação, e sim uma indiferença. Mas, no mundo atual, talvez seja preciso bem querer a liberdade do próximo: ter um amor não exatamente à religião do outro, mas à diversidade. Por isso, a ideia de convivência seja mais apropriada na contemporaneidade do que a tolerância lockiana.



Palácio do
Congresso Nacional
National Congress
Palace

Barreiras instaladas na frente do Congresso Nacional para separar grupos pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff, em abril de 2016 (Antônio Cruz /Agência Brasil)

A DEMOCRACIA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI

O Brasil dos primeiros anos do século XXI vive uma verdadeira efervescência política: surgimento de novos movimentos sociais, momentos extremos de polarização, desgaste de antigas estruturas e investigações profundas de escândalos de corrupção são alguns aspectos desse momento histórico. A democracia brasileira, em pouco mais de duas décadas, viveu dois processos de *impeachment* presidencial. Nenhum ex-presidente do Brasil ainda vivo está isento de alguma denúncia de corrupção, seja ela injusta ou não.

Mas a questão que nos interessa é: o que isso diz sobre nós? Isso seria prova da fragilidade do regime democrático? Ou, pelo contrário, o problema não reside na democracia, mas na sociedade brasileira? Para refletir sobre a democracia, pensaremos tanto no contexto histórico brasileiro quanto no percurso histórico-filosófico mundial.

Na Grécia antiga, o regime democrático foi implantado pela primeira vez na história por Clístenes, em Atenas, em 508 a.C., e entrou em decadência a partir das conquistas de Alexandre, o Grande, iniciadas em 336 a.C. Na história da filosofia, foram muitos os autores que apontaram para os possíveis problemas da democracia. A maior parte dos filósofos gregos opunha-se à democracia – e esse é o caso de Platão e Aristóteles. Para eles, a democracia é sinônimo de demagogia, isto é, controle daqueles que melhor falam (como os sofistas da época), e não daqueles que estariam preocupados com o bem público. Por isso, Platão defendia um governo de filósofos. Já Aristóteles, mais modesto quanto à capacidade de liderança dos seus pares, propunha que os pensadores não governassem, mas auxiliassem os reis.

A democracia só voltaria ao debate com o Iluminismo, durante o processo de independência dos Estados Unidos, e na Revolução Francesa. A maioria dos filósofos iluministas, como Voltaire e Montesquieu, opunha-se ao regime democrático, de acordo com a fórmula “tudo para o povo, nada pelo povo”: eles defendiam uma monarquia esclarecida, isto é, que impusesse, de cima para baixo, as medidas necessárias para o progresso do país.

A partir do século XVIII, a defesa da democracia foi encampada por alguns filósofos iluministas, como é o caso de Jean Jacques Rousseau, na França, e Thomas Paine, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Para eles, os males da democracia seriam resolvidos pela educação: é o esclarecimento das massas que evita a degeneração da democracia em demagogia, tirania da maioria (opressão da maioria sobre a minoria) ou anarquia (termo que, para eles, se associa à desordem).

Durante a Revolução Francesa e ao longo do século XIX, debateu-se se o voto universal ou censitário seria o mais adequado. A maioria dos liberais, como Benjamin Constant ou Stuart Mill, defendia uma democracia restrita, isto é, com o voto limitado aos homens de renda ou aos intelectuais. Para eles, se todo homem pudesse votar ou ser votado, a propriedade privada estaria mais ameaçada, uma vez que a turba teria uma tendência a lutar pela igualdade.

Nas primeiras décadas do século XX, a emergência de regimes ditatoriais fascistas e socialistas pareceu solapar a democracia: ambos rejeitavam, de maneiras distintas, a herança da

Militares na frente do Congresso Nacional durante protesto a favor da democracia (Fernando Podolski/ iStock)

Revolução Francesa, como a defesa das liberdades individuais. A democracia liberal, com voto universal, foi conquistada na Europa Ocidental apenas após a II Guerra Mundial. Na América Latina e no Leste Europeu, ela foi conquistada somente na década de 1990. Nota-se, portanto, que a democracia é uma conquista historicamente recente em todo o mundo.

No caso brasileiro, especificamente, a democracia é extremamente nova. Após o fim da Ditadura Civil-Militar (1964-1985), a primeira vez que um presidente eleito passou a faixa presidencial para outro, de oposição, igualmente eleito foi em 2003, quando Fernando Henrique Cardoso deixou a Presidência e Luiz Inácio Lula da Silva assumiu.

Além disso, é preciso enfatizar a forte tradição autoritária no Brasil. Após mais de 300 anos de dominação colonial, a primeira Constituição do país, datada de 1824, carregava traços autoritários fortíssimos, como o Poder Moderador, que dava ao Imperador a autoridade de interferir nos outros poderes. Depois da proclamação da República, em 1889, os traços autoritários permaneceram, com uma estrutura política fortemente oligárquica, coronelista e paternalista. Em 1930, Getúlio Vargas impôs ao país uma modernização conservadora sem diálogo concreto com a população, utilizando-se de meios como a tortura, a censura e o fechamento do Congresso. Após a Era Vargas (1930-1945), tivemos um período relativamente democrático, que perdurou até 1964, quando os militares, com o apoio de diversos setores da sociedade civil, derrubaram João Goulart e interromperam o processo democrático. A volta da democracia, com eleições diretas para a Presidência, só ocorreria em 1989.

Essa tradição autoritária e elitista do Brasil e o fato de a democracia brasileira ser extremamente jovem acabam afetando o debate político na sociedade. Para compreender melhor como esse problema se dá, é preciso fazer a distinção entre dois conceitos: partido político e facção. A facção remontaria ao verbo latino *facere* e estaria associada à ideia de um grupo político fechado ao diálogo, dedicado a ações perturbadoras e nocivas contra seus inimigos. Por sua vez, partido também remontaria originalmente a um verbo latino: o *partire*, significando dividir. O partido seria “mais flexível e mais suavizado”, aberto ao diálogo e respeitador do bem comum. O filósofo Nicolau Maquiavel, que fez a distinção dos termos partido e facção em seus Discursos sobre a *Primeira Década em Tito Lívio*, deu um exemplo bem atual: enquanto uma facção se utiliza da “calúnia”, um partido utiliza-se da “denúncia pública”, adaptável ao arranjo republicano.

No Brasil, nesse sentido, muitos tratam o seu “lado” na política como se fosse a parte de uma facção, ou seja, não se sujeitam ao debate, não aceitam o diálogo, demonizam aqueles que pensam de forma diferente e, por fim, não aceitam a realização do processo democrático com a vitória do adversário (que é, note, um adversário, e não um inimigo). Isso vem sendo facilmente observável nesse processo mais recente de polarização política, seja nas ruas, seja nas redes sociais.

Em termos maquiavelianos, a ideia faccionária de política opõe-se à ideia de república, posto que essa última preza pelo bem comum, independentemente das diferenças partidárias. O membro de um partido, mesmo que derrotado, espera um bom governo de seu adversário vencedor, pois preza pelo bem do país acima de tudo; o membro de uma facção, quando derrotado, torce e trabalha pelo mau governo de seu adversário, pois almeja a direção do país a qualquer custo.

Apesar de todos os problemas, não há motivos para dizer que a democracia é um tipo de governo que “deu errado”. Muito pelo contrário, por ser um tipo de governo pouco experimentado na história, ela pode e deve se aperfeiçoar. Mais do que isso: diferentemente de ditaduras ou monarquias absolutistas, a democracia é um regime que, em essência, é aberta ao aperfeiçoamento, e aí reside sua maior virtude. Nesse sentido, Norberto Bobbio, filósofo político italiano que se autodenominava “liberal socialista”, certa vez disse que a única solução para os males da *democracia é mais democracia*. *Em outras palavras, a solução para a corrupção ou a intolerância na democracia nunca será a ditadura, mas uma maior participação política, transparência, informação e debate*. No mesmo sentido, disse o antigo primeiro-ministro britânico Winston Churchill: “A *democracia é a pior* de todas as formas de governo, excetuando-se as demais”. Com todos os problemas, a democracia continua a ser o único tipo de governo capaz de reformar a si mesmo.

☒ **VOLTE AO INÍCIO** ☒ **RETORNE A “ FILOSOFIA E ATUALIDADES”**

G

GLOSSÁRIO

Conheça os principais termos usados na filosofia e o seu significado

Adventício

Do latim, “que vem de fora”. Na filosofia cartesiana, indica ideias provenientes dos sentidos.

Aforismo

Do grego, *aphorismós*, definição. Originalmente, utilizada para exprimir um pensamento filosófico de forma concisa. Nietzsche utiliza-se do aforismo para ressaltar o lado questionador e sugestivo de seu pensamento.

Alienação

Do latim, “não pertence a si”. É quando um indivíduo, por motivos diversos, passa a não ser dono de si próprio. O termo possui vários significados, dependendo do filósofo em questão. Em Marx, quando o homem vende sua força de trabalho, por exemplo, torna-se alienado, perdendo o controle de seu potencial de transformar a natureza.

Apeiron

Termo grego que, na filosofia de Aximandro, indica aquilo que é “indeterminado” ou “infinito”.

Apolíneo

Em Nietzsche, o “espírito apolíneo”, derivado de Apolo, severo deus da ordem e do equilíbrio, representa a razão, a luz, a harmonia e o equilíbrio. Para Nietzsche, o excesso de espírito apolíneo trouxe uma debilitação da própria vida. É o oposto do espírito “dionisíaco”.

Apologética

Do grego, *apologetikós*, defesa. No cristianismo, a teologia apologética é aquela que defende o cristianismo contra seus ataques.

Aporia

Do grego, *aporetikós*, insolúvel. Em Platão, temos uma aporia quando o diálogo termina sem solução final.

A Posteriori

Do latim, refere-se àquilo que é conhecido em razão da experiência.

A Priori

Do latim, refere-se àquilo que é independente da experiência. Na filosofia kantiana, os a priori são, por exemplo, as intuições do espaço e do tempo e as categorias e ideias.

Arquétipo

Do grego, *archétypon*, o tipo original. O termo representa, na psicologia de Jung, uma tendência instintiva do homem (tão instintiva quanto o impulso das aves para fazer seus ninhos), anterior à experiência (a priori). Tais arquétipos exprimem-se nos mitos, lendas, nos sonhos ou na arte, por exemplo.

Ascetismo

Do grego, *askesis*, exercício. Originalmente é uma maneira de viver típica dos monges medievais, que preconizam a renúncia das paixões e dos desejos do corpo para pautar-se no desenvolvimento espiritual. Nos dias de hoje, é utilizado para designar qualquer vida de privações.

Ataraxia

Termo grego que designa um estado imperturbável, típico de um ser que obtém a paz de espírito.

Aufklärung

Palavra alemã utilizada por Kant como sinônimo de Esclarecimento ou Iluminismo.

Autonomia

Originalmente, a palavra designa “nomear-se a si mesmo” e indica alguma forma de determinação. Ao longo da história, os filósofos divergem sobre a maneira de obter autonomia: alguns, por exemplo, valorizam a importância da liberdade política, ao passo que outros dão maior ênfase à autonomia financeira ou intelectual. O oposto de autonomia é heteronomia.

Caos

Do grego, *káos*, abrir-se. O termo provém da Teogonia de Hesíodo e foi utilizado para nomear o estado inicial da matéria indiferenciada, antes da ordem dos elementos universais.

Cartesianismo

Referente ao pensamento do filósofo René Descartes (1596-1650). Dependendo do contexto, o termo pode referir-se a várias atitudes ou a métodos associados ao filósofo. Ele pode ser utilizado: a) como sinônimo de uma atitude inatista, isto é, que considera a existência de ideias anteriores à experiência; b) para simbolizar a dúvida metódica, a qual, para Descartes, era a maneira de chegarmos à Verdade; c) em referência ao racionalismo e à crença na existência de um indivíduo pensante; d) para lembrar-se da noção de que o homem é uma máquina.

Catarse

Do grego, *katharsis*, purificação. Em Aristóteles, designa a purificação das paixões por meio da arte, sobretudo a tragédia.

Ceticismo

Do grego, *skeptikós*, o investigador. Na Grécia, designa uma posição segundo a qual o homem deve suspender o juízo sobre as coisas.

Cinismo

Do grego, *kynikós*, como um cão. Na Grécia, representa uma posição segundo a qual a paz advém do desprezo às convenções sociais.

Cogito Ergo Sum

Do latim, “penso, logo existo”. Para Descartes, a existência do pensamento (o cogito) é indicativo da existência de um sujeito que pensa.

Contrato Social

Ideia básica da filosofia política moderna, segundo a qual a sociedade surge a partir de um pacto entre os cidadãos.

Cosmo

Do grego, *cosmos*, palavra que pode significar “ordem”, “universo” ou “beleza”. A cosmologia é o conhecimento que pensa as origens ou propriedades do universo.

Criticismo

O termo designa o setor do pensamento de Kant que se pergunta “o que posso conhecer?”, ou seja, quais condições e limites de nossa razão. Ele mostra, em seu criticismo, que é impossível conhecer a coisa em si, mas apenas o que nosso pensamento é capaz de conhecer.

Darwinismo Social

Trata-se de um pensamento racista que é um desvirtuamento do pensamento original de Darwin. O darwinismo social aplica as notáveis ideias desse biólogo às sociedades humanas, defendendo que a humanidade é dividida em raças (o que sabemos hoje ser falso) e que há raças superiores e inferiores. O domínio de uma civilização ou classe social sobre outra seria uma questão de “sobrevivência do mais apto”.

Dedução

Operação lógica que busca conclusões a partir de uma ou várias proposições.

Deísmo

Concepção filosófica que acredita numa religião natural e conforme a razão, isto é, que não aceita dogmas ou igrejas estabelecidas.

Dialética

Do grego *dialektike*, discussão. Em Platão, representa o diálogo, que é fundamental para a alma se elevar do mundo sensível ao mundo inteligível. Em Hegel, é um movimento que supera uma contradição. Apesar de Hegel nunca utilizar esses termos, no ensino médio se ensina a dialética hegeliana de maneira didática a partir dos termos “tese”, “antítese” e “síntese”: um momento opõe-se ao anterior e o nega, superando suas contradições. Em Marx e Engels, a realidade concreta é dialética: em vez de a realidade ser estável, numa unidade indiferenciada, ela é um processo de transformação progressiva e constante, tanto evolucionária como revolucionária, e, em suas transformações, dá origem à novidade. Como diria Hegel: “A compreensão dos contrários em sua unidade ou do positivo no negativo”.

Dionisíaco

Derivado do deus Dionísio, em Nietzsche representa a proximidade da natureza e suas forças vitais, a alegria, o excesso, ou seja, o “espírito dionisíaco”, a própria pulsão da vida. É o oposto do “espírito apolíneo”.

Dogma

Pensamento transmitido de maneira impositiva, sem submeter-se à discussão ou experimentação. Na teologia, o dogma indica uma verdade transmitida, por exemplo, pelas Sagradas Escrituras ou pela Tradição.

Ecletismo

Do grego *eklegein*, esconder. Em filosofia, o ecletismo é um método ou atitude de criar um sistema filosófico a partir de elementos de vários sistemas distintos.

Empirismo

Do grego *empeirikós*, médico que trabalha a partir da experiência. Partindo da máxima aristotélica segundo a qual “não há nada no intelecto que não estivesse antes nos sentidos”, é uma corrente filosófica que acredita que todo conhecimento filosófico provém da experiência sensível.

Epicurismo

Pensamento grego oriundo de Epicuro, segundo o qual a paz é obtida a partir da busca pelo prazer *(hedoné)*. O prazer, nesse contexto, simboliza a ausência de dor, e não a busca pela satisfação de desejos de forma desenfreada, o que poderia trazer dores ainda maiores.

Epistemologia

De *episteme*, ciência, logos, discurso racional. A epistemologia – palavra frequentemente empregada como sinônimo de filosofia da ciência ou teoria do conhecimento – investiga as próprias ciências, criticando seu conhecimento científico, sua filosofia e mesmo sua história. Ela pensa a teoria geral do conhecimento (ou gnoseologia) e a gênese e a estruturação das ciências. Quando falamos de racionalismo, empirismo, do aprendizado das crianças, estamos falando de epistemologia.

Epoché

Em grego, significa a suspensão do juízo, método para obter paz.

Erística

De Eris, a deusa da discórdia. É a arte da disputa, desenvolvida pelos sofistas. No sentido pejorativo, é a argumentação que visa à vitória contra o adversário.

Escolástica

Termo que significa “pensamento da escola”, representa o pensamento difundido nas universidades europeias a partir da Baixa Idade Média. Em Santo Tomás de Aquino, é caracterizada pela tentativa de conciliar o pensamento aristotélico com a tradição cristã. A escolástica, cabe frisar, sobreviveu em muitas universidades após ser criticada pelos humanistas e protestantes.

Esotérico

Do grego *esoterilvos*, do interior. Na Grécia, era o ensino ministrado nas escolas gregas. Atualmente, o termo é utilizado para designar o ensinamento ou doutrina secretos.

Estética

Do grego *aisthetikós*, sensações. O termo foi criado pelo filósofo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) para nomear a ciência que estuda a beleza, aquilo que agrada aos sentidos. Atualmente, existem várias correntes que pensam a estética e muitas noções sobre o que é o belo, a arte e o agradável.

Estoicismo

Corrente filosófica grega que prega um equilíbrio entre o homem e o cosmo, com a finalidade de obter a paz de espírito, um estado no qual o homem não é afetado pelos problemas da vida.

Ética

Do grego *ethikós*, casa comum ou aquilo que diz respeito aos costumes. Ramo da filosofia que reflete sobre os problemas fundamentais da moral e sobre as regras de conduta universalmente válidas. Diferentemente da moral, a ética busca elaborar uma reflexão sobre as razões de desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las. A moral, pelo contrário, relaciona-se mais a um conjunto de regras destinadas a assegurar uma vida comum harmônica.

Eudaimonia

Traduzido como felicidade, a origem da palavra representa “ser governado com um bom gênio” ou “bom demônio”. O daímôn era uma entidade na filosofia grega.

Existencialismo

Corrente filosófica cuja proposição máxima é “a existência precede a essência” (Jean-Paul Sartre). Não existindo uma essência humana, cabe ao homem construir-se pelas suas escolhas.

Exotérico

Oposto de esotérico, eram os ensinamentos que, na Grécia antiga, eram ministrados ao público, e não apenas aos alunos da escola.

Fatalismo

Do latim *fatum*, destino. É uma doutrina que acredita existir um destino ou necessidade de que os homens não podem escapar.

Filosofia

Philo significa amor ou amizade e *Sophia*, conhecimento. A filosofia, em sua origem, representa o amor ao conhecimento. Historicamente, entretanto, a palavra sofreu várias transformações. Frequentemente, era utilizada para designar a totalidade do saber. Atualmente, pode designar muitas coisas. Por exemplo, significa tanto uma reflexão sobre um campo do saber (filosofia do direito, filosofia da matemática, filosofia da ciência, filosofia da arte etc.), quanto um campo do saber universitário que se dedica ao estudo da história da filosofia.

Forma

Em Aristóteles, é o princípio de determinação da matéria, isto é, aquilo que a torna “definível”, faz sê-la o que é.

Genealogia

Designa a origem (gene) de determinada ideia, como faz Nietzsche em *A Genealogia da Moral*, quando questiona a origem de nossos valores morais. Michel Foucault retoma o método de Nietzsche para investigar a origem de nossos conceitos e discursos.

Hedonismo

De *hedoné*, que significa prazer, é um nome dado a diversas doutrinas que colocam o prazer como um princípio máximo da vida humana. Pode ser associado tanto à escola epicurista, que prega a busca por prazeres moderados e bons em longo prazo, quanto a um pensamento egocêntrico, preocupado com a satisfação individual.

Helenístico

Refere-se à influência da cultura grega (helênica) no Oriente (Egito, Síria, Pérsia, Mesopotâmia) na Antiguidade, período iniciado pelas conquistas de Alexandre, o Grande (333-323 a.C.) e que se estende até o fechamento das escolas de filosofia no Império Bizantino pelo imperador Justiniano (525 d.C.).

Heresia

Do grego *hairesis*, escolher. É o pensamento que se opõe aos ensinamentos oficiais de uma Igreja.

Holismo

Do grego *holos*, totalidade. É um pensamento que, em vez de considerar o todo como soma das partes, o enxerga como uma unidade, de forma que as partes só podem ser compreendidas a partir do todo.

Humanismo

Movimento intelectual renascentista que se esforça por defender o homem, a razão e o espírito crítico contra a escolástica. Nas universidades renascentistas, os humanistas eram aqueles que valorizavam uma sólida cultura clássica. Na contemporaneidade, os humanistas são aqueles que acreditam que o homem fabrica a si mesmo.

Idealismo

Usualmente, significa uma ausência de compromisso com o mundo concreto. Em filosofia, o idealismo compreende diversas correntes que têm em comum a interpretação da realidade a partir dos ideais. O idealismo radical leva ao solipsismo, isto é, a crença de que todo o mundo não passa de uma criação de nossa mente.

Inatismo

Crença de que certos pensamentos são inatos, isto é, pertencem à natureza humana. A ideia de reminiscência de Platão é uma forma clássica de inatismo, pois acredita que a alma carrega ideias do mundo inteligível, isto é, do mundo das ideias, que é acessível apenas pelo conhecimento, e não pelos sentidos (mundo sensível). Em Descartes, as ideias inatas são a base de sua teoria do conhecimento.

Indução

Uma forma de raciocínio que se processa a partir da observação, movimentando-se do particular ao geral.

Inefável

Aquilo que não pode ser expresso em palavras.

Lógica

Estudo dos princípios e estruturas relativos à argumentação válida.

Logos

Termo fundamental da filosofia antiga, que pode significar razão, palavra ou discurso racional.

Maiêutica

Do grego *maieutiké*, trabalho de parto. Sócrates afirma que, se sua mãe era parteira de crianças, o filósofo era parteiro de ideias: a maiêutica seria o trabalho filosófico de despertar nos homens o pensamento, de maneira que eles são levados a reconhecer a própria ignorância.

Materialismo

Diversas correntes de pensamento que têm em comum a crença de que o mundo material é anterior e independente de qualquer consciência. Os materialistas mais radicais chegam, inclusive, a reduzir a consciência à matéria.

Metafísica

Significa "além da física", isto é, "além da natureza", já que *physis* quer dizer "natureza". Metafísica é a pretensão do conhecimento de ultrapassar o campo da experiência possível, da aparência das coisas, para entender aquilo que se oculta. No mundo clássico e medieval, a metafísica é o campo da filosofia que investiga as causas gerais e a essência do Ser, o ser humano em seu aspecto geral – e não suas particularidades –, e investiga também tudo o que diz respeito ao divino. É Kant quem impõe limites à metafísica, ao mostrar que a razão coloca para si questões que não podem ser respondidas.

Mitologia

Conjunto de mitos de uma determinada tradição. Geralmente, são criações coletivas, transmitidas oralmente e de origem cronológica indeterminada, recorrendo ao mistério e ao sobrenatural para explicar a realidade. No mundo contemporâneo, a palavra "mitologia" costuma ser associada ao erro ou ao engano.

Moral

Do latim *moralis*, costumes. São os costumes, valores e normas de uma sociedade ou cultura, diferente da ética, que considera a ação humana em seu sentido mais abstrato e reflexivo.

Niilismo

Do latim *nihil*, nada. Em Nietzsche, designa a crença de que os valores ocidentais (progresso, Deus, ciência, razão) representam a decadência da Europa, pois seriam a própria consagração do nada. O niilismo de Nietzsche nos leva a defender valores que afirmem a vida.

Nominalismo

Corrente filosófica que se origina na Idade Média, com Guilherme de Ockham, e cuja proposição básica é a crença de que as ideias ou conceitos universais não possuem existência real. Pelo contrário, não passam de nomes.

Númeno

Em Kant, significa a "coisa em si", a realidade em si mesma, e não a realidade para nós, isto é, concebida a partir do que nossa mente é capaz de pensar.

Ontologia

Designa o estudo de uma questão fundamental da metafísica, a questão do "ser". Alguns autores colocam a ontologia como parte da metafísica, enquanto outros a colocam como equivalente a ela.

Ortodoxia

Vem de orto, que significa correto, e doxa, que significa opinião. A ortodoxia é a forma como uma concepção religiosa, política ou filosófica é considerada correta.

Patrística

Termo que designa a filosofia dos "pais" da Igreja Católica, os apologetas, cujo principal expoente é Santo Agostinho. A Patrística representa a formação da base filosófica da doutrina cristã, sendo dominante entre o fim do Império Romano e o advento da Escolástica.

Peripatética

Do grego *peripatetikós*, caminhar. Remete à tradição segundo a qual Aristóteles ensinava filosofia enquanto caminhava em seu Liceu.

Praxis

Em Marx, designa a maneira pela qual o homem, ao transformar a natureza pelo seu trabalho, também transforma a si mesmo.

Racionalismo

Corrente filosófica que, privilegiando a razão como fonte de todo conhecimento possível, nos séculos XVII e XVIII se opôs ao empirismo ao pensar que o conhecimento não deriva totalmente da experiência, existindo, de acordo com Descartes, ideias inatas que, sendo a priori, dispensam as sensações.

Razão

Segundo Descartes, trata-se da "capacidade de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é o que propriamente se denomina o bom senso ou razão, e é naturalmente igual em todos os homens".

Sofisma

Raciocínio incorreto ou enganador, que produz uma ilusão de verdade. O nome deriva dos sofistas, professores de filosofia da Grécia antiga, muito criticados por Sócrates.

Super-homem

Em alemão, *Ubermensch*: designa, em Nietzsche, o homem superior, livre de todo medo e ressentimento, que não procura além das estrelas uma razão para viver, que se supera a si mesmo e vive de acordo com sua liberdade e potência.

Tábula rasa

Expressão utilizada por John Locke para se opor ao inatismo, defendendo que todo conhecimento humano provém da experiência.

Transcendental

Em Kant, a filosofia transcendental é aquela que se ocupa com as condições de possibilidade de conhecimento, isto é, do que é possível à razão conhecer. A Revolução Copernicana de Kant ocorre, justamente, quando a filosofia passa a se ocupar com as possibilidades da razão.

Utilitarismo

Doutrina filosófica que, segundo o filósofo britânico Stuart Mill (1806-1873), defende a ideia de que “as ações são boas quando tendem a promover a felicidade, más quando tendem a promover o oposto da felicidade”.

Utopia

Termo criado pelo britânico Thomas Morus (1478-1535) em 1516, que significa o “não lugar”. Na obra de Morus, utopia designa uma ilha perfeita onde todos viveriam felizes. Atualmente, o termo designa o projeto de uma sociedade ideal e perfeita. No sentido negativo, utopia é algo irreal, fantasioso. No sentido positivo, a utopia é entendida como aquilo que nos move: mesmo que a perfeição não seja atingida, é preciso buscá-la e tê-la em vista para que exista progresso ou mudança.

SIMULADO

Texto para salvar o pdf

FILOSOFIA GREGA

1. (Enem 2016)

TEXTO I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. Fragmentos (*Sobre a natureza*). São Paulo: Abril Cultural, 1996 (adaptado).

TEXTO II

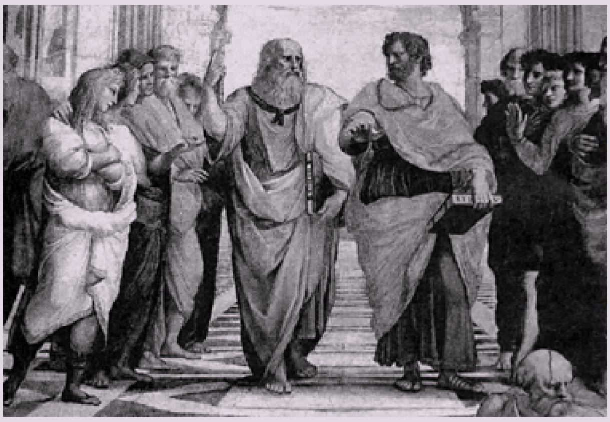
Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênito e indestrutível, pois é compacto, inabalável e sem fim; não foi nem será, pois é agora um todo homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES. *Da natureza*. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das

a) investigações do pensamento sistemático.
b) preocupações do período mitológico.
c) discussões de base ontológica.
d) habilidades da retórica sofística.
e) verdades do mundo sensível.

2. (Enem 2014)



SANZIO, R. Detalhe do afresco *A Escola de Atenas*. Disponível em: http://fil.cfh.ufsc.br. Acesso em: 20 mar. 2013.

No centro da imagem, o filósofo Platão é retratado apontando para o alto. Esse gesto significa que o conhecimento se encontra em uma instância na qual o homem descobre a
a) suspensão do juízo como reveladora da verdade.
b) realidade inteligível por meio do método dialético.
c) salvação da condição mortal pelo poder de Deus.
d) essência das coisas sensíveis no intelecto divino.
e) ordem intrínseca ao mundo por meio da sensibilidade.

3. (Enem 2016)
Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.

LAÉRCIO, D. *Vidas e sentenças dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UnB, 1988.

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:
a) Desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
b) Atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
c) Defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
d) Aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.
e) Agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

FILOSOFIA MEDIEVAL

4. (Uncisal 2012)
A filosofia de Santo Agostinho é essencialmente uma fusão das concepções cristãs com o pensamento platônico. Subordinando a razão à fé, Agostinho de Hipona afirma existirem verdades superiores e inferiores, sendo as primeiras compreendidas a partir da ação de Deus. Como se chama a teoria agostiniana que afirma ser a ação de Deus que leva o homem a atingir as verdades superiores?
a) Teoria da Predestinação.
b) Teoria da Providência.
c) Teoria Dualista.
d) Teoria da Emanação.
e) Teoria da Iluminação.

5. (UFU 2013)
Com efeito, existem a respeito de Deus verdades que ultrapassam totalmente as capacidades da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é trino e uno. Ao contrário, existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo, que Deus existe, que há um só Deus etc.

AQUINO, Tomás de. Súmula contra os Gentios. *Capítulo Terceiro: A possibilidade de descobrir a verdade divina*. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 61.

Para São Tomás de Aquino, a existência de Deus se prova

a) por meios metafísicos, resultantes de investigação intelectual.
b) por meio do movimento que existe no Universo, na medida em que todo movimento deve ter causa exterior ao ser que está em movimento.
c) apenas pela fé, a razão é mero instrumento acessório e dispensável.
d) apenas como exercício retórico.

6. (Enem 2015)

Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim de destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda a sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim.

AQUINO. T. Do reino ou do governo dos homens: ao rei do Chipre. *Escritos políticos de São Tomás de Aquino*. Petrópolis: Vozes, 1995 (adaptado).

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como o regime de governo capaz de

a) refrear os movimentos religiosos contestatórios.
b) promover a atuação da sociedade civil na vida política.
c) unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
d) reformar a religião por meio do retorno à tradição helenística.
e) dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

RENASCIMENTO E ADVENTO DA MODERNIDADE

7. (Enem 2013)

Nasce daqui uma questão: se vale mais ser amado que temido ou temido que amado. Responde-se que ambas as coisas seriam de desejar; mas porque é difícil juntá-las, é muito mais seguro ser temido que amado, quando haja de faltar uma das duas. Porque dos homens se pode dizer, duma maneira geral, que são ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ávidos de lucro, e enquanto lhes fazes bem são inteiramente teus, oferecem-te o sangue, os bens, a vida e os filhos, quando, como acima disse, o perigo está longe; mas quando ele chega, revoltam-se.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

A partir da análise histórica do comportamento humano em suas relações sociais e políticas, Maquiavel define o homem como um ser

a) munido de virtude, com disposição nata a praticar o bem a si e aos outros.
b) possuidor de fortuna, valendo-se de riquezas para alcançar êxito na política.
c) guiado por interesses, de modo que suas ações são imprevisíveis e inconstantes.

d) naturalmente racional, vivendo em um estado pré-social e portando seus direitos naturais.
e) sociável por natureza, mantendo relações pacíficas com seus pares.

8. (Enem 2014)

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes*: a metafísica da modernidade. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)
a) dissolução do saber científico.
b) recuperação dos antigos juízos.
c) exaltação do pensamento clássico.
d) surgimento do conhecimento inabalável.
e) fortalecimento dos preconceitos religiosos.

9. (Enem 2015)

A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito, que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que um deles possa com base nela reclamar algum benefício a que outro não possa igualmente aspirar.

HOBBES, T. *Leviatã*. São Paulo Martins Fontes, 2003

Para Hobbes, antes da constituição da sociedade civil, quando dois homens desejavam o mesmo objeto, eles
a) entravam em conflito.
b) recorriam aos clérigos.
c) consultavam os anciãos.
d) apelavam aos governantes.
e) exerciam a solidariedade.

ILUMINISMO

10. (Enem 2013)

Para que não haja abuso, é preciso organizar as coisas de maneira que o poder seja contido pelo poder. Tudo estaria perdido se o mesmo homem ou o mesmo corpo dos principais, ou dos nobres, ou do povo, exercesse esses três poderes: o de fazer leis, o de executar as resoluções públicas e o de julgar os crimes ou as divergências dos indivíduos. Assim, criam-se os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, atuando de forma independente para a efetivação da liberdade, sendo que esta não existe se uma pessoa ou grupo exercer os referidos poderes concomitantemente.

MONTESQUIEU, B. *Do espírito das leis*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (adaptado).

A divisão e a independência entre os poderes são condições necessárias para que possa haver liberdade em um Estado. Isso pode ocorrer apenas sob um modelo político em que haja

a) exercício de tutela sobre atividades jurídicas e políticas.
b) consagração do poder político pela autoridade religiosa.
c) concentração do poder nas mãos de elites técnico-científicas.
d) estabelecimento de limites aos atores públicos e às instituições do governo.
e) reunião das funções de legislar, julgar e executar nas mãos de um governante eleito.

11. (Enem 2015)

Todo o poder criativo da mente se reduz a nada mais do que a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos fornecem os sentidos e a experiência. Quando pensamos em uma montanha de ouro, não fazemos mais do que juntar duas ideias consistentes, ouro e montanha, que já conhecíamos. Podemos conceber um cavalo virtuoso, porque somos capazes de conceber a virtude a partir de nossos próprios sentimentos, e podemos unir a isso a figura e a forma de um cavalo, animal que nos é familiar.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

Hume estabelece um vínculo entre pensamento e impressão ao considerar que

a) os conteúdos das ideias no intelecto têm origem na sensação.
b) o espírito é capaz de classificar os dados da percepção sensível.
c) as ideias fracas resultam de experiências sensoriais determinadas pelo acaso.
d) os sentimentos ordenam como os pensamentos devem ser processados na memória.
e) as ideias têm como fonte específica o sentimento cujos dados são colhidos na empiria.

12. (Enem 2013)

Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento, malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (adaptado).

O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana na filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que

a) assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.
b) defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.
c) revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.

d) apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.
e) refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

13. (Enem 2016)

Vi os homens sumirem-se numa grande tristeza. Os melhores cansaram-se das suas obras. Proclamou-se uma doutrina e com ela circulou uma crença: Tudo é oco, tudo é igual, tudo passou! O nosso trabalho foi inútil; o nosso vinho tornou-se veneno; o mau olhado amareleceu-nos os campos e os corações. Secamos de todo, e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim; cansamos o próprio fogo. Todas as fontes secaram para nós, e o mar retirou-se. Todos os solos se querem abrir, mas os abismos não nos querem tragar!

NIETZSCHE. F. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Ediouro,1977.

O texto exprime uma construção alegórica, que traduz um entendimento da doutrina niilista, uma vez que

a) reforça a liberdade do cidadão.
b) desvela os valores do cotidiano.
c) exorta as relações de produção.
d) destaca a decadência da cultura.
e) amplifica o sentimento de ansiedade.

14. (Enem 2016)

Ser ou não ser – eis a questão.
Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão
Que dá à desventura uma vida tão longa.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre

a) consciência de si e angústia humana.
b) inevitabilidade do destino e incerteza moral.
c) tragicidade da personagem e ordem do mundo.
d) racionalidade argumentativa e loucura iminente.
e) dependência paterna e impossibilidade de ação.

15. (Unicamp 2011)

A história de todas as sociedades tem sido a história das luta de classes. Classe oprimida pelo despotismo feudal, a burguesia conquistou a soberania política no Estado moderno, no qual uma exploração aberta e direta substituiu a exploração velada por ilusões religiosas. A estrutura econômica da sociedade condiciona as suas formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, ao contrário, são as relações de produção que ele contrai que determinam a sua consciência.

(Adaptado de K. Marx e F. Engels, Obras escolhidas. São Paulo: AlfaÔmega, s./d., vol 1, p. 21-23, 301-302.0

As proposições dos enunciados acima podem ser associadas ao pensamento conhecido como

a) materialismo histórico, que compreende as sociedades humanas a partir de ideias universais independentes da realidade histórica e social.
b) materialismo histórico, que concebe a história a partir da luta de classes e da determinação das formas ideológicas pelas relações de produção.
c) socialismo utópico, que propõe a destruição do capitalismo por meio de uma revolução e a implantação de uma ditadura do proletariado.
d) socialismo utópico, que defende a reforma do capitalismo, com o fim da exploração econômica e a abolição do Estado por meio da ação direta.

QUESTÕES TRANSVERSAIS

16. (Unesp 2013)

A produção de mercadorias e o consumismo alteram as percepções não apenas do eu como do mundo exterior ao eu; criam um mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito refletido faz do sujeito um objeto; ao mesmo tempo, transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu. É enganoso caracterizar a cultura do consumo como uma cultura dominada por coisas. O consumidor vive rodeado não apenas por coisas como por fantasias. Vive num mundo que não dispõe de existência objetiva ou independente e que parece existir somente para gratificar ou contrariar seus desejos.

(Christopher Lasch. *O mínimo eu*, 1987. Adaptado.)

Sob o ponto de vista ético e filosófico, na sociedade de consumo, o indivíduo

a) estabelece com os produtos ligações que são definidas pela separação entre razão e emoção.
b) representa a realidade mediante processos mentais essencialmente objetivos e conscientes.
c) relaciona-se com as mercadorias considerando prioritariamente os seus aspectos utilitários.
d) relaciona-se com objetos que refletem ilusoriamente seus processos emocionais inconscientes.
e) comporta-se de maneira autônoma frente aos mecanismos publicitários de persuasão.

17. (Enem 2012)

TEXTO I

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por feltragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

BURNET, J. *A aurora da filosofia grega*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006 (adaptado).

TEXTO II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: “Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão a impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha”.

GILSON, E.; BOEHNER, P. *História da Filosofia Cristã*. São Paulo: Vozes, 1991 (adaptado).

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que

a) eram baseadas nas ciências da natureza.
b) refutavam as teorias de filósofos da religião.
c) tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
d) postulavam um princípio originário para o mundo.
e) defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

18. (Enem 2012)

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume

a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.

b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

19. (Unesp 2014)

A China é a segunda maior economia do mundo. Quer garantir a hegemonia no seu quintal, como fizeram os Estados Unidos no Caribe depois da guerra civil. As Filipinas temem por um atol de rochas desabitado que disputam com a China. O Japão está de plantão por umas ilhotas de pedra e vento, que a China diz que lhe pertencem. Mesmo o Vietnã desconfia mais da China do que dos Estados Unidos. As autoridades de Hanói gostam de lembrar que o gigante americano invadiu o México uma vez. O gigante chinês invadiu o Vietnã dezessete.

(André Petry. O Século do Pacífico. *Veja*, 24.04.2013. Adaptado.)

A persistência histórica dos conflitos geopolíticos descritos na reportagem pode ser filosoficamente compreendida pela teoria

a) iluminista, que preconiza a possibilidade de um estado de emancipação racional da humanidade.
b) maquiavélica, que postula o encontro da virtude com a fortuna como princípios básicos da geopolítica.
c) política de Rousseau, para quem a submissão à vontade geral é condição para experiências de liberdade.
d) teológica de Santo Agostinho, que considera que o processo de iluminação divina afasta os homens do pecado.
e) política de Hobbes, que conceitua a competição e a desconfiança como condições básicas da natureza humana.

20. (Unicamp 2014)

A dúvida é uma atitude que contribui para o surgimento do pensamento filosófico moderno. Neste comportamento, a verdade é atingida através da supressão provisória de todo conhecimento, que passa a ser considerado como mera opinião. A dúvida metódica aguça o espírito crítico próprio da Filosofia.

(Adaptado de Gerd A. Bornheim, *Introdução ao filosofar.* Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 11.)

A partir do texto, é correto afirmar que:

a) A Filosofia estabelece que opinião, conhecimento e verdade são conceitos equivalentes.
b) A dúvida é necessária para o pensamento filosófico, por ser espontânea e dispensar o rigor metodológico.
c) O espírito crítico é uma característica da Filosofia e surge quando opiniões e verdades são coincidentes.
d) A dúvida, o questionamento rigoroso e o espírito crítico são fundamentos do pensamento filosófico moderno.

RESPOSTAS

1. *A Ontologia é um ramo da metafísica que se dedica a estudar, de maneira racional, qual a natureza essencial do Ser, para além das aparências sensíveis ou dos mitos. Nesse sentido, dentro do pensamento pré-socrático, é essencial o debate sobre a essência do Ser, por exemplo, se ele é divisível em átomos, se é composto por água, terra ou ar ou qual a sua origem. No caso dos textos em questão, o debate se processa da seguinte maneira: para Heráclito, a essência da realidade consiste na mudança e na transformação. Já para Parmênides, apesar das aparências de mudanças, todo movimento não passa de uma ilusão, e a realidade é uma, imperecível e inabalável.*
Resposta: C.

2. *A parte destacada da obra renascentista de Rafael Sanzio remete ao debate metafísico entre Platão e Aristóteles. Platão, tema da questão, era dualista. Isto é, para ele, há, por um lado, uma realidade sensível, acessível pelos sentidos, e uma realidade inteligível, o mundo das ideias, acessível pela filosofia. Como bem retratado no mito da caverna, para acendermos da realidade sensível para o mundo das ideias, devemos recorrer à filosofia dialética, isto é, fundamentada no diálogo e no confronto de discursos (basta notar que as obras de Platão são escritas em forma de diálogos).*
Resposta: B.

3. *O ceticismo é uma corrente filosófica grega do mundo helenístico. Para os céticos, a melhor maneira de obter paz e tranquilidade (ataraxia) é por meio da suspensão de todo o juízo quando estivermos diante da impossibilidade de obter alguma certeza. Em outras palavras, o filósofo que busca a felicidade deve entender que, se todo desconforto provém tão somente de nossos julgamentos, uma ótima maneira de viver em paz treinar a mente para que ela saiba ser indiferente às peripécias mundanas.*
Resposta: C.

4. *Santo Agostinho, em muitos aspectos, apropria-se do dualismo e do inatismo platônico para formular a teologia cristã. Agostinho parte da noção de um Deus que habita nossa alma: "Deus é mais íntimo a nós do que nós em nós mesmos". Nesse sentido, o exercício da fé, para esse filósofo, se processa de maneira bastante pessoal, como se percebe pela leitura de suas Confissões, na qual ele diz que Deus estava "dentro de mim, e eu lá fora a procurar-te". Agostinho, de maneira alguma desvaloriza a razão; mas, para ele, a Verdade plena só é encontrada se o pensamento humano estiver iluminado (daí o nome Teoria da Iluminação) por essa fé que, como vimos, habita no interior de nossa alma.*
Resposta: E.

5. *Uma das maiores contribuições de São Tomás de Aquino para a história da filosofia é a defesa de que, não obstante a importância central da fé, algumas verdades teológicas podem também ser atingíveis unicamente pela razão. Por exemplo, a existência de Deus, para ele, é uma verdade que o homem pode conhecer tanto pela fé quanto pela razão. Para isso, o autor elenca diversos argumentos, fundamentados em Aristóteles, para provar, de maneira racional, que Deus existe. Um deles é o argumento do Primeiro Motor: se, na concepção física de sua época (hoje não mais aceita), para que exista o movimento é necessária uma força externa que faza o universo se mover sem, no entanto, ser movida. Essa força primeira, esse Primeiro Motor, seria Deus. Entretanto, vale lembrar, para o autor, outras verdades são atingíveis apenas pela fé: é o caso, segundo o texto, da Santíssima Trindade (Deus ser, ao mesmo tempo, uno e trino, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo), um dogma, segundo Tomás de Aquino, sagrado e incompreensível para nossa razão.*
Resposta: B.

6. *Em São Tomás de Aquino, toda ação política deve estar sujeita aos princípios cristãos. Se posteriormente, para os filósofos liberais, o dissenso, longe de ser sinônimo de anarquia, poderia levar a um enriquecimento da sociedade, para São Tomás de Aquino, é necessário que os homens tenham um líder que dirija e canalize as aspirações humanas a um mesmo fim que, no caso, estaria ligado às concepções cristãs. Para o autor, se os homens fossem livremente abandonados a si mesmos e seus anseios, a sociedade não poderia cumprir sua finalidade. Nesse sentido, para São Tomás de Aquino, a função da monarquia é, justamente, unir essa sociedade para que ela não se desvie do bem comum.*
Resposta: C.

7. *Em,* O Príncipe*, Maquiavel opera uma grande mudança no que tange à política: para ele, a ética cristã (que inclui, por exemplo, absoluta transparência, sinceridade e integridade) não é suficiente para garantir o bem comum. Para um político, é preciso, quando necessário (e apenas quando necessário), saber ser mau. Nesse sentido, usar máscaras, mentir e, de acordo com o autor, até mesmo matar podem ser atitudes, do ponto de vista político, éticas, uma vez que permitem a garantia da paz, da tranquilidade e do bem comum. Uma das premissas de um bom político, argumenta Maquiavel, é pressupor que os homens são maus, imprevisíveis, inconstantes e guiam-se pelos interesses. No capitulo XVIII de* O Príncipe*, inclusive, o autor argumenta que, se os homens fossem totalmente bons, o príncipe não precisaria, em momento algum, ser mau – deste modo, perceba, ele argumenta que a corrupção de um Estado é fruto da corrupção dos súditos.*
Resposta: C.

8. *Em resposta aos céticos, para os quais nenhuma certeza era possível, Descartes buscou encontrar uma verdade inabalável, a qual serviria de base para a sua filosofia. Garantindo a existência de conhecimentos seguros e inabaláveis, Descartes legitimou a ciência moderna, que, em sua época estava em gestação. Nesse sentido, o autor, para encontrar essa certeza, utilizou da dúvida metódica e sistemática: Descartes questiona todos os conhecimentos* *existentes visando encontrar uma certeza, isto é, algo indubitável. Assim, ele descobre sua certeza: o pensamento (a dúvida) e, por conseguinte, o ser pensante, são certezas inabaláveis (daí a máxima "penso, logo existo"), a partir das quais pode erigir-se uma verdadeira ciência.*

Resposta: D.

9. *Hobbes considera o homem, em essência, um animal medroso. Esse medo advém da real possibilidade dos outros homens tomarem sua vida, seus familiares e suas posses. É por conta do medo que os homens visam aumentar o seu poder, com o qual pretendem garantir a segurança não apenas momentânea, mas também para seus rebentos. Ora, como todos os homens, de igual constituição, visam adquirir esse poder, a consequência lógica é que a natureza humana é a "guerra de todos contra todos", um permanente conflito. A vida natural, de acordo com o autor, é extremamente "solitária, pobre, cruel e brutal." Para Hobbes, a existência de um Estado centralizado seria a única solução para esse problema.*

Resposta: A.

10. *O filósofo liberal Montesquieu defende que o poder tem uma tendência a estender-se e abusar ao máximo de suas prerrogativas. Entretanto, sendo a tirania e a os despotismos prejudiciais às liberdades individuais, é preciso que o poder seja limitado. Em vez de um bom sistema moral ou de ameaças religiosas, para o autor, o melhor freio para o poder é o próprio poder. Por isso, ele defende a tripartição de poderes como garantia da liberdade: o Legislativo, incumbido de fazer leis, o Executivo, incumbido de aplica-las e o Judiciário, incumbido de julgar os homens de acordo com essas mesmas regras. A divisão e vigilância mútua de poderes seriam ótimas vacinas contra o despotismo.*

Resposta: D.

11. *David Hume insere-se no grupo de filósofos que, no campo da epistemologia, receberam a designação de empiristas, sendo esse autor um dos mais radicais nesse campo. Para o empirismo, como bem expresso no texto, os homens nascem como tábuas rasas, isto é, sem ideias inatas (ou seja, ideias gravadas em nossa mente desde o nascimento) ou predisposições. Todas as ideias seriam advindas dos sentidos (ou sensações) e da experiência, de acordo com a máxima aristotélica: "não há nada no intelecto que não estivesse antes nos sentidos".*

Resposta: A.

12. *Immanuel Kant, em sua* Crítica da Razão Pura, *faz uma verdadeira revolução copernicana no campo da epistemologia. Da mesma maneira que Copérnico defendeu que o Sol, e não a Terra, estaria no centro do universo, Kant mostrou que a razão, ao tentar compreender a realidade, também cria e altera os dados que nela chegam por meio da experiência – colocou a própria razão, portanto, no centro dos debates. Dessa maneira, ele superou, por um lado, o empirismo, pois nossa mente não é formada apenas por ideias advindas das sensações, mas também interagem e as modifica; e também superou o racionalismo, pois demonstra que a experiência tem um papel na constituição de nossas ideias, embora nossas* *categorias e sensações interfiram, a priori, nessa experiência. As duas posições, opostas no que tange à natureza do conhecimento, são, em certo sentido, conciliadas e superadas pela revolução transcendental kantiana.*

Resposta: A.

13. *Niilismo é uma palavra que deriva do latim nihil, que significa nada. É preciso notar que existem, na atualidade, vários tipos de niilismo. No caso de Nietzsche, o niilismo refere-se ao vazio de nossos valores e conceitos – nossos ídolos. Para o autor, nossa cultura seria decadente, posto que alicerçada em ídolos vazios tais como Deus, a Verdade, Progresso ou a Ciência. Acreditar no progresso, por exemplo, seria acreditar no nada. Para que o além-homem exista, é preciso, em vez de cultuar esses falsos ídolos, cultuar a própria vida é não procurar "além das estrelas uma razão para viver" (Assim Falou Zaratustra).*

Resposta: D.

14. *O existencialismo de Jean Paul Sartre tem como fundamento a ausência de um propósito, um sentido ou um valor a priori para a vida e existência humana. O ser humano é absolutamente desamparado: sem nenhuma muleta metafísica em que se apoiar, cabe a ele construir a si mesmo. Por isso, a máxima sartreana, segundo a qual a "existência precede a essência." Não existe natureza humana (já que o homem não possui essência), mas condição humana (essa necessidade de autoconstrução). Nesse sentido, a angústia, proveniente da ausência de parâmetros para definir o nosso próprio ser (o desamparo), é parte fundamental da condição humana. O texto de Shakespeare pode ser considerado um precursor do existencialismo, uma vez que traz, justamente, essa questão da angústia ("ser ou não ser?") própria da existência e da consciência humana.*

Resposta: A.

15. *De acordo com o materialismo histórico, a partir das condições materiais de uma sociedade (infraestrutura), pode-se entender sua religião, filosofia, política, em suma, suas formas ideológicas (superestrutura). Cada modo de produção engendra relações de produção: o modo de produção feudal, por exemplo, determina como relação básica os laços entre senhores e servos, ao passo que o modo de produção capitalista tem como modelo as formas de exploração do operariado pela burguesia. Cada relação de produção, dessa maneira, comporta um tipo específico de luta de classes. A ideologia – determinada pela luta de classes – são as ideias (falsas, em essência) impostas pelas classes dominantes aos oprimidos a fim de manter a relação de subordinação. Seria exemplo de ideologia, na visão de Marx, a ideia de que o atual modo de produção é natural e imutável. Devido à exploração e desigualdade, a luta de classes pode acirrar-se e alterar o próprio modo de produção, tornando-se, assim, um motor fundamental da história.*

Resposta: B.

16. *O filósofo alemão Karl Marx assim define, em O Capital, o fetichismo da mercadoria: "neste mundo, as produções do cérebro humano aparecem como seres independentes dotados de vida, e entrando em relações tanto entre si quanto com a espécie humana. O mesmo* *acontece no mundo das mercadorias com os produtos das mãos dos homens." Desta maneira, na atualidade, uma mercadoria não é apenas um objeto, mas comporta em si também um número de fantasias que estão em jogo na hora da compra e da venda. A nossa cultura, assim, não é apenas uma cultura de objetos, mas também – e sobretudo – uma cultura de fetiche da mercadoria.*

Resposta: D.

17. *O filósofo pré-socrático grego Anaxímenes de Mileto e o filósofo cristão medieval Basílio Magno, em perspectivas filosóficas distintas, buscam responder às mesmas perguntas. Por um lado, Anaxímenes de Mileto acredita que a origem (arche) do universo é o ar, cujas alterações determinam as diferenças existentes entre os elementos da natureza. Por outro lado, Basílio Magno diz que a origem (arche) do universo não pode ser algo presente no próprio universo, mas algo exterior a ele – daí a ideia de Deus como a origem de todas as coisas.*

Resposta: D.

18. *As divergências entre David Hume e René Descartes remetem aos debates entre racionalismo e empirismo. Para Descartes (racionalista), por um lado, os sentidos, fonte de engano e confusão, não podem, por isso mesmo, serem convertidos em critério seguro para a formulação de verdades científicas. Já Hume (empirista), por outro lado, acredita que todas as ideias derivam de impressões sensoriais, de modo que não há nada no intelecto que não estivesse antes nos sentidos. A observação, assim, seria um critério justo para a formulação de verdades científicas.*

Resposta: E.

19. *Hobbes coloca como condição fundamental da natureza humana a busca pela ampliação do poder. Tal busca, em suma, deriva do medo da morte, de modo que buscar poder é buscar segurança também no futuro. Como todos os homens, medrosos, almejam o poder, a condição humana só pode ser a competição e a desconfiança – a guerra de todos contra todos. A ampliação do poderio chinês, assim, pode ser relacionada a essa noção hobessiana de natureza.*

Resposta: E.

20. *A filosofia trabalha com conhecimentos que não são, por um lado, dogmas, uma vez que este se define como verdade absoluta e incontestável, nem são, por outro lado, opiniões, uma vez que estas carecem de rigor. O conhecimento filosófico, embasado em argumentação, possui um rigor específico: ele pode ser considerado uma verdade (embora, nunca uma verdade absoluta, posto que sempre pode ser contestada) depois de passar pelo crivo da dúvida. É a dúvida metódica que, aplicada à nossas ideias, as distancia da opinião e do dogma, tornando-as um conhecimento.*

Resposta: D.

EQUIPE:

Texto e Videoaula: Daniel Gomes de Carvalho

Editores: Ana Prado, Fábio Sasaki, Pedro Moreno

Arte: Daniel Ito, Dânue Falcão, Fabio Bosquê, Juliana Moreira,
Simone Yamamoto, Sophia Kraenkel

Guia do Estudante ebook